

2º CICLO DE ESTUDOS

MESTRADO EM ENSINO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO E ENSINO SECUNDÁRIO

Para que serves? Para tudo e para nada.

A percepção dos alunos face à importância da História e da Geografia no seu quotidiano.

Mariana Lemos Pereira

M

2016



Mariana Lemos Pereira

Para que serves? Para tudo e para nada.

A percepção dos alunos face à importância da História e da Geografia no seu quotidiano.

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História e Geografia do 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário

Orientado pela Professora Doutora Cláudia Sofia Pinto Ribeiro e

Coorientado pela Professora Doutora Laura Maria Pinheiro de Machado Soares.

Orientadoras de Estágio, Professora Alcina Ramos e Professora Conceição Abreu.

Supervisores de Estágio, Professora Doutora Cláudia Pinto Ribeiro

e Professor Doutor António Alberto Teixeira Gomes.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2016

Para que serves? Para tudo e para nada.

A percepção dos alunos face à importância da História e da Geografia no seu quotidiano.

Mariana Lemos Pereira

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História e Geografia do 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário

Orientado pela Professora Doutora Cláudia Sofia Pinto Ribeiro e

Coorientado pela Professora Laura Maria Pinheiro de Machado Soares.

Orientadores de Estágio, Professora Alcina Ramos e Professora Conceição Abreu.

Supervisores de Estágio, Professora Doutora Cláudia Pinto Ribeiro

e Professor Doutor António Alberto Teixeira Gomes.

Membros do Júri

Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves

Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Cláudia Pinto Ribeiro

Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professor Doutor Gonçalo Maia Marques

Instituto Politécnico de Viana do Castelo

Classificação obtida: 18 valores.

Índice

Agradecimentos	8
Resumo	10
Abstract.....	11
Índice de figuras	12
Índice de gráficos.....	13
Índice de quadros.....	14
Introdução.....	15
Capítulo I – “Da discussão nasce a luz”	19
1.1. “De livro fechado, não sai letrado” – Reflexões sobre o ensino da História... 21	
1.2. “Do trabalho e experiência, aprendeu o Homem a ciência” – Reflexões sobre o ensino da Geografia.	32
1.3 “Guarda hoje o que não precisas, que amanhã pode servir-te” – A utilidade da História e da Geografia.	40
Capítulo II – “O trabalho do menino é pouco, mas quem o despreza é louco”	44
2.1. Contextualização do estudo de caso	45
2.2. As turmas, os alunos... – Caracterização do grupo experimental	49
2.3. Preparando a investigação - Explicação do estudo de caso	52
2.3.1. Opções metodológicas	52
2.3.2. Instrumentos de recolha de dados	55
2.3.3. Planificação e aplicação dos instrumentos de recolha de dados	57
2.4. Investigando... - relato da investigação e análise dos resultados	64
2.4.1. História.....	64
2.4.1.1. “Let them write” – Inquéritos em História	64
2.4.1.2. “Let them draw” – Desenhos em História	82
2.4.1.3. “Let them talk” - <i>Focus Group</i> em História	90

2.4.2. Geografia.....	95
2.4.2.1. “Let them write”- Inquéritos em Geografia	95
2.4.2.2. “Let them draw”- Desenhos em Geografia.....	112
2.4.2.3. “Let them talk”- <i>Focus Group</i> em Geografia	118
Considerações Finais	121
Referências Bibliográficas.....	127
Anexos.....	130
Anexo 1 – inquérito de História.....	130
Anexo 2 – inquérito de Geografia.....	133
Anexo 3 - pedido de autorização para os encarregados de educação	136
Anexo 4- desenho de História.....	137
Anexo 5- desenho de Geografia.....	138

Agradecimentos

Nesta odisséia que foi o meu ano de estágio, quero agradecer em primeiro lugar às pessoas mais importantes da minha vida: os meus pais. Agradeço por todo o apoio incondicional e por serem os meus mais fiéis críticos e ouvintes, porque sempre me apoiaram na decisão que tomei de ser professora, porque me apoiaram em todos os momentos e por serem tão presentes! Porque sem eles, nada seria possível, porque a eles devo tudo o que sou.

Ao meu melhor amigo e namorado Carlos, por ser o meu apoio incondicional em todas as horas, por me ter ajudado sempre, principalmente nos momentos mais difíceis, por ser a minha força motivadora todos os dias, pelos gestos de carinho e preocupação e por me ajudar a ver sempre o lado simples e bonito das coisas, porque sempre acreditou em mim e no meu valor, por tudo o que alcançámos e construímos juntos... e palavras não chegam para lhe agradecer.

À minha irmã Filipa e ao meu cunhado Daniel, porque mesmo longe, sempre acreditaram em mim e me ajudaram, e sobretudo porque são o meu orgulho, das minhas grandes alegrias e a minha dose de boa disposição diária (ainda que pelo Skype).

À mãe, ao pai, ao Carlos, à Filipa e ao Daniel dedico este meu trabalho, pois são sem dúvida as pessoas mais importantes nesta caminhada e na minha vida. Porque juntos somos FAMÍLIA, na verdadeira aceção da palavra.

Agradeço também às minhas amigas Beatriz Apolinário, Carolina Sarabando, Rita Martinho, Rita Monteiro, Ana Cruz e Rita Mendonça, por todo o alento, toda a partilha de ideias, pela amizade sincera e por terem sido absolutamente fundamentais neste meu percurso. São as amigas de sempre e para sempre.

À Margarida, minha fiel companheira e amiga desta grande aventura, por ser tão parecida comigo e por ter sido tão boa colega durante este ano de estágio. Agradeço toda a partilha de ideias, de conhecimento, toda a ajuda e cooperação. A Margarida foi sempre a pessoa que melhor compreendeu tudo aquilo que senti durante este ano, todas as vitórias, medos, todas as aulas, todo o trabalho foram partilhados com ela. Apesar de meu, este relatório foi também muito “vivido” por ela. À Margarida agradeço TUDO o que fomos durante este ano! Agradeço também por se ter tornado uma grande amiga!

À professora Cláudia Pinto Ribeiro, porque além de professora, orientadora deste relatório de estágio, e supervisora na Escola Secundária Inês de Castro, foi AMIGA e

soube sempre aconselhar-me da melhor forma possível, por ter sido tantas vezes o meu “muro das lamentações” e por estar sempre disponível para me ajudar, porque sempre me motivou e acreditou nas minhas capacidades. Levo-a para a vida, com a certeza que sempre me mostrou como se ensina com o coração e como tudo vale a pena quando ensinamos com amor. Tornou-se um ídolo, um grande exemplo. Não há palavras para agradecer tudo o que fez por mim!

À professora Laura Soares, por toda a partilha de conhecimentos, por estar sempre disposta a ajudar-me, e sobretudo um grande obrigada por me ter marcado neste percurso académico e não ter deixado desvanecer o meu gosto incomensurável pela Geografia.

Às orientadoras da Escola Secundária Inês de Castro, professora Alcina Ramos e Professora Conceição Abreu, por tudo aquilo que me ensinaram, levo o melhor de cada uma, certa que serei melhor professora porque tive o privilégio de aprender com duas grandes professoras. Um muito obrigada por toda a ajuda e disponibilidade durante este ano de estágio.

Aos meus primeiros “diamantes em estado bruto”, porque sem os meus alunos nada faria sentido. Tornaram o meu sonho de menina, uma realidade. E foi uma experiência tão inesquecível graças a todos eles. Agradeço-lhes todas as palavras de carinho e apreço pelo meu trabalho, todos os sorrisos e boa disposição. Porque todos foram especiais e me fizeram sentir realizada e feliz no papel de professora! Serão sempre os primeiros e que sorte eu tive por os ter conhecido. Ser professora é realmente o melhor do mundo!

Por fim, agradeço a todos os meus familiares, a todos os que aqui estão e os que já partiram, mas que estarão também orgulhosos de mim, a todos aqueles que me deram força e acompanharam este meu percurso.

Um obrigada especial à família “do coração”, que ganhei na faculdade: o Grupo de Tradições Académicas do Curso de Geografia, especialmente aos do meu ano e àqueles que sempre acreditaram em mim!

A todos agradeço do fundo do meu coração!

Resumo

Vivemos numa sociedade frenética, uma vida alucinante. Tudo é instantâneo, imediato, toda a ação tem que apresentar uma consequência urgente e visível. O ensino não é exceção. Hoje em dia, nas escolas, alimenta-se a "cultura de nota". Mais do que uma nota no final do período é importante refletirmos sobre o que os nossos alunos aprendem realmente. É importante pensarmos na utilidade daquilo que lhes é ensinado. Será importante desenvolver uma consciência histórica e geográfica nos alunos? Quando terminam a escola, o que terão aprendido realmente? A História e a Geografia terão servido para os tornar pessoas diferentes?

O presente relatório de estágio pretende ser reflexivo, ir ao fundo destas questões no que concerne à utilidade da História e da Geografia. Mais do que isso, pretende refletir sobre o quão úteis se podem tornar estas disciplinas na vida dos alunos, não apenas no sentido utilitário que a nossa sociedade impõe.

Inserido na Unidade Curricular de Iniciação à Prática Profissional do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, este relatório tem como principal objetivo dar a conhecer a opinião de jovens estudantes sobre estas disciplinas e sobretudo apresentar a sua opinião relativamente à utilidade das mesmas. A finalidade desta investigação é demonstrar que a consciência geográfica e a consciência histórica se tornam evidentes nos alunos, através dos exemplos que estes transmitem acerca da utilidade destas disciplinas.

Para a sua execução, a metodologia selecionada baseou-se na recolha de dados qualitativos realizada através de três instrumentos distintos: o inquérito por questionário e o desenho, ao nível das turmas do Ensino Básico, e o *Focus Group*, ao nível do Ensino Secundário, na Escola Secundária Inês de Castro.

Segundo os resultados obtidos, podemos considerar que os alunos apresentam consciência histórica e consciência geográfica, tornando-se evidente pela generalidade dos exemplos de utilidade teórica e utilidade prática transmitidos pelos mesmos, relativamente ao contacto com estas duas disciplinas.

Palavras-chave: Consciência Histórica, Consciência Geográfica, Utilidade Teórica, Utilidade Prática.

Abstract

We live in frantic society, a fast pace life. Everything is instantaneous, immediate. Every action must urgently result in a visible consequence. Education is no exception. The present education system encourages the "aim for the grades". More than focusing on a grade in the end of each term it is important to reflect on how much have our students really learned and retained, as it is important to reflect on the value of what they are taught. Is it important to develop a historic and geographic consciousness in students? When school is over how much will they have really learned? Will History and Geography have help them become different people?

This internship report is intended to be reflective and get deep into the questions above in regards to History and Geography. More so it is intended to reflect on how useful these disciplines can be in the students life after school somehow more than simply the pragmatic sense imposed by our society.

As part of the curricular unit of Initiation of Professional Practice of the Master in Lecturing of History and Geography in 3rd cycle of Basic Education e Secondary Education, of Faculdade de Letras da Universidade do Porto, the main objective of this report is to make the opinion of young students known concerning these disciplines and present their own opinion regarding the value of these. The purpose of this investigation is to demonstrate that the geographic consciousness and historic consciousness are evident in these students through the examples provided by themselves in regards to the value of these disciplines.

The selected methodology for this investigation was based on the analysis of qualitative data collected through three different instruments: Survey and Drawing, for basic education classes, and Focus Group, for secondary education classes, at "Escola Secundária Inês de Castro".

According to the results of the data analysis we can determine the students reveal historic consciousness and geographic consciousness evidenced by the examples of theoretical and practical application provided by themselves regarding their own experience with these disciplines.

Keywords: Historic Consciousness, Geographic Consciousness, Theoretical Application, Practical Application.

Índice de figuras

Figura 1- matriz disciplinar segundo a matriz de Jörn Rösen.....	22
Figura 2- desenho de aluno 1.....	80
Figura 3- desenho de aluno 2.....	80
Figura 4- desenho de aluno 3.....	81
Figura 5- desenho de aluno 4.....	81
Figura 6- desenho de aluno 5.....	82
Figura 7- desenho de aluno 6.....	82
Figura 8- desenho de aluno 7.....	83
Figura 9- desenho de aluno 8.....	84
Figura 10- desenho de aluno 9.....	84
Figura 11- desenho de aluno 10.....	85
Figura 12- desenho de aluno 11.....	85
Figura 13- desenho de aluno 12.....	111
Figura 14- desenho de aluno 13.....	111
Figura 15- desenho de aluno 14.....	112
Figura 16- desenho de aluno 15.....	112
Figura 17- desenho de aluno 16.....	113
Figura 18- desenho de aluno 17.....	113
Figura 19- desenho de aluno 18.....	114
Figura 20- desenho de aluno 19.....	115
Figura 21- desenho de aluno 20.....	115

Índice de gráficos

Gráfico 1: Género dos inquiridos.....	62
Gráfico 2: Género dos inquiridos, em percentagem.....	62
Gráfico 3: Idade dos inquiridos.....	62
Gráfico 4: Idade dos inquiridos, em percentagem.....	63
Gráfico 5: Número de retenções.....	63
Gráfico 6: Número de retenções, em percentagem.....	63
Gráfico 7: Preferência dos alunos relativamente à forma como gostam/gostavam de aprender História.....	68
Gráfico 8: Importância da disciplina de História para os alunos.....	69
Gráfico 9: Opinião dos alunos sobre a contribuição da História para os tornar pessoas mais informadas e participativas socialmente.....	72
Gráfico 10: Opinião dos alunos sobre a utilidade da História no seu dia-a-dia.....	74
Gráfico 11: Género dos inquiridos.....	92
Gráfico 12: Género dos inquiridos, em percentagem.....	92
Gráfico 13: Idade dos inquiridos.....	93
Gráfico 14: Idade dos inquiridos, em percentagem.....	93
Gráfico 15: Número de retenções.....	94
Gráfico 16: Número de retenções, em percentagem.....	94
Gráfico 17: Gosto dos alunos pela disciplina de Geografia.....	94
Gráfico 18: Preferência dos alunos relativamente à forma como gostam/gostavam de aprender Geografia.....	98
Gráfico 19: Preferência dos alunos pelos vários temas da disciplina de Geografia.....	99
Gráfico 20: Importância da disciplina de Geografia para os alunos.....	100
Gráfico 21: Opinião dos alunos sobre a contribuição da Geografia para os tornar pessoas mais informadas e participativas socialmente.....	103
Gráfico 22: Opinião dos alunos sobre a utilidade da Geografia no seu dia-a-dia.....	106

Índice de quadros

Quadro 1: categorização das respostas à questão 5.1. – justificação do gosto pela disciplina de História.....	68
Quadro 2: categorização das respostas à questão 7.1. – Justificação da importância da disciplina de História.....	71
Quadro 3- categorização das respostas à questão 10 – A forma como a História nos pode mudar enquanto pessoas, e na forma de encarar o mundo.....	78
Quadro 4: categorização das respostas à questão 5.1. – justificação do gosto pela disciplina de Geografia.....	97
Quadro 5: categorização das respostas à questão 8.1. – Justificação da importância da disciplina de Geografia.....	103
Quadro 6: categorização das respostas à questão 9.1. – Justificação dos alunos sobre a contribuição da Geografia para os tornar pessoas mais informadas e participativas socialmente.....	105
Quadro 7: categorização de algumas opiniões de alunos sobre a utilidade da Geografia no seu dia-a-dia.....	108
Quadro 8- categorização das respostas à questão 11 – A forma como a Geografia nos pode mudar enquanto pessoas, e na forma de encarar o mundo.....	110

Introdução

A História e a Geografia são disciplinas fundamentais para o desenvolvimento do ser humano e, por isso, é tão importante os nossos jovens aprenderem estas disciplinas na escola. A História mostra-nos o passado, ajuda-nos a compreender o presente e a perspetivar o futuro. Com a Geografia compreendemos melhor o mundo onde vivemos, adquirimos a noção do espaço e a importância das relações entre os seres humanos e o meio ambiente. É somente da importância destas duas disciplinas que vos vou falar nesta minha investigação...

NÃO, NÃO É NADA DISSO! Não é um fundamentalismo que aqui apresento, não quero repetir o que muitos teóricos (e bem) já proferiram sobre este tema. Não apelo à importância da História e da Geografia, porque já todos as sabemos importantes. Não faria sentido repetir o que todos já sabem, não faria sentido apregoar exacerbadamente a importância destas disciplinas. Quero fazer diferente, ir ao âmago da questão, refletir, discutir, levantar questões.

Esta investigação pretende dar voz aos alunos, saber a sua opinião sobre a importância da História e da Geografia, mas vai mais além, pretende ser um trabalho reflexivo sobre Consciência Histórica e Consciência Geográfica, ou seja, até que ponto a experiência do contacto com estas duas áreas do saber nos muda, nos torna pessoas diferentes, não necessariamente melhores nem piores, mas diferentes! Pretendo nesta investigação refletir sobre a “utilidade teórica” e a “utilidade prática” destas disciplinas.

Durante o meu ano de estágio, também os meus alunos foram refletindo sobre estas disciplinas, dando exemplos concretos da sua utilidade no seu quotidiano. Será então que tanto a História como a Geografia deixam marcas, nos transformam, mesmo sem nos apercebermos disso?

Conto-vos aqui algumas histórias.

A primeira é a história de um filme alemão “A onda” de Dennis Gansel, baseado em factos verídicos. Este retrata a experiência de um docente que, nas suas aulas de Autocracia, a uma turma do ensino secundário, aplica com os seus alunos, os mecanismos do fascismo. Teatraliza um regime autoritário fascista, onde o docente seria o chefe supremo do governo e os seus alunos, os seus súbditos. Porém, essa experiência de sala de aula vai para além dos limites e é levada a sério e ao extremo por parte da maioria dos discentes, e estes começam a propagar o movimento “onda” pela cidade. O contacto com

um conhecimento profícuo sobre um tema estruturante em História (o fascismo) mudou os comportamentos dos estudantes. O conhecimento da História foi “abusado”?

O segundo exemplo é verídico e aconteceu no ano de 2004, quando o Papa João Paulo II, em nome do Vaticano, pede perdão pela Inquisição criada pelo Papa Gregório IX, em 1233, para combater a heresia. Durante séculos, esta instituição da Igreja Católica perseguiu e assassinou pessoas que fossem contra os princípios praticados por esta religião. Foram milhares as vítimas por toda a Europa. João Paulo II pediu não só o perdão pelas graves falhas cometidas ao serviço da verdade, referindo-se à tortura, às conversões forçadas, às fogueiras em praças públicas mas também pede perdão pelas feridas deixadas na “memória coletiva” (Halbwachs, 1968). O saber histórico permitiu o reconhecimento, por parte do pontífice, das atrocidades cometidas pela Inquisição. O conhecimento da História torna-nos mais humildes?

O terceiro exemplo prende-se com a guerra do Vietname, em que os EUA dispunham de todo equipamento militar de última geração além de muito dinheiro, mas ainda assim não conseguiu superar o povo vietnamita que utilizou as características geográficas do seu país a seu favor. A Geografia serve para fazer a guerra? Tal como Yves Lacoste defendia?

O último exemplo está relacionado com os jogos do poder no Brasil, levantando questões de geopolítica¹. Apesar de ser um país extremamente rico em recursos naturais, extensão territorial e apresentar um clima favorável para o desenvolvimento, possui uma população pobre, subnutrida e alienada, transformando o Brasil num país explorado pelos países do “primeiro mundo”, liderados pelos Estados Unidos da América. O subdesenvolvimento brasileiro é propositado e controlado pelas grandes nações?

Estas histórias são a prova de que realmente podemos utilizar os conhecimentos históricos e geográficos para transformar o mundo, para marcar a diferença, mais que não seja, poderá existir uma utilidade “invisível”, uma utilidade que não é palpável, onde não podemos dar exemplos, mas que sabemos que intrinsecamente está lá, existe.

¹ . De acordo com Castro (1961, apud Martins: 24) a Geopolítica é “*uma disciplina científica que busca estabelecer as correlações existentes entre os fatores geográficos e os fenómenos políticos, a fim de mostrar que as diretivas políticas não têm sentido fora dos quadros geográficos (...). É apenas um método de interpretação da dinâmica dos fenómenos políticos em sua realidade espacial, com as suas raízes no solo ambiente.*” Pezarat Correia (2012: 245) refere que a geopolítica (...) assenta na combinação da geografia e da política, mas invertendo a interação mútua destes elementos, passando-se de uma geografia como instrumento em benefício da política, a uma política como instrumento colocado ao serviço da geografia.

O papel do docente torna-se então importante no que concerne a esta questão. O professor deve tomar consciência de que aquilo que ensina poderá influenciar os seus alunos, nos seus modos de vida e nas suas atitudes. Para além do conhecimento científico transmitido pelas duas disciplinas, nesta investigação, pretendo aferir se as mesmas transmitem igualmente valores que servirão para mudar, de certa forma, os alunos.

Mas qual foi a razão que me levou a escolher este tema para estudar? Sou reflexiva por natureza, gosto de pensar no porquê das coisas, ir ao fundo das questões. Não me contento com frases feitas, respostas retóricas, e porque toda a minha vida fui aluna, sempre me importei e batalhei por perceber a utilidade das disciplinas que fizeram parte do meu percurso, a razão pela qual existiam no meu percurso escolar e até mesmo a razão pela qual aprendi certos temas. Em alguns casos, percebia de imediato a utilidade, a razão de ser, em outros nem tanto. Hoje sei o que ficou de cada uma, alguma coisa ficou certamente, e serviu na ajuda da construção do que sou hoje.

A vida escolar, tanto para professores como para alunos, apresenta-se cada vez mais frenética, mais stressante, um dia após o outro; as metas curriculares que se devem cumprir escrupulosamente; os horários apertados; as avaliações; e quando existe tempo para parar e pensar? Não existe, simplesmente. E é tão importante pensar na nossa prática, e dar também essa oportunidade aos alunos. Tudo se torna um dado adquirido, a “cultura de nota” é cada vez maior, e ao fim de doze anos na escola o que os nossos alunos aprenderam? Serão piores ou melhores pessoas? Importa refletir.

Definimos algumas questões de partida que nortearam esta investigação:

- Será que o ensino da História e da Geografia modifica os alunos e as suas vivências quotidianas?
- Verão os alunos “utilidade” nas aprendizagens adquiridas em História e Geografia?
- Os alunos apresentam consciência histórica e consciência geográfica?
- Deverá existir um ensino mais reflexivo destas disciplinas?

Aquilo que pretendia compreender e analisar neste trabalho era se os meus alunos teriam a conceção da utilidade destas disciplinas. Se na sua faixa etária seria possível compreender a importância da História e da Geografia. Assim, a minha investigação e objetivo primordial prendem-se, sobretudo, em estudar e analisar a perceção dos estudantes relativamente à importância da História e da Geografia no seu quotidiano.

Sendo a percepção o ato, efeito ou capacidade de compreender alguma coisa, pretendia com esta investigação perceber se, de facto os alunos compreendiam a importância e utilidade destas disciplinas no seu quotidiano.

Para mim, enquanto professora, ainda em iniciação, é fundamental compreender os alunos, escutar as suas opiniões, saber o que pensam sobre estas duas disciplinas. E esta minha investigação, ainda que recaindo numa amostra relativamente reduzida, poderá e certamente irá ser bastante útil para a minha profissão no futuro.

Assim sendo, em primeiro lugar importa mencionar que trabalhei com todas as turmas em que lecionei durante este ano de estágio, utilizando estratégias metodológicas diferentes consoante o meu conhecimento dos alunos e a forma como estes se poderiam expressar melhor e explicar-me a sua opinião relativamente ao tema. Assim sendo, em primeiro lugar, utilizei o inquérito por questionário ao nível do Ensino Básico, nas duas turmas de História do 7.º ano de escolaridade e nas duas turmas de Geografia do 8.º ano. Utilizei também nestas turmas, numa fase posterior (no final do 3.º Período), o desenho como estratégia metodológica.

Ao nível do Ensino Secundário utilizei apenas o *Focus Group* como método de análise das opiniões dos alunos, nas duas turmas do 11.º ano, uma que tem as duas disciplinas, uma opcional (Geografia A) e outra de cariz obrigatório (História A) e a outra turma que apenas tem a disciplina obrigatória (História A). Os métodos foram diversificados ao nível do Ensino Básico, pois queria que os alunos tivessem oportunidade de se expressarem de diversas formas, uma vez que considero que pode ser um tema que para eles seja difícil de exprimir, de apresentarem a sua opinião. Esforcei-me igualmente por adequar as metodologias consoante o conhecimento que tinha dos alunos, adaptando o método à forma como considerava que estes iriam de uma forma mais simples mostrar-me a sua opinião. Assim, foi altamente vantajoso poder cruzar informação entre os diferentes métodos, entre níveis de ensino e tirar as conclusões que irão ser relevantes para o meu futuro profissional.

Posto isto, o meu Relatório de Estágio organiza-se em dois grandes capítulos: O primeiro intitulado “*Da discussão nasce a luz*” pretende ser uma sustentação teórica sobre o tema, após uma leitura aprofundada de obras relevantes sobretudo sobre a consciência Histórica e o Ensino da História, como as de Isabel Barca, Maria Schmidt, Peter Lee, Jörn Rüsen e Marc Bloch e sobre o Ensino da Geografia e o conceito de consciência

geográfica, sustentando-me em obras basilares de vários investigadores, como por exemplo Lana de Souza Cavalcanti e Élvio Rodrigues Martins. O segundo capítulo tem como título “*O trabalho do menino é pouco, mas quem o despreza é louco*”, e representa a parte prática, ou seja, as experiências que realizei no meu ano de estágio sobre a importância da História e da Geografia para o cotidiano dos alunos e que contribuíram para sustentar toda esta investigação enriquecendo-a, pela voz de alunos, que na inocência da própria idade, deram testemunhos autênticos e humildes da concepção que possuem destas duas disciplinas.

Este relatório, em tom de provocação, pretende levantar o véu do manancial de reflexões sobre o ensino destas duas disciplinas. Mas, sobretudo, ousa dar a conhecer àqueles que o lerem a minha própria opinião sobre o tema! As próximas páginas são complexas, mas à medida que o leitor se torna embebido pelo fascínio que transmito por estas disciplinas, a leitura torna-se cristalina, simples e objetiva. Ao fazer-me valer das reflexões teóricas sobre a importância da História e da Geografia, procuro aproximá-las à prática, quando “escuto” as opiniões sinceras dos alunos, pois também eles tiveram oportunidade de pensar. Os exemplos por eles transmitidos são surpreendentes, brilhantes! Abra a mente e reflita, pois certamente encontrará perguntas e respostas inesperadas neste relatório de estágio.

Capítulo I – “Da discussão nasce a luz”

Será sempre um risco discutir a importância do ensino de qualquer disciplina.

Em **primeiro lugar**, porque a nossa opinião será sempre mais uma, poderá ir contra a corrente ou a favor dela, podemos ser alvo de críticas ou ter um *background* seguro que legitima as nossas escolhas. Ambas as perspectivas são igualmente perigosas!

Em **segundo**, porque quando nos posicionamos sobre um assunto devemos ter um conhecimento aprofundando do mesmo para não ousar dizer impropérios. Mesmo assim, eu decidi arriscar, dando a minha opinião nesta investigação, pois para mim só assim faria sentido.

Este enquadramento teórico pretende discutir e clarificar alguns conceitos, tendo em consideração todas as obras consultadas que deram sustentação a esta investigação.

Pretendo, sobretudo, tecer reflexões sobre *consciência histórica* e *consciência geográfica*, a sua importância e pertinência ao nível da Educação Histórica e Geográfica, respetivamente, tendo por base o que já foi redigido por outros autores.

Este primeiro capítulo de sustentação científica encontra-se dividido em três partes: a primeira diz respeito à educação histórica e à consciência histórica. A minha preocupação, neste subcapítulo, passa por dar a conhecer o conceito de consciência histórica, na perspetiva de Jörn Rüsen, pois das leituras que realizei é o conceito que mais vai ao encontro daquilo que defendo e que me orientou durante a minha investigação. Por isso mesmo, este pretende ser um subcapítulo reflexivo.

O segundo subcapítulo vai ao encontro da mesma linha de pensamento, uma vez que apresento o conceito de consciência geográfica e a sua importância para a formação de jovens geograficamente competentes. No entanto, ao contrário do que acontece no primeiro, em que no cenário da definição do conceito existe uma grande panóplia de investigadores que se debruçaram sobre o estudo do conceito definido por Jörn Rüsen, em Geografia o mesmo não acontece. Pelo que consegui apurar, o conceito ainda é pouco conhecido no meio académico e não apresenta a amplitude que deveria assumir.

Assim, este é um capítulo de muita reflexão mas também de levantamento de questões, numa tentativa de dar continuidade aos que outros autores já tentaram definir como “consciência geográfica”.

No terceiro subcapítulo serão apresentados dois conceitos por mim defendidos, são eles: “utilidade teórica” e “utilidade prática”. Nesta parte do trabalho, pretendo transpor a reflexão dos dois conceitos anteriormente abordados para a prática quotidiana. Ou seja, a consciência histórica e a consciência geográfica tornam-se evidentes pelos exemplos de utilidade destas disciplinas. Assim sendo, darei alguns exemplos que comprovam que as disciplinas de História e Geografia são efetivamente úteis para aqueles que as aprendem.

1.1. “De livro fechado, não sai letrado” – Reflexões sobre o ensino da História

Uma vez que esta investigação pretende refletir sobre a utilidade das disciplinas de História e de Geografia, foi para mim essencial investigar outros autores que já tivessem refletido sobre esta temática e, fundamentalmente, compreender a opinião destes sobre a importância destas disciplinas, no seu sentido mais prático. Assim, este subcapítulo tem como objetivo dar a conhecer a opinião de alguns autores sobre a importância do ensino da História e de que forma essa disciplina contribui para o desenvolvimento da consciência histórica nos alunos.

De facto, torna-se fácil justificar a importância da disciplina e há um mar infindável de opiniões sobre o que é a História. Apesar disso, importa-me refletir neste trabalho e surge a questão: para que serve a História?

“A história é testemunha do passado, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, anunciadora dos tempos antigos.” Cícero

“Dar uma descrição exata do que não acontece em nenhum tempo, não é apenas a verdadeira missão do historiador, mas ainda o privilégio inapreciável de todo o homem bem-dotado e de espírito culto.” Oscar Wilde

“A História é a ciência que estuda o Homem no Tempo.” Marc Bloch

“Pensar o passado para compreender o presente e idealizar o futuro.” Heródoto

A História é uma disciplina antiga e todos a sabemos importante, mas com o mundo globalizado onde vivemos tudo se tornou imediato, instantâneo, onde a informação nos chega ao minuto e os jovens estão cada vez mais habituados a adquirir tudo na hora. Assim, nesta perspetiva, sabemos que as Ciências Sociais e Humanas perderam protagonismo e importância, tanto no quotidiano como também no meio escolar e académico. A verdade é que saber História não cura doenças, não permite criar tecnologia cada vez

mais avançada e não faz bem à saúde. Todavia, importa compreendermos a razão pela qual ela faz parte do currículo escolar e os motivos pelos quais é transmitida aos jovens.

Da mesma forma, o Programa de História do 3.º ciclo do Ensino Básico preocupa-se com a formação de jovens no sentido da construção de individualidades, mas sobretudo com o objetivo da intervenção destes na sociedade. Ou seja, as finalidades do Programa da disciplina de História ao nível do Ensino Básico prendem-se com “(...) os diversos aspetos da formação do indivíduo, conciliando o saber e o saber-fazer com a estruturação de um sistema de valores que se traduza em atitudes de autonomia e tolerância, necessárias à intervenção democrática na sociedade”. (1991: 122) De facto, a disciplina de História desenvolve nos alunos aptidões que lhes permitem criticar as suas próprias realidades e vivências. (Mantovani, 2013: 144)

No entanto, apesar da sua importância, esta disciplina tem perdido protagonismo até mesmo na questão da carga horária que lhe disponibilizam. Esta encontra-se nas componentes do currículo “de mãos dadas” com a Geografia. Segundo o Decreto-lei n.º 139/2012, de 5 de julho, no 3.º Ciclo do Ensino Básico, as Ciências Sociais e Humanas (História e Geografia) apenas contam com 200 minutos de carga letiva semanal. Isto quer dizer que, consoante as escolhas de cada escola, estas disciplinas não podem ultrapassar os 200 minutos por semana. Na minha opinião, esta distribuição é insuficiente e desmerecida, quando por exemplo comparada à carga letiva das disciplinas consideradas basilares na formação do aluno: Português e Matemática, que contam com 200 minutos de carga letiva semanal, cada uma. Não retirando a sua devida importância, considero que cingir-nos à importância e apoio nestas duas disciplinas (Português e Matemática) conduzirá a um ensino deficitário. Pelo contrário, considero que uma distribuição mais justa permitiria que em todas as disciplinas se promovesse a boa utilização da língua materna, por exemplo, e em conjunto promover-se-ia uma maior interdisciplinaridade, um ensino mais holístico. Pude comprovar a defesa das disciplinas de Português e Matemática, por exemplo, na escola onde realizei a Prática de Ensino Supervisionada. Logo na primeira reunião geral de professores, fui confrontada com uma filosofia da escola direcionada para as disciplinas consideradas basilares, contando estas com horários semanais privilegiados (só teriam aulas de manhã, considerada a parte mais produtiva do dia, tanto para alunos como docentes), apoio ao estudo complementar a Português e a Matemática, etc. Ou seja, esta filosofia educativa vai certamente ao encontro do que acontece em muitas outras escolas do nosso país, e que não favorece o ensino comprometido, interdisciplinar

e mais voltado para as questões práticas do quotidiano. O aluno deve receber formação consistente nas diversas áreas disciplinares que fazem dele uma pessoa mais completa e preparada para o futuro. Deve haver, por isso, uma preocupação em não menosprezar outras disciplinas, que são igualmente importantes para a formação completa e íntegra dos alunos. E afinal, não será isso que todos os professores pretendem?

A História é primordialmente uma ciência cujo campo de investigação se centraliza nas vivências passadas. Ou seja, está intimamente relacionada com uma visão do mundo e uma leitura das realidades. (Mantovani, 2013: 147)

Assim sendo, mais do que as ciências naturais e objetivas, empíricas e práticas, cujos objetivos e resultados são facilmente compreendidos e assimilados, as ciências humanas como a história são de uma complexidade e subjetividade que importa ser analisada e compreendida. (Mantovani, 2013: 148)

As investigações relacionadas com a Educação Histórica procuram compreender a importância do ensino desta disciplina mas fundamentalmente preocupam-se em tornar este ensino completo, na medida em que seja de tal forma pleno que permita obter resultados práticos na formação dos alunos.

Na minha opinião, o ensino da História deverá abandonar por completo um ensino mecanicista de conceções estereotipadas, voltado para a reprodução de factos e para a transmissão de conhecimentos por parte dos docentes. Deve ser um ensino ancorado nas ideias tácitas dos jovens, em que se desenvolvam processos cognitivos capazes de munir os alunos da capacidade altamente fundamental de se conseguirem situar no tempo e de raciocinarem historicamente (Mantovani, 2013: 148). Ou seja, a História não se deve cingir a uma ciência meramente teórica, armazenando e acumulando conhecimento estagnado, como factos adquiridos, mas deve sobretudo empenhar-se em se tornar uma ciência “utilizável”, com um sentido prático e que se preocupe com o progresso dos alunos ao nível do seu pensamento histórico. No entanto, ser utilizável não significa o mero utilitarismo, ou seja, não significa que tudo deverá ter uma finalidade prática, tal como defende Marc Bloch. “O problema da utilidade da história, no sentido estreito, no sentido «pragmático» da palavra útil, não se confunde com o da legitimidade, propriamente intelectual. O da utilidade só pode aliás, vir em segundo lugar: não é verdade que para agir avisadamente é necessário, em primeiro, compreender?” (Bloch, 1997: 17)

Pois tal como preconizam Arrais e Oliveira (2012), a disciplina de História, só pode e deve acontecer na medida em que seja voltada para a experiência e faça sentido

para a vida prática daquele que a aprende, concedendo-lhe uma identidade. Metaforicamente falando, a História não deve estar arrumada e escondida nos livros em prateleiras de bibliotecas sombrias, carregadas de pó. A História deve ser “um livro aberto” disposto a auxiliar aqueles que se queiram apropriar dessa sabedoria. História não é, nem deve ser, uma ciência esquecida, ultrapassada, não é o simples estudo dos ancestrais.

Neste sentido, Maria Auxiliadora Schmidt e Tânia Braga Garcia afirmam “(...) que a aprendizagem da história seja considerada pelos jovens como significativa em termos pessoais” (Schmidt & Garcia, 2006: 11), ou seja, essa aprendizagem deve proporcionar aos alunos um entendimento mais abrangente, mas em simultâneo mais específico da sua vida. Fundamentalmente, a História deverá auxiliar o indivíduo na construção da sua identidade, situando o mesmo na espessura do tempo. A História pode orientar, dar sentido e contextualizar o ser humano, mas também fazer com que volte o seu olhar para os “outros” que se encontram em seu redor. O ser humano é, por isso, um ser histórico, ainda que não se ocupe muito da reflexão sobre essa dimensão da sua vida.

Comumente ouvimos dizer que a História é um conhecimento de senso comum e é sabido também que não se aprende História somente na escola, mas também através da cultura transmitida nos discursos políticos, nos discursos religiosos, no cinema, nos *media*, nos jogos eletrônicos, na literatura, entre outros (Arrais e Oliveira, 2012). Se aprendemos História em outros contextos paralelos ao escolar, então qual a importância da História como disciplina ensinada aos jovens? É nesta circunstância que emerge a importância do papel do docente de História e a função que este deve desempenhar dentro da sala de aula. É neste contexto que surge igualmente a importância de se ter em consideração as ideias tácitas dos alunos, adequando-as devidamente no contexto escolar.

O aluno não deve ser considerado “uma tábua rasa”, desguarnecido de qualquer experiência de vida. A disciplina de História deve “utilizar” essas ideias dos alunos, dando-lhes consistência e as ferramentas imprescindíveis para que estes consigam interpretar o passado, dando significado ao presente, perspetivando o seu futuro. (Pina, 2015: 290) Ou seja, nesta ideia construtivista, o aluno vai ancorando os novos conhecimentos em ideias tácitas e assim constrói novas concepções e novo conhecimento histórico, modificando ou reforçando as suas concepções prévias, construindo uma aprendizagem significativa.

Neste sentido, Peter Lee defende que “a tarefa da História é fornecer um sentido da nossa própria identidade, mas de uma forma que estimule e facilite a nossa cooperação

com outras pessoas, outras nações e outras culturas” (2006: 134). Impreterivelmente, o objetivo final e mais substancial do ensino da História é a formação da consciência histórica dos alunos (Mantovani, 2013: 146). Neste sentido, a ligação entre passado, presente e futuro ganha consistência pela interpretação que, na minha opinião, o autor Jörn Rüsen faz daquilo que designa por consciência histórica.

Consciência Histórica

Quando decidi debruçar-me sobre o estudo da utilidade e importância do ensino da disciplina de História e após realizar uma revisão bibliográfica, verifiquei a existência de um conceito que ia ao encontro das minhas concepções prévias. Para mim, mais do que a transmissão dos conhecimentos históricos, importava-me perceber o legado funcional deixado por esta disciplina. Esse conceito é o de consciência histórica definido por, entre outros, Jörn Rüsen. Apesar da completa e importante reflexão que Jörn Rüsen apresenta sobre o tema, o conceito por ele definido mostra-se muito complexo e exige uma reflexão filosófica de algo que para mim deve ser bastante simples.

Rüsen desvincula-se dos investigadores de Educação Histórica que ainda se ocupam de um estudo da didática da História alheado dos anseios e necessidades da vida prática humana. Ou seja, na opinião de Rüsen, o ensino da História deve ser voltado para as exigências da sociedade. Assim sendo, os estudos rüseanos, preocupados com as utilidades práticas da História, ganharam importância científica e desbravaram terreno para a realização de novas pesquisas com o foco sobre os processos de ensino-aprendizagem em História (Leal, 2011: 1).

Para Jörn Rüsen (2001), a consciência histórica é a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam a sua experiência da evolução temporal do seu mundo e de si mesmos, de forma a orientar, intencionalmente, a sua vida prática no tempo. (Rüsen, 2001: 57) No que se refere a esta interpretação, atrevo-me a afirmar que a consciência histórica utiliza os conhecimentos do passado e as experiências do presente, conjugando esses dois fatores na tomada de decisões no futuro. Ou seja, a consciência histórica poderá ser interpretada, de uma forma mais simples, como a habilidade do ser humano de se situar no tempo. Todo o ser humano possui um contexto e atua sobre ele, mas é fundamental conhecermos esse contexto temporal a fim de nos posicionarmos perante

ele, de tal forma que consigamos nele intervir, modificando ou preservando as estruturas conhecidas. Assim, esta consciência histórica permite-nos agir no nosso dia-a-dia de forma ponderada, e está presente nas várias opções que tomamos ao longo do dia, ainda que não reflitamos sobre isso. Por exemplo, quando nos deparamos com o património histórico do nosso país e o conseguimos compreender, ou ainda quando adotamos determinados valores políticos de certa facção partidária.

As opiniões de Isabel Barca, Maria Auxiliadora Schmidt e Estevão Martins sobre este conceito corroboram as de Jörn Rüsen. De facto, para Schmidt *et al* (2010), “A consciência histórica caracteriza-se pela sua capacidade de estabelecer uma competência de experiência, de interpretação e de orientação nos indivíduos”. (Schmidt *et al*, 2010: 195)

Por sua vez, Barca (2007) considera que possuir uma consciência histórica “(...) implica adquirir um certo sentido do que é a História, (...) dominar determinadas competências historiográficas, construir uma narrativa consistente da condição humana e refletir.” (Barca, 2007: 117)

Por outro lado, Marília Gago refere: “(...) a consciência histórica sendo uma experiência consciente e inconsciente de relações significativas do presente com o passado(s) e horizontes de expectativa, conjuga o cognitivo com o emocional, o empírico e o normativo, e expressa-se narrativamente. Pela consciência histórica aprofunda-se a orientação do presente e expectativas do futuro com base na investigação histórica geradora de múltiplos sentidos do passado.” (Gago, 2007: 96)

Todos os autores consultados tentam partir de uma definição própria de consciência histórica, mas tendo como base de fundo Rüsen.

Para, de uma forma mais simples, percebermos este conceito, foi elaborado, pelo autor em estudo, um diagrama que conecta a História com a vida prática quotidiana, evidenciando, de forma esquemática, o processo de consciência histórica.



Figura 1 – Matriz disciplinar segundo a matriz elaborada por Jörn Rüsen (2001: 35).

Assim, é suscetível perceber o seguinte: esta matriz é circular, ou seja, não há um ponto de início ou de fim, o que me leva a crer que este processo de consciência histórica deve ser dinâmico e não estanque ou dividido. A análise deste esquema poderia, então, começar por qualquer ponto.

No entanto, segundo Rüsen, o ponto de partida para a reflexão dos alicerces da disciplina de História devem ser os “interesses”. São as carências de orientação que todo o Homem possui para poder viver, ou seja é a procura constante de algo que dê sentido à nossa vida. É aquilo que nos faz querer perceber a razão das coisas, é aquilo que nos faz aprender e querer saber sempre mais, todos os dias. A nossa ação é constantemente motivada pelos interesses, por essa necessidade de nos orientarmos e darmos sentido à vida e às coisas. Seguidamente, os interesses transformam-se em “ideias” que são as “perspetivas orientadoras da experiência do passado”, isto é, a forma como encaramos as experiências do passado, que podem ser adquiridas no contacto com a disciplina de História, na sala de aula. Essa forma de “olhar” para esse “lugar estranho” que é o passado passa a ser orientadora, auxiliando o ser humano na sua vida. Por sua vez, as “ideias” transformam-se em métodos, isto é, em regras de pesquisa empírica e dessa dialética surgem as formas de apresentação do próprio conteúdo histórico válido, que regressa à vida quotidiana em forma de funções de orientação existencial (Rüsen, 2001: 35).

Por outras palavras, neste processo há uma reconstrução do passado, através da experiência que se adquire com o contacto com esse passado. Essa realidade é assimilada, reconstruída e regressa à vida prática quotidiana, possibilitando ao indivíduo uma orientação mais profícua na sua própria vida. A disciplina de História, com as suas teorias e formas de representação, conecta-se com a vida prática dos alunos, influenciando-a e vice-versa. Assim, este contacto com o passado, ainda que não seja físico, mas que acontece nas salas de aula, na disciplina de História, proporciona ao aluno a reconstrução das suas ideias tácitas ou das memórias dos seus avós, por exemplo, e uma nova orientação para agir na sua vida quotidiana. No fundo, a História poderá alterar a nossa maneira de interpretar o mundo e a humanidade. E este processo será tão constante, quanto mais o aluno adquire conhecimento histórico. Neste caso, existe uma relação paralela entre a consciência histórica e o processo de ensino e aprendizagem.

Segundo os diversos autores consultados, Jörn Rüsen, para além do conceito de consciência histórica relacionado com a interpretação e orientação temporal dos indivíduos, cria uma tipologia desta consciência histórica, categoriza-a, agrupando-a em quatro tipologias: a tradicional, a exemplar, a crítica e a genética. No meu ponto de vista, esta tipologia prende-se sobretudo com o facto de os alunos construírem as suas ideias do passado de formas variadas: através dos familiares, dos *media*, dos seus pares, o seu contexto, etc., o que influencia a forma como se desenvolve a sua consciência histórica.

No que diz respeito à “consciência tradicional”, um indivíduo possui uma consciência histórica deste tipo quando, na sua prática e intenção no tempo, utiliza as tradições como elementos da sua orientação. (Pina, 2015: 288) Ou seja, uma consciência histórica do tipo tradicional é aquela que é mais facilmente alcançável, uma vez que o ser humano conhece as suas tradições, pela transmissão, por exemplo, das vivências dos seus pais e avós, e utiliza esse conhecimento do passado para agir no seu dia-a-dia. Assim, a pessoa com uma consciência histórica tradicional orienta a sua vida no tempo de uma forma tradicional, seguindo a tradição que conhece e que foi assimilada pelos seus pais e avós, e depois também pelo próprio indivíduo. O tipo “exemplar” está relacionado com o “tradicional”, uma vez que na consciência histórica exemplar o ser humano acaba por seguir as regras gerais e pessoais utilizadas no passado como referência no seu comportamento. Assim, o indivíduo toma para si os exemplos, as regras de conduta e os sistemas de valores, orientando o seu quotidiano através desses exemplos.

Na consciência histórica do tipo “crítico”, o ser humano coloca sempre em causa a moral vigente, alegando a relatividade cultural dos próprios valores, contrastando com aquilo que é uma universalidade desses mesmos valores, ao que tudo parece ser apenas aparente. (Pina, 2015: 288) Ou seja, este tipo de consciência histórica orienta o indivíduo na sua vida prática, de modo a que este seja mais crítico, colocando em crise as tradições e exemplos que conhece.

Por último, a consciência histórica do tipo “genético” é aquela que se sustenta na mudança, na transformação e no desenvolvimento, orientando o indivíduo de tal forma que este não aceita que o seu futuro seja semelhante ao passado que conhece. Desta forma, há um dilacerar das tradições e dos modelos vigentes na história. (Pina, 2015: 288)

Segundo Rüsen, os quatro tipos de consciência histórica podem coexistir e não existe uma hierarquia evolutiva, segundo o género ou o nível de escolaridade, por exemplo. Estas tipologias podem coexistir na medida em que o indivíduo tem uma multiplicidade de experiências no seu dia-a-dia que o fazem encarar a realidade de diversas formas. O indivíduo não atua sempre da mesma maneira, perante situações diferentes. Esta tipologia torna-se, por isso, um pouco subjetiva e difícil de categorizar.

Preocupa-me, enquanto professora, perceber se a História serviu para abrir horizontes aos alunos, para os alertar para as injustiças, para os tornar mais interventivos, para os tornar diferentes, não melhores nem piores pessoas, apenas diferentes. No fundo, importa perceber se a História os torna mais conscientes do espaço que ocupam na espessura do tempo, conscientes do contexto histórico em que estão inseridos. Só desta forma, considero que o meu papel enquanto professora de História estará a ser realizado da forma correta, ou do modo mais correto possível. Se os alunos perceberem essa importância de aprenderem História e souberem agir no seu quotidiano “aproveitando” o conhecimento científico, mas também as atitudes aprendidas nesta disciplina, então considero que os alunos adquiriram, nas aulas de história, consciência histórica. Na opinião de Rüsen, os professores assumem um papel relevante na formação da consciência histórica dos alunos, “Não podemos só pensar na consciência histórica dos alunos sem olhar a dos professores.” (Martins & Schmidt, 2016: 36)

De acordo com a tipologia de consciência histórica traçada por Rüsen, só na posse da consciência genética é que o ser humano seria capaz de se libertar e produzir o seu próprio quadro de significados (Pina, 2015: 288). Isto leva-nos a acreditar que a plenitude da consciência histórica existe quando o indivíduo é capaz de se situar no tempo de tal

forma que toda a sua vida cotidiana é influenciada por esta forma de ver o mundo, apenas alcançada na tipologia genética. É nesta tipologia que o indivíduo se torna mais ativo e participativo perante a sociedade. É um indivíduo que não se conforma, e conhece de tal forma o passado, que se posiciona perante ele, criando uma mudança. Um aluno com tipologia genética de consciência histórica é um aluno que ao posicionar-se perante aquilo que aprende nas aulas de História, esforça-se por, na sua vida cotidiana, alterar as tradições vigentes numa perspectiva de transformação e desenvolvimento. É o aluno mais “revolucionário” e que questiona e põe em causa as tradições do passado.

Para Rüsen, a principal função da consciência histórica no estudo da disciplina de História é fornecer ao aluno as ferramentas necessárias que o permitam compreender e assimilar o passado numa perspectiva de construção histórica, de tal forma que seja capaz de orientá-lo no tempo” (Leal, 2011: 1).

Das leituras que realizei, podemos categorizar três pilares que fundamentam a Teoria da História, segundo Rüsen, e que se repetem, de certa forma, nas suas obras: a experiência do passado, a interpretação deste passado e o sentido produzido a partir desta interpretação. Esta divisão instrumental torna-se evidente pela regulação mais metódica das investigações do historiador, na formação do indivíduo dentro e fora da sala de aula, e na narrativa expressa por qualquer pessoa ao mobilizar a consciência histórica, o que denunciará formas diferentes de mobilizar o passado e produzir sentido” (Barom & Cerri, 2011: 7). Deste modo, mais do que qualquer tipologia, o importante é que o aluno compreenda o passado, o assimile, o tome como seu, construindo a sua própria identidade. O aluno conseguirá mais facilmente posicionar-se no tempo, saber o lugar que ocupa, agindo no seu quotidiano com base nessa aprendizagem adquirida na disciplina de História, uma vez que a sua forma de mobilizar o passado será ser certamente diferente.

No meu ponto de vista, existem outros conceitos que estão muito próximos daquilo que é a consciência histórica defendida pelos autores já mencionados, que importam também ser abordados e analisados nesta investigação. Esses conceitos são os de Literacia Histórica, defendido por Peter Lee e Competência Narrativa defendido por Jörn Rüsen.

Segundo Peter Lee (2006: 136), “A literacia histórica teria como principal função operacional instrumentalizar o aluno no transcurso do aprendizado histórico, fomentando a sua consciência e a sua capacidade de lidar com o tempo e os processos históricos de forma crítica.” Relacionado com o conceito de consciência histórica, a literacia histórica vai mais além e apesar da habilidade de orientação no tempo, constitui-se também das

ideias dos alunos sobre a própria história. Assim, este conceito é substancialmente uma aplicação prática do conceito de consciência histórica de Rüsen.

De acordo com Peter Lee (2006, cit. por Leal, 2010) um conceito de literacia histórica nortearia as pesquisas em educação histórica ligando o trabalho passado a novas pesquisas, mantendo o foco na forma como os estudantes utilizarão a História para se orientarem no tempo e o modo como a História deve ser ensinada para alcançar esse objetivo. Mais uma vez, torna-se fundamental um processo ensino-aprendizagem em que o professor de História assume um papel relevante. De facto, Lee (2006) pensa na literacia histórica como uma forma de promover o conhecimento histórico no aluno.

Tentando converter a relação deste conceito com o de consciência histórica em algo mais acessível, no meu ponto de vista, ambos promovem o mesmo: a orientação do aluno na sua vida prática, tendo por base o conhecimento histórico que o aluno detêm. No entanto, Peter Lee demonstra uma outra preocupação para que se cumpra essa finalidade, que se prende com a forma como a História é ensinada aos jovens: a de trabalhar a consciência histórica dos alunos. Desse modo, a História terá obrigatoriamente que ser “utilizada” pelos estudantes.

Um outro conceito que apresenta uma relação igualmente umbilical com os dois já supramencionados é o de competência narrativa. Segundo Rüsen (2007), a competência narrativa é a “eficiência de orientação, a capacidade das pessoas de constituir sentido histórico, a partir da interpretação de seu mundo e de ‘si’ mesmas”. Ainda na opinião deste autor (2007, cit. por Schmidt *et al*, 2010: 59), a “Competência Narrativa é a habilidade da consciência humana para levar a cabo procedimentos que dão sentido ao passado, fazendo efetiva uma orientação temporal na vida prática presente por meio de uma recordação da realidade passada” (2010:59). As ideias fundamentais que retiro deste conceito são as seguintes: em primeiro lugar, este conceito em tudo se assemelha aos anteriores, ou seja, estamos sempre a falar do mesmo (da orientação da vida prática do aluno por meio da experiência com o passado), a segunda é que enquanto a consciência histórica se remete para o nível cognitivo, ou seja, o indivíduo fica “apto”, “capaz” de fazer uso da experiência com o passado para agir na sua vida prática, a competência narrativa é quando o indivíduo já possui essa habilidade e coloca-a efetivamente em prática, por via da narrativa, pois utiliza procedimentos que dão sentido ao passado.

Percebemos fundamentalmente que estes conceitos quase se conseguem confundir, tornando-se, apesar de importantes, demasiado teóricos para aquilo que é a prática quotidiana.

No fundo, a “consciência histórica” está intimamente relacionada com a nossa vida prática, com o agir no tempo, com essa percepção que se alcança do passado que nos auxilia a atuar no presente. Deste modo, a disciplina de História é fundamental para preparar os jovens com uma formação que os enriquecerá e poderá servir para os tornar cidadãos mais responsáveis, participativos e, sobretudo, conscientes. A preocupação de investigadores e professores deve ser a mesma: como é que os alunos constroem o seu conhecimento histórico e de que forma o rentabilizam nas pequenas/grandes decisões das suas vidas. A História deve, por isso, responder à necessidade diária que apresenta o ser humano: a de formular hipóteses, fundamentar as suas escolhas e tomar as suas decisões.

A História tem, por isso, uma grande potencialidade de orientação.

No fundo, e tal como diz Nietzsche (1874) “Precisamos de história. Mas de maneira diferente daquela que o passeante mimado no jardim do conhecimento está acostumado a usá-la. Não importa o quão elegantemente ele possa olhar para as suas necessidades grosseiras e angústias. Ou seja, nós precisamos da história para a vida e para a ação. (...) Nós desejamos usar a história unicamente na medida em que ela nos serve para viver.” (Nietzsche, 1874 cit. por Schmidt & Martins, 2016: 44)

1.2. “Do trabalho e experiência, aprendeu o Homem a ciência” – Reflexões sobre o ensino da Geografia.

À semelhança do subcapítulo anterior, onde foram apresentadas as potencialidades da disciplina de História, dando a conhecer alguns conceitos que enfatizam a relação da História com a vida prática quotidiana, irei neste subcapítulo apresentar as opiniões de alguns teóricos sobre o ensino da Geografia e a sua importância. Para além disso, apresento dois conceitos que, na minha opinião, se interligam, que são consciência espacial e consciência geográfica, sendo que este último, apesar de ainda pouco conhecido no meio académico, tem vindo a ser desenvolvido pelo geógrafo Élvio Rodrigues Martins.

Torna-se importante estabelecer, desde já, alguns paralelismos entre o que falamos sobre a História, e o que vamos falar agora, em Geografia. Estas são duas Ciências Sociais e Humanas que sempre estiveram muito relacionadas quer na vida comum, quer no que

diz respeito ao currículo e ao meio escolar, podendo até ser complementares uma da outra. Existem muitas opiniões e estudos sobre a relação entre a História e a Geografia e o seu ensino “articulado”, ou não fizesse eu parte da geração de professores ‘bidisciplinares’ que na sua formação inicial de professores aprendeu a lecionar estas duas disciplinas. Feliz ou infelizmente, essa relação foi de pouca duração. Mas não é de todo sobre essa discussão que importa refletir neste relatório.

Em primeiro lugar, considero que a Geografia diverge da História quanto à facilidade com que podemos justificar a sua potencialidade prática, e a sua importância na vida quotidiana dos alunos. Desta forma, a reflexão sobre este assunto, no que diz respeito à Geografia, não carece de tanta discussão, como a meu ver, a de História, uma ciência mais abstrata, mas igualmente fundamental.

Em segundo lugar, a História e a Geografia convergem por serem duas Ciências Sociais e Humanas que se podem complementar. Uma é a ciência do espaço, outra a ciência do tempo. E como ‘no espaço lemos o tempo’ (Schlögel, 2007) de uma forma muito simples posso referir que ambas servem para orientar o ser humano na sua vida. É sabido também que a Geografia não serve para descobrir a cura para certas doenças nem para nos tornarmos mais saudáveis, mas serve para muitas outras coisas. São essas potencialidades que poderemos comprovar nas páginas que se seguem.

Não será inconveniente começar esta reflexão pelo que a meu ver é o início, o mais simples, e o mais decisivo: o que é a Geografia, qual o seu campo de estudo, e as potencialidades da sua aprendizagem na escola.

Decorrente das mudanças paradigmáticas e das várias correntes do Pensamento Geográfico, a definição e a interpretação desta ciência, e do seu campo de estudo tem vindo a sofrer algumas alterações, à semelhança das teorias sobre o Ensino da Geografia. Através da Carta Internacional da Educação Geográfica (1992), ficamos a compreender que a Geografia é:

“ (...) a ciência que procura explicar as características dos lugares e a distribuição da população, dos fenómenos e acontecimentos que ocorrem e evoluem à superfície da Terra. A Geografia diz respeito às interações do homem com o ambiente no contexto de lugares e localizações específicas. As suas características especiais são a extensão do estudo, a diversidade da metodologia, o trabalho de síntese feito a partir de outras disciplinas incluindo a ciências físicas e as humanidades e o interesse na futura gestão das relações entre a população e o ambiente.” (1992: 5)

No documento citado, refere-se ainda que a Geografia é indispensável para o desenvolvimento de cidadãos responsáveis e ativos na atualidade e no futuro. É indispensável uma vez que vivemos num mundo com uma grande diversidade de problemas económicos, políticos, sociais e ambientais que necessitam de respostas, de soluções. A Geografia tem capacidade de tentar encontrar essas respostas.

Segundo Yves Lacoste (2001: 171), “A Geografia deve estar bem consciente de que analisando espaços, ela fornece ao poder informações que permitem agir sobre os homens que vivem nesses espaços”.

Conhecendo a abrangência do objeto de estudo da Geografia, conforme foi possível comprovar pela definição desta ciência, importa não dispersarmos do essencial, que se prende com o ensino desta disciplina.

A Comissão de Educação Geográfica afirma que a educação geográfica é imprescindível para o desenvolvimento de cidadãos responsáveis e ativos no mundo atual e no futuro (1992), ou seja, a educação geográfica, neste caso, nas escolas, permite aos jovens desenvolverem-se enquanto cidadãos. Deste modo, fá-los tomar consciência da importância de ter um papel ativo e interventivo na sociedade. De facto, é através desta educação geográfica que os jovens começam a compreender o meio onde estão inseridos e que o seu comportamento e o dos demais interfere com o meio natural.

Tal como o ensino da História, o ensino da Geografia necessita de acompanhar o desenvolvimento da humanidade, deve orientar o aluno, e deve ser um ensino voltado para a experiência do aluno e que faça sentido para a sua vida prática.

Dada a abrangência do campo de estudo e a inter-relação que estabelece com outras ciências humanas a Geografia, enquanto disciplina, deve definir claramente os seus objetivos. Tal como tenho vindo a defender, ao longo deste trabalho, considero que é fundamental os alunos perceberem para que servem estas disciplinas, qual a sua utilidade. Neste ponto de vista, não será demais reforçar que o ensino da Geografia deve, por isso, ser um ensino capaz de munir os alunos de habilidades geográficas que lhes permitirão ser capazes de agirem de forma mais consciente, no seu dia-a-dia.

Apesar de o ser humano não ocupar muito do seu tempo a refletir na razão das coisas, a verdade é que o contacto com a Geografia auxilia bastante o ser humano, nas suas ações mais simples, enquanto ser social. No fundo, pode aprender-se Geografia em

diversos contextos, seja através dos *media*, numa viagem, etc. A razão pela qual esta disciplina é importante passa pela cientificidade que oferece às concepções tácitas dos alunos. É certo que basta os alunos saírem das suas casas, para contactarem com a realidade em estudo. No entanto, cabe à disciplina de Geografia aproveitar essas experiências quotidianas dos alunos, dando-lhes consistência.

O professor de Geografia deve assumir um papel fundamental para que neste contexto o aluno reconheça validade nesta disciplina, mas sobretudo para mostrar aos jovens a realidade, fundamentando as suas ideias prévias.

Vários são os autores que se ocupam do estudo da importância desta disciplina. Segundo Herculano Cachinho (2000:83), “é através da Geografia que as pessoas aprendem a ler e a interpretar o mundo...”. Deste modo, a Geografia vai-se evidenciando paulatinamente no quotidiano das pessoas. Autores como Herculano Cachinho (2000) e Xosé González (1998) defendem uma dimensão mais “prática” da Geografia, tal como se tem vindo igualmente a preconizar nestas páginas. No fundo, acreditam que a Geografia fornece ensinamentos que são absolutamente proveitosos na resolução de problemas que surgem no dia-a-dia, sejam eles económicos ou até relacionados com o lazer, dado que com a crescente globalização a necessidade prática do conhecimento geográfico aumenta, isto porque as necessidades da sociedade aumentam também.

Segundo Cachinho (2000: 84) “(...) nenhuma outra área do conhecimento pode dotar melhor os alunos da competência de «saber pensar o espaço» imprescindível (...) para o exercício da cidadania responsável (...).” Com o auxílio desta ciência, os indivíduos adquirem a capacidade de visualizar espacialmente factos ocorridos à superfície terrestre, relacionando-os entre si.

Também as Orientações Curriculares do 3º ciclo, na disciplina de Geografia (1991) vão ao encontro deste princípio e traçam um objetivo fundamental para o Ensino da Geografia: o de formar cidadãos geograficamente competentes:

“O cidadão geograficamente competente é aquele que possui o domínio das destrezas espaciais e que o demonstra ao ser capaz de visualizar espacialmente os factos, relacionando-os entre si, de descrever corretamente o meio em que vive ou trabalha, de elaborar um mapa mental desse meio, de utilizar mapas de escalas diversas, de compreender padrões espaciais e compará-los uns com os outros, de se orientar à superfície terrestre. É também aquele que é capaz de interpretar e analisar criticamente a informação

geográfica e entender a relação entre identidade territorial, cultural, património e individualidade regional” (1991: 6).

A educação geográfica deve procurar e estar comprometida com a formação da cidadania responsável e relacionada com a sustentabilidade do mundo, situando o indivíduo nas esferas políticas, económicas, sociais e naturais. Por isso, o ensino da Geografia deve focar-se na preparação do jovem para a realidade do mundo onde habita, não descuidando todas as dimensões que dizem respeito à Geografia (Carneiro, 1999).

Aquilo que me preocupa, enquanto professora, é que por vezes este ensino voltado para o quotidiano dos alunos não é praticado, caindo-se num ensino mecanicista e pouco construtivista e/ou problematizante. Nas aulas de Geografia lêem-se e interpretam-se mapas, estuda-se o espaço, os conceitos e temas programáticos, segundo as Metas Curriculares em vigor no Ensino Básico ou o Programa Curricular, no Ensino Secundário, sem se questionar as condições dos alunos e os seus modos de vida, sem ter em consideração as dinâmicas que organizam e estruturam os seus espaços quotidianos.

De acordo com Yves Lacoste (2006, cit. por Nogueira e Carneiro, 2009), “saber pensar o espaço” é condição *sine qua non* para a vida em sociedade, participando nos seus próprios processos, nas suas tomadas de decisão, agindo democraticamente, no fundo saber ser e estar nos contextos sociais. Assim, para Lacoste, o saber pensar o espaço relaciona-se com o conceito de ‘consciência espacial’ ou ‘consciência espacial cidadã’ como é proferido por outros autores. Esta ideia de espacialidade e de consciência espacial, para Lacoste, mais não é do que o saber pensar o espaço, fazendo uma leitura crítica, ética e responsável do mesmo (Lacoste, 2006, cit. por Nogueira e Carneiro, 2009). É sobre o conceito de consciência espacial que nos debruçamos de seguida.

De acordo com Cavalcanti (2006), “um ponto de partida para se refletir sobre a construção de conhecimentos geográficos, na escola, parece ser o papel e a importância da Geografia para a vida dos alunos.” (2006:11). Na opinião da autora “há um certo consenso entre os estudiosos da prática de ensino de que esse papel é o de prover bases e meios de desenvolvimento e ampliação da capacidade dos alunos de apreensão da realidade sob o ponto de vista da espacialidade, ou seja, da compreensão do papel do espaço nas práticas sociais e destas na configuração do espaço.” (Cavalcanti, 2006:11)

Existe uma relação dialética entre o Homem e o lugar, que deve ser desenvolvida nas aulas de Geografia. “Se o espaço contribui para a formação do ser humano, este, por

sua vez, com a sua intervenção, com os seus gestos, trabalho, atividades, transforma constantemente o espaço.” (Cavalcanti, 2006:11) Assim sendo, o espaço e as concepções que possuímos dele são construídos na própria prática social quotidiana. Portanto, a consciência espacial deve ser construída do decurso da formação do ser humano, incluindo aí a formação em contexto escolar. (Cavalcanti, 2006)

Na opinião desta autora, o ensino da Geografia deve ir ao encontro do desenvolvimento da capacidade de apreensão da realidade do ponto de vista da sua espacialidade. Corroborando com a opinião de Cavalcanti, o objetivo fundamental do ensino da geografia é o de desenvolver nos alunos uma concepção espacial da sua própria realidade.

Das leituras efetuadas sobre este assunto, deparei-me com um outro conceito, o de ‘consciência geográfica’. Indo ao encontro das minhas próprias concepções prévias e tendo por base uma tentativa de “comparação” com o conceito de consciência histórica, considero que este conceito em tudo se assemelha ao referido anteriormente. Ou seja, quando falamos desta habilidade de pensar o espaço e de o compreender, estamos a falar da consciência espacial ou, dito por outras palavras, consciência geográfica.

Assim, o conceito de consciência espacial e o conceito de consciência geográfica abordam as mesmas questões e por isso, fundamentalmente, continua-se a abordar a questão essencial da espacialidade, defendida por outros autores como Resende (1994), Callai (2005) e Cavalcanti (2006).

Mas como já salientei, o conceito de consciência geográfica tem vindo a ser desenvolvido pelo geógrafo Élvio Rodrigues Martins.

Para chegar ao que denomina por consciência geográfica, Martins (2009) inicia uma discussão sobre “o que é a Geografia?”. O autor acaba por reconhecer algumas definições que foram aceites até ao momento, como por exemplo o conceito de consciência espacial, “apropriando-se” destes no sentido de melhorá-los e ampliá-los. Assim, na definição do significado de consciência geográfica, Martins (Martins, 2009:17) tenta constituir alguns princípios que o balizam. São eles: “Localização, distribuição, distância, densidade e escala.” Assim, torna-se, desde já evidente, que o autor vai mais além da dimensão da localização.

Estes princípios são apreendidos pela consciência humana através da relação que existe entre a natureza e a sociedade, à qual o indivíduo tem acesso uma vez que faz parte

dessa mesma realidade. Quando essa relação dialética ocorre, “uma determinação fundamental da existência ganha sentido em ato e potência. E esta determinação se explicita quando fazemos a pergunta cardinal: *onde?*” (Martins, 2009:17)

Corroboro o pensamento de Martins (2009) no que diz respeito à consciência geográfica, pois para o autor o conceito estabelece-se mediante a capacidade que os indivíduos possuem de se questionarem (“*onde estou?*”) baseando-se nas suas próprias experiências. Tal consciência surge através do reconhecimento do sentido de localização, de espacialidade.

De acordo com o mesmo autor, quando fazemos a questão *onde?*, a localização dos próprios fenómenos não se torna aleatória, tudo tem uma razão de ser e aí se torna necessário compreender os princípios que balizam essa localização:

“E quando algo se localiza, o faz em relação aos outros e, nisto, a localização nos remete à distribuição. E nesta, uns em relação aos outros estarão mais ou menos distanciados, eis a noção de distância. E distâncias que variando, nos permitem falar em densidade que sendo mais ou menos intensa, significa maior ou menor número de elementos em relação, e a possibilidade de um conjunto desses se relacionar com outros, pode-nos remeter à noção de escala.” (Martins, 2009:17)

Por outras palavras, é por meio desta síntese entre localização, distribuição, distância, densidade e escala, que o ser geográfico se desenvolve. De facto, ninguém sabe de si, se conhece, se não souber onde está, o espaço que ocupa.

Assim sendo, a consciência geográfica passa por entender essa determinação geográfica da existência (Martins, 2009:17). No entanto, surge-me a pergunta: qual será o grau de consciência que o indivíduo possui deste complexo fenómeno apresentado por Martins? Acredito que os indivíduos compreendem este processo mediante a apreensão da relação dinâmica da qual temos vindo a falar: relação espaço-sociedade. De acordo com Martins, é através da resposta às indagações: “onde estão as coisas?” ou “porque razão estão aqui e não noutra local qualquer?”, “que a consciência se forma, o mapa pode ser criado e, por esse motivo, se ensina Geografia, a educação da consciência geográfica.” (Martins, 2009:18).

O espaço acaba por fundamentar a forma como concebemos e encaramos as coisas no mundo. Acredito, então, que de acordo com o que tem vindo a ser referido, a consciência geográfica é o prolongamento da experiência do próprio indivíduo no mundo. Ou

seja, os indivíduos ‘frequentam o mundo’ e em simultâneo procuram compreendê-lo. Assim, a Geografia se torna tão importante no auxílio da construção desta consciência geográfica: consciência do espaço que ocupamos no mundo.

Também o autor Eric Dardel (2011), mais recentemente, se debruçou sobre este conceito. Apesar de na sua obra – *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica* (2011) - utilizar mais o conceito de consciência de forma isolada, considero que para o autor a consciência geográfica advém ou é um prolongamento da própria consciência, e por isso estão associadas.

Dardel (2011) tenta aproximar os conceitos de geograficidade (relação Homem-meio) com o de consciência geográfica, pois segundo ele, é através dessa geograficidade que surge a consciência geográfica. Ou seja, mais uma vez vamos ao encontro do que Martins (2009) defende, pois dessa relação (Homem-meio) em que se desenvolve a consciência geográfica, a própria realidade proporciona uma orientação em relação ao mundo (Dardel, op.cit.). Ainda de acordo com este autor,

“a realidade geográfica é para o Homem, então, o lugar onde ele está, os lugares da sua infância, o ambiente que atraía a sua presença. Terras que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, os seus deslocamentos quotidianos através da cidade.” (Dardel, 2011:34)

Assim, se comprova uma vez mais, aquilo que defendo neste relatório de estágio: que a Geografia e a construção da consciência geográfica se tornam fundamentais para o quotidiano dos alunos, mais que não seja pela consciência que adquirem da realidade, dos outros e de si mesmos. A Geografia modifica aqueles que a aprendem e torna-se crucial para a construção do próprio “eu” enquanto ser social, mas sobretudo enquanto cidadão geograficamente competente.

No fundo, a realidade geográfica é responsável pela formação da consciência geográfica, e onde é que essa realidade é dada a conhecer de uma forma mais consistente, aprofundada e de uma forma mais holística? Nas aulas de Geografia.

De facto, a consciência geográfica, no meu ponto de vista, tal como acontece na História com a consciência histórica, resume-se à capacidade que o indivíduo (neste caso o aluno) adquire de compreender o espaço que ocupa no mundo, ou seja, o aluno orienta a sua vida prática tendo em conta o conhecimento que tem do espaço e das relações que

nele ocorrem. Deste modo, a consciência geográfica, mais do que relacionada com a questão da espacialidade, ou seja, da orientação literal do ser humano no espaço, ela deverá orientá-lo num sentido mais amplo, orienta-lo culturalmente, socialmente, economicamente, ambientalmente e politicamente. Neste contexto, o objetivo fundamental do ensino da Geografia será o de desenvolver nos alunos esta consciência geográfica, orientando-os na sua vida quotidiana.

Luísa Silva e Conceição Ferreira afirmam que (2000) a Geografia como disciplina integradora do mundo natural e humano, desempenha um papel fundamental no conhecimento e compreensão da sociedade e planeta em que vivemos. No fundo, a Geografia conduz ao desenvolvimento de uma consciência espacial do mundo, encarado a diferentes escalas, devendo passar pelo estudo das inter-relações entre o espaço físico e o espaço humano, ou melhor, do espaço geográfico como um todo.

1.3 “Guarda hoje o que não precisas, que amanhã pode servir-te” – A utilidade da História e da Geografia.

No fundo, quando falamos da importância do ensino da História e da Geografia, falamos necessariamente do que elas transmitem, que é na sua plenitude a formação de uma consciência histórica e geográfica nos alunos, que lhes permitam agir no seu quotidiano. Mas não serão estes conceitos demasiados complexos e distantes daquilo que acontece nas salas de aula? De facto, conhecendo a realidade de perto, considero que estes conceitos (apesar de importantes) não são perceptíveis nem pelos alunos nem pelos professores. Assim, durante o estágio, procurei perceber se os alunos reconheciam importância e utilidade a estas disciplinas. Mais do que perceber se os alunos apresentam determinado tipo de consciência, importa compreender se realmente a História e a Geografia servem para mudar a forma de agir destes jovens.

Nos dois subcapítulos anteriores debrucei-me sobre o estudo da consciência histórica e da consciência geográfica. No entanto, no meu entender torna-se fundamental neste momento do trabalho retirar algumas conclusões mais práticas, abordando outros dois novos conceitos: a utilidade prática e utilidade teórica destas disciplinas.

Como foi possível compreender, fui revelando a minha opinião sobre o tema em estudo, pois para mim é essencial refletir sobre a temática, posicionando-me perante ela. Assim, este subcapítulo pretende ser sobretudo reflexivo e opinativo, como um ponto de viragem entre o enquadramento teórico e a componente prática deste estudo.

Tal como já foi referido, o meu grande objetivo neste trabalho foi compreender a perceção dos alunos, de História e de Geografia, relativamente à importância destas disciplinas para o seu quotidiano. Ou seja, se estes lhes reconheciam utilidade. Importa, neste momento, desmitificar a noção de utilidade.

Segundo o dicionário Online de Português², utilidade provém do latim *utilitas* e, significa: “Qualidade de útil, do que tem uso, préstimo, serventia. Uso de algo com um fim específico; Caraterística do que acarreta benefícios e vantagens (...)” Apesar desta definição, considero, que no que concerne à utilidade das disciplinas de História e Geografia podemos falar de duas utilidades distintas. Uma utilidade prática e uma utilidade teórica.

Quando comecei a refletir sobre a utilidade destas disciplinas e sobre o meu objetivo para este trabalho, pretendia, sobretudo, perceber o que “ficava” intrínseco relativamente às mesmas, tanto para o futuro dos jovens, mas principalmente para o seu quotidiano. Assim, considerei que seria subjetivo criar variadas categorias de utilidade, tanto da História como da Geografia, mas que ao abordar o conceito estariam intrínsecas duas dimensões da própria utilidade: uma mais visível, utilitária e prática e outra mais simbólica e teórica. No meu ponto de vista, falar da teórica torna-se mais complexo do que abordar a prática.

Quando falo da primeira, penso numa utilidade mais intrínseca ao ser humano, que sabemos que existe, mas que não é tão visível, nem tão palpável. Ou seja, **utilidade teórica** tanto da História como da Geografia poderá passar pelo legado deixado na nossa forma de pensar, de ser. Por exemplo, considero que tanto a História como a Geografia nos podem tornar mais tolerantes e solidários, uma vez que nos apresentam outras realidades, diferentes da nossa.

No entanto, não é comum existir por parte do indivíduo uma reflexão sobre esse legado atitudinal transmitido por estas disciplinas. Apesar disso, ele tem a consciência que a História e a Geografia o pode mudar enquanto pessoa.

² Acedido, Junho, 22, 2016, em <https://www.dicio.com.br/utilidade/>

Outro exemplo pode prender-se com o conhecimento de diversos aspetos, que nos foram transmitidos por estas disciplinas e que consideramos já tão nossos, tão naturalmente intrínsecos àquilo que somos, que não fazemos o paralelismo entre esses conhecimentos e as disciplinas em estudo. Apesar de podermos aprender e ter contacto com estas disciplinas fora do contexto escolar, o certo é que se o processo ensino-aprendizagem for suficientemente completo e eficiente, os alunos tornar-se-ão mais informados sobre os diversos temas abordados na disciplina. Para além de que, no limite, o contacto com estas disciplinas garante cientificidade aos conhecimentos transmitidos.

No fundo, considero que a aprendizagem de História e Geografia modifica, de certa forma, os próprios alunos. Ou seja, o contacto com estas disciplinas servirá para tornar os jovens pessoas diferentes. Não me refiro somente aos conhecimentos científicos que dizem respeito às duas disciplinas, mas também às atitudes que estas transmitem, tais como: tolerância, solidariedade, respeito, sensibilidade, espírito crítico, reflexão, responsabilidade, entre outras. No meu entender, o contacto com estas disciplinas possibilita a construção e/ou consolidação destas atitudes, que se manifestam no quotidiano dos alunos e que lhes permitem atuar na sua vida de maneira diferente. O ensino das emoções também carece de muita relevância, ainda que nas salas de aula, muitas das vezes, não se tenha o mesmo em consideração.

Com esta utilidade teórica, considero que será fundamental, nas aulas de História e de Geografia consciencializar os jovens, em cada tema, em cada pormenor cativante, em cada conhecimento transmitido, para a importância de aprender determinado assunto, não descurando as emoções que estão intrínsecas a essas aprendizagens! Da mesma forma que os professores ensinam determinado tema, importa não descurar que o mesmo tema servirá também para a construção do aluno como pessoa, uma formação que se pretende íntegra. Assim, a Escola deverá ter o papel não só de ensinar, mas também de formar cidadãos responsáveis, e é essa premissa que não deve sair dos horizontes dos professores, lapidadores de diamantes em bruto.

A utilidade teórica das disciplinas de História e Geografia é, no fundo, a marca deixada na alma de quem as aprende, que não é visível ou palpável, mas que sabemos que existe, que faz parte de nós. Esta utilidade é, por isso mesmo, de maior complexidade.

A **utilidade prática** da História e da Geografia prende-se com ações quotidianas que são “facilitadas” pelo contacto que temos ou tivemos com estas disciplinas. Por exemplo, quando sabemos utilizar um mapa de forma correta, estamos a utilizar uma competência desenvolvida em Geografia. A Geografia está, por isso, a revelar-se útil na vida prática. Ou, por exemplo, quando vamos de viagem e visitamos determinado monumento, e conseguimos explicar aos nossos acompanhantes o contexto histórico em que este surgiu, as personalidades ilustres da nossa História que por lá passaram. A História está a revelar-se útil. Ou quando percebemos determinadas expressões sobre os grandes feitos do povo português, ou sobre o legado deixado pelos Gregos, por exemplo.

Outro exemplo prende-se com a própria compreensão da paisagem, ou seja, quando viajamos de carro e compreendemos a tipologia das cidades, o ordenamento do território, ou simplesmente quando compreendemos que certas habitações não deveriam ter sido construídas em leito de cheia ou em zonas de arriba. Saber Geografia torna-se útil na compreensão do território que se encontra mais próximo de nós! Mais exemplos estão ligados à própria meteorologia, quando compreendemos as sucessivas alterações do estado de tempo, ou quando percebemos a razão pela qual a variação da temperatura é maior entre o Verão (temperaturas muito elevadas) e o Inverno (temperaturas muito reduzidas) nas regiões do interior no nosso país.

Simplesmente quando sabemos onde se localizam os países, os continentes, os oceanos, as principais cadeias montanhosas, estamos a utilizar conhecimento geográfico.

São múltiplos os exemplos que poderíamos encontrar para sustentar a ideia da utilidade prática tanto da História como da Geografia.

Evidentemente, esta utilidade prática é mais visível, aplicável. A prova disso são os inúmeros exemplos que poderíamos explanar. No entanto, também nestas manifestações práticas reveladas no dia-a-dia dos alunos, os mesmos nem sempre estabelecem a ligação entre essa ação prática e o conhecimento aprendido nas disciplinas. O importante é que, de facto, essa relação existe e é importante.

Como já referi neste estudo, estas duas disciplinas servem sobretudo para orientar o jovem na sua vida. Sendo duas ciências humanas, elas transmitem conhecimentos mas também valores importantes que servirão certamente para tornar o aluno uma pessoa diferente, nem pior, nem melhor, apenas diferente.

Tem sido recorrente o emprego desta frase ao longo destas páginas, “nem melhor, nem pior, apenas diferente”. Isto porque considero que o contacto com disciplinas poderá

“servir” para o bem, para a formação de jovens que se tornem melhores pessoas. No entanto, e como também já foram dados exemplos na introdução deste relatório de estágio, as disciplinas de História e de Geografia poderão também ser “utilizadas” para o mal.

Como se justifica, por exemplo, o facto de António Oliveira Salazar ter sido a personalidade escolhida pelos telespectadores da RTP1 que participaram no concurso “Os Grandes Portugueses”, no ano de 2007, e o histórico líder do PCP Álvaro Cunhal e o cônsul Aristides de Sousa Mendes, que permitiu a fuga de 30 mil pessoas, sobretudo judeus, ao regime nazi durante a II Guerra Mundial, ficarem na segunda e terceira posições respetivamente? Não deveria o conhecimento da História ter servido para tornar estes portugueses mais conscientes do legado destas personalidades?

Deste modo, seria demasiado onírico acreditar na máxima de que a História e a Geografia servem apenas para o bem, e que todas as pessoas que tiveram contacto com estas disciplinas são melhores exatamente por isso. NÃO! O contacto com estas disciplinas modifica os alunos, mas não necessariamente de uma forma positiva. Ou seja, nem todos os alunos de História e Geografia se tornaram melhores pessoas porque aprenderam estas duas disciplinas na escola.

Capítulo II – “O trabalho do menino é pouco, mas quem o despreza é louco”

Após a explanação teórica sobre o tema em estudo: a importância das disciplinas de História e Geografia para o quotidiano dos alunos, onde abordei sobretudo a importância e a utilidade das duas disciplinas, irei neste segundo grande capítulo apresentar aquilo que foi o meu trabalho prático sobre este tema. Ou seja, este segundo capítulo servirá para apresentar a prática sobre a temática em estudo, realizada junto dos alunos.

Desta forma, este capítulo de cariz mais prático está subdividido em quatro partes. Em primeiro lugar, no subcapítulo 2.1. “Contextualização do estudo” será feita uma contextualização do estudo a ser apresentado, ou seja, irei apresentar de que forma decorreu o estágio pedagógico e farei uma apresentação da escola onde o mesmo foi realizado. Importa, antes de apresentar a metodologia, a análise e os resultados obtidos, perceber em

que contexto este estudo surgiu, onde e quando foi realizado. Por isso mesmo, este primeiro subcapítulo será, no meu ponto de vista, fundamental para o leitor perceber a conjuntura desta investigação.

No segundo subcapítulo irei proceder a uma apresentação e caracterização das turmas que participaram neste estudo. É fundamental não só perceber o contexto mas também conhecer as características das turmas que estiveram envolvidas nesta investigação. Depois destes dois subcapítulos, o leitor estará suficientemente familiarizado com o contexto em que foi realizado este estudo. Assim, fará sentido, no terceiro subcapítulo, apresentar todos os procedimentos efetuados, expondo a metodologia de trabalho. Este terceiro subcapítulo será uma explicação de como foi realizada esta investigação, junto dos próprios alunos, sendo crucial para o leitor compreender todas as escolhas e tomadas de decisão por mim efetuadas, a forma como fui conduzindo esta investigação, durante este ano de estágio, bem como decorreu a própria recolha de dados.

Por último, irei proceder à apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos. Este último subcapítulo será, por isso, importante para a compreensão dos resultados obtidos nesta investigação e que darão suporte à componente teórica apresentada.

2.1. Contextualização do estudo de caso

O meu estágio decorreu durante o ano letivo 2015/2016, na Escola Secundária Inês de Castro (ESIC), em Canidelo, Vila Nova de Gaia, e fez parte de uma Unidade Curricular intitulada Iniciação à Prática Profissional, no âmbito do segundo ano do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário. Este estágio é de cariz pedagógico, uma vez inserido no ciclo de estudos do referido mestrado.

Entre setembro de 2015 e junho de 2016, o núcleo de estágio do qual fiz parte, composto por mim e mais dois colegas, foi um grupo trabalhador. Ao longo do ano, o trabalho foi distribuído de forma equilibrada por todos os elementos, trabalhámos sempre em equipa, existindo muita partilha de ideias, de conhecimento e de experiências, o que se revelou fundamental para que tudo corresse da melhor forma possível. Para além do núcleo de estágio ter sido um grupo onde existiu muita interajuda, contámos também com o apoio incondicional das professoras orientadoras da Escola Secundária Inês de Castro, a Professora Alcina Ramos, na área disciplinar de História e a Professora Conceição

Abreu, na área disciplinar de Geografia. Digo apoio incondicional, uma vez que estas professoras nos receberam muito bem, e foram elas que nos integraram na comunidade escolar, de forma tão calorosa. A sua ajuda foi constante, a partilha de conhecimentos enriquecedora e o entusiasmo e motivação com que sempre trabalharam contagiantes.

Além disso, a instituição escolar que nos acolheu foi incansável com todo o apoio prestado, desde a direção à restante comunidade escolar, todos nos incluíram de forma excecional. Fizem-nos sentir, desde o primeiro momento, parte integrante da escola. Assim, este trabalho também foi possível graças à cooperação que obtive dos meus colegas de estágio, da restante comunidade educativa e, em particular, das orientadoras cooperantes.

Farei neste momento uma apresentação da escola onde realizei o estágio pedagógico, bem como da região geográfica onde está inserida. A Escola Secundária Inês de Castro, anteriormente designada de Escola Secundária de Canidelo, fica situada no concelho de Vila Nova de Gaia, freguesia de Canidelo, lugar dos Quatro Caminhos, na Rua Quinta do Fojo. Os limites da zona de inserção da escola são: o rio Douro a norte, a freguesia de S. Pedro da Afurada a nordeste e Santa Marinha a este, o Oceano Atlântico a oeste e a freguesia da Madalena, a sul. Esta zona, dado o seu enquadramento geográfico, possui uma grande diversidade ao nível paisagístico, etnográfico e também cultural. A escola possui bons acessos rodoviários e tem disponível uma razoável rede de transportes públicos. A área de influência pedagógica abrange as freguesias de Santa Marinha e S. Pedro da Afurada, que foram anexadas segundo o Plano de Reforma Administrativa apresentada pelo Governo, e Canidelo.

A Escola Secundária de Canidelo, criada pela portaria 406/80 de 15 de Julho, iniciou as suas atividades a 17 de Novembro de 1985, com vinte turmas, num total de 688 alunos. Depois de uma década e, no ano letivo de 1996/1997, elegeu como patrono a figura histórica de Inês de Castro, pois “segundo a opinião de Montalvão Machado, D. Pedro e D. Inês devem ter vivido no Paço de Canidelo, desde o início de 1352 até ao fim de 1353 e aí deve ter nascido a Infanta D. Beatriz, sua filha”.

Esta é uma escola pública que leciona o 3.º ciclo do Ensino Básico, o Ensino Secundário, com percurso regular e também os Cursos Qualificantes. Desde o ano de 2006, a ESIC é uma escola T.E.I.P. - Território Educativo de Intervenção Prioritária. O Programa TEIP é uma iniciativa do Governo Português, implementada atualmente em 137

agrupamentos de escolas ou escolas não agrupadas que se localizem em territórios económica e socialmente mais desfavorecidos, pautados por casos de pobreza e exclusão social. Nestes territórios são recorrentes os episódios de indisciplina e insucesso escolar. São, por isso, escolas de intervenção prioritária, que carecem de maior atenção. Os objetivos principais deste programa passam pela prevenção e redução do abandono escolar precoce e também do absentismo, pela redução da indisciplina e ainda pela promoção do sucesso educativo de todos os seus alunos.

Canidelo é uma freguesia que tem vindo a desenvolver-se ao nível do crescimento demográfico. No entanto, apresenta uma atividade laboral considerada débil. A freguesia de Canidelo tem vindo a assumir, nos últimos anos, a função de “dormitório”, pois pela sua posição geográfica, e dada a proximidade com a cidade do Porto, muita população opta por residir numa zona mais tranquila, dirigindo-se para o trabalho noutras freguesias e concelhos. Por isso, em Canidelo intensificam-se os movimentos pendulares quotidianos. Aumenta o crescimento demográfico, mas o crescimento económico não se faz acompanhar. Esta freguesia apresenta um índice populacional de aproximadamente 27769 indivíduos, sendo que a maior faixa da população se situa, também, no intervalo entre os 25 e os 64 anos tendo este grupo etário 16843 indivíduos. Destes indivíduos, 14993 completaram o ensino básico, 4043 o ensino secundário e 3708 o ensino superior (INE, 2011).

Face aos dados mais recentes apresentados pelo INE (2011), o único indicador que é possível aferir no que diz respeito ao nível de escolaridade é a taxa de abandono escolar que se fixa nos 5,65%, sendo que o nível mais elevado se verifica em S. Pedro da Afurada. Relativamente à taxa de abandono escolar, Canidelo apresenta um valor mais baixo do que a freguesia anteriormente abordada, uma vez que apenas corresponde a 1% da sua população.

Reportando-nos agora para as características físicas e humanas da ESIC, o seu corpo docente é constituído por 111 professores cujo perfil integra as dimensões profissionais, social e ética do desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, e também as dimensões de participação na escola, de relação com a comunidade e de desenvolvimento profissional ao longo da vida. A escola acolhe estágios pedagógicos nas disciplinas de Educação Física, Português/Latim, História/Geografia, Física e Química, mas no ano letivo 2015/2016 apenas se encontraram ativos os de História e Geografia, Educação Física

e Física e Química. O pessoal Técnico é composto por 4 Técnicos Superiores: 1 de Animação Sócio Cultural, 1 de Educação Social, 1 de Serviço Social e de Psicologia (tempo parcial) que integram os Serviços Técnico-Pedagógicos. Apenas o Técnico de Serviço Social é de nomeação definitiva; os outros estão colocados ao abrigo do projeto T.E.I.P. Integra também os Serviços Técnico-Pedagógicos uma docente de Apoio Educativo, técnica de Ensino Especial. O pessoal assistente técnico é constituído por 13 funcionários, todos efetivos. Dos 25 assistentes operativos, 16 são efetivos e 9 são contratados. As restantes necessidades nesta área são colmatadas com o recurso ao IEFP – Centro de Emprego de Vila Nova de Gaia. A escola tem em permanência dois guardas da E.M.S.E. - Equipa de Missão para a Segurança Escolar.

No que diz respeito à comunidade estudantil, esta revela-se heterogénea ao nível socioeconómico, mas também cognitivo, uma vez que a escola acolhe alunos de diferentes estratos sociais, de faixa etárias distintas e com diversos níveis de aprendizagem, contando com cerca de 1258 alunos. Atualmente, na ESIC leciona-se o 3.º ciclo do Ensino Básico, com cerca de 24 turmas, o Ensino Secundário, com cerca de 16 turmas, e os Cursos Qualificantes, com cerca de 11 turmas, perfazendo um total de 51 turmas.

O lema e baluarte da Escola Secundária Inês de Castro é “*Acolher, Formar e Preparar para a Vida*”, isto significa que a preocupação desta escola fixa-se na formação cívica, no sucesso académico e profissional dos seus alunos.

Preocupada com o sucesso dos alunos, a ESIC tem concretizado ao longo de já largos anos letivos, vários projetos. O projeto educativo contempla, desta forma, um plano de intervenção constituído por eixos, ações e metas, antecipando uma combinação destes três aspetos numa relação de interdependência e interligação dado que para cada eixo estão previstas variadas ações e respetivas atividades. Para o apoio à melhoria das aprendizagens existe o projeto “Rumo ao sucesso” que apresenta atividades como por exemplo, *o 7 e 8 up*. O eixo número dois faz referência à prevenção do abandono, absentismo, indisciplina, no qual estão presentes duas ações: “*(Con)viver com saber e em segurança*” e “*Valoriza-te pela escola*” e preveem atividades como “*Conhece-te e Põe-te a mexer*”; o eixo número três reflete sobre a relação entre a família e a comunidade, e tem dois tipos de ação, a “*ESIC em família*” e o “*Nosso rosto*” que contemplam as seguintes atividades: *Agir Solidário* e *Museu ESIC*; o quarto e último eixo diz respeito à “monitorização e avaliação do projeto”, que é efetivada pela Comissão de Avaliação Interna e a Monitorização e pela Avaliação do Projeto Educativo TEIP.

Aliadas às características dos projetos e do corpo docente e não docente encontram-se as características físicas desta escola, que prima por ter um espaço bastante amplo, moderno, cuidado, existindo em todas as salas de aula equipamentos tecnológicos que permitem um ensino cada vez mais adaptado. Estas condições físicas que favorecem o processo de ensino-aprendizagem, pautado pela qualidade, foram possíveis graças à intervenção do Programa de Modernização do Parque Escolar do Ensino Secundário. A intervenção baseou-se na construção de novos edifícios onde funcionam a biblioteca, o auditório, as zonas de trabalho e de pausa de professores, a zona administrativa e os laboratórios. Foi, também, construída uma nova entrada na escola que, pela sua nova localização e configuração, funciona como uma nova centralização e interligação dos edifícios novos aos já existentes, que foram remodelados, possibilitando desta forma um ótimo funcionamento das instalações escolares. É, por isso mesmo, uma escola de excelência que prima pela qualidade.

2.2. As turmas, os alunos... – Caracterização do grupo experimental

Depois de uma contextualização do estudo de caso, importa apresentar algumas características daquele que foi o “público-alvo” desta investigação: os alunos. Depois de algumas conversas com as orientadoras desta investigação, decidimos em conjunto que seria proveitoso aferir as opiniões de todos os alunos com quem contactei. Assim, apesar de muito reduzida a amostra em estudo, esta foi composta por seis turmas no total: quatro turmas do Ensino Básico – duas turmas do 7.º ano, na disciplina de História, duas turmas do 8.º ano, na disciplina de Geografia e duas turmas do Ensino Secundário- uma turma do 11.º ano de História, e outra também do 11.º ano onde lecionei nas duas disciplinas - História e Geografia.

A recolha de dados foi realizada de formas diferentes consoante os níveis de ensino. No Ensino Secundário não foi inquirido o total de alunos da turma, pelo que neste momento, irei fazer apenas uma caracterização genérica das seis turmas, sendo que

quando justificar as opções tomadas, no subcapítulo seguinte, focar-me-ei numa caracterização mais pormenorizada dos alunos escolhidos ao nível do Ensino Secundário, justificando a escolha da amostra, nesses casos.

Assim, ao nível do Ensino Básico (quatro turmas – duas de História e duas de Geografia) o número total de inquiridos perfaz os 85 alunos, dos quais 52 são rapazes e 33 são raparigas. As idades estão compreendidas entre os 11 e os 15 anos, apresentando-se apenas 12 alunos maiores de 14 anos.

As quatro turmas do Ensino Básico primam pela heterogeneidade, decorrente das personalidades distintas dos alunos, e pelos níveis de desenvolvimento de cada um. Assim, o 7.º 1 é uma turma composta por 25 alunos, com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos, sendo 13 do sexo masculino e 12 do sexo feminino. É uma turma que se revelou sempre motivada e com vontade de aprender. O comportamento da turma era bastante satisfatório. O 7.º 1 conta com 3 alunos com necessidades educativas especiais, que mereceram a atenção docente, especialmente nos momentos de avaliação. Relativamente ao seu desempenho é uma turma, que no geral, não apresenta grandes dificuldades na disciplina de História, sendo que nas aulas sempre tiveram uma participação muito ativa e disciplinada. Uma particularidade desta turma prende-se com alguma competitividade por parte dos seus diversos elementos, que competiam nos momentos de avaliação mas também durante a própria aula, quando questionados pela docente.

O 7.º 2 é uma turma composta por 25 alunos, com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos, sendo 21 do sexo masculino e 4 do sexo feminino. Esta turma, de forma idêntica ao 7.º 1, sempre se mostrou motivada nas aulas de História, no entanto, possuía alguns elementos que, por vezes, desestabilizavam o bom comportamento da turma. No entanto, estes episódios foram muito pontuais, pelo que a turma se caracteriza pelo bom comportamento e boa relação entre os seus elementos. É uma turma com algumas dificuldades de aprendizagem, principalmente ao nível da redação escrita.

Relativamente ao 8.º 1 esta é uma turma composta por 26 elementos, com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos, sendo 20 do sexo masculino e 6 do sexo feminino. É uma turma cuja principal característica é o mau comportamento, no geral, e o seu desinteresse pela Escola e pelas variadas disciplinas. No entanto, apesar destes constrangimentos, foi uma turma que revelou um razoável aproveitamento escolar, com alguns alunos com muitas capacidades.

No que diz respeito ao 8.º 2, é uma turma composta por 22 elementos, com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos, sendo 11 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Apesar da agitação ao nível do comportamento desta turma, nunca existiram casos de mau comportamento, sendo uma turma sempre muito bem-disposta, receptiva às novas aprendizagens e motivada, sempre com vontade de conhecer sempre mais. Ao nível das aprendizagens, é uma turma considerada com um desempenho médio, mas com algumas negativas.

A propósito das duas turmas do Ensino Secundário, o 11.º 1 é composto por 23 elementos, com idades compreendidas entre os 15 e os 20 anos, sendo 11 do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Esta foi uma das turmas com quem estabeleci mais contacto, uma vez que lecionei as disciplinas de História e de Geografia, com uma carga horária elevada ao nível do Ensino Secundário. Por isso, o meu conhecimento de cada elemento da turma é também mais detalhado. É uma turma com um excelente comportamento, assumindo sempre uma postura adequada, sempre empenhados ao longo das aulas. Tornou-se ao longo do ano um grupo-turma coeso, onde imperou sempre a interajuda. Relativamente ao aproveitamento, é uma turma que revela baixos níveis de aproveitamento, revelando, no geral, grandes dificuldades de compreensão, de análise de diversos documentos (documentos escritos, mapas, gráficos, etc.), dificuldades na redação escrita, etc. Na componente oral foi onde o aproveitamento desta turma se evidenciou mais positivo. No entanto, o número de negativas, nas duas disciplinas foi reduzido. Apesar disso, destacam-se nesta turma três elementos que revelam grande aproveitamento escolar, uma elevada autonomia e um desempenho acima da média. O que se foi revelando também desafiador ao longo das aulas, uma vez que a sua curiosidade e motivação se revelaram fundamentais para o decurso de algumas aulas.

Finalmente, o 11.º 2 é uma turma composta por 20 elementos, com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos, sendo 6 do sexo masculino e 14 do sexo feminino. Nesta turma apenas lecionei a disciplina de História, uma vez que a de Geografia A é opcional e esta turma optou por Literatura Portuguesa em detrimento desta. É uma turma ligeiramente irrequieta, que revelou algumas dificuldades, na disciplina de História. A desmotivação de alguns elementos veio-se a revelar desfavorável para o desempenho geral da turma. No entanto, o seu aproveitamento foi sempre razoável, destacando-se, pela positiva, alguns elementos.

2.3. Preparando a investigação - Explicação do estudo de caso

2.3.1. Opções metodológicas

Neste momento da investigação é importante dar a conhecer as principais decisões tomadas ao longo da elaboração deste estudo. Antes de mais, não é despropositado começar este subcapítulo fazendo uma breve alusão àquilo que foi a minha motivação inicial e que me levou a optar por este tema. Tal como já foi referido na introdução deste relatório de estágio, considero que o Ensino e tudo o que a ele diz respeito está cada vez mais direcionado para a avaliação. Tanto professores como alunos, e até mesmo os encarregados de educação preocupam-se, de uma forma geral, com a nota que vem no teste de avaliação, ou que aparece na pauta, nos finais de cada período ou semestre. Os *rankings* ao nível de avaliações é uma das grandes preocupações das direções das escolas. Cada vez mais esta “cultura da nota” se enraíza na nossa sociedade, e o que é certo é que, devendo a escola preparar os alunos para o mundo do trabalho, também neste mundo a avaliação é constantemente utilizada. No fim de contas, estamos em permanente avaliação. No entanto, considero que a preocupação com aquilo que se ensina, ou melhor ainda, com aquilo que os alunos realmente aprendem, tem ficado um pouco de parte.

Durante toda a vida de aluna deparei-me com este facto: os alunos preocupam-se pouco com o que aprendem e apenas lhes interessa a nota que vão ter a esta ou aquela disciplina. Deste modo, no meu ponto de vista, os professores deveriam assumir um papel importante nesta reflexão sobre o legado funcional de cada disciplina. Por isso, e como também já foi mencionado em páginas anteriores, o ensino para ir ao encontro dos jovens e para que estes se revejam cada vez mais nele, deveria passar por um ensino mais voltado para os problemas dos jovens, para o seu quotidiano e para as necessidades que encontram no dia-a-dia. Para além disso, é deveras importante informar os jovens, em cada matéria ensinada, da utilidade que determinado tema pode trazer para as suas vidas. No fundo, o que me levou, em primeiro lugar, a escolher este tema foi esta preocupação. Considero que é importante ter tempo para refletir, para ponderar aquilo que realmente deve ser crucial e, mais importante ainda, deve existir sempre a preocupação, em qualquer nível de ensino, de alertar os jovens para importância da disciplina, mas sobretudo da utilidade que esta pode ter para as suas vidas práticas.

Por outro lado, tanto a História como a Geografia têm vindo a perder protagonismo, tanto na sociedade em geral, como no ensino, apelidadas muitas vezes de “disciplinas de cultura geral” e que de pouco servem aos alunos. Pretendo mais do que mostrar a sua importância, dar a conhecer a opinião de alguns jovens que reconhecem utilidade nestas duas disciplinas, dando exemplos muito concretos e reveladores. O que pretendi com esta investigação foi, sobretudo, dar voz aos alunos e perceber se estes têm a percepção da importância que estas disciplinas têm no seu quotidiano. Ou seja, mais do que mostrar a importância da História e da Geografia, e para além de entender que o contacto com estas pode conduzir a boas ou más ações, o que queria realmente perceber era se os alunos consideravam que aprender História e Geografia os tornava diferentes, não melhores, nem piores, apenas diferentes.

Procurar saber a opinião dos meus alunos era por isso um objetivo norteador de todo este trabalho. Muitas vezes o que acontece nas escolas é que os alunos são pouco escutados, as suas opiniões pouco importam, mas tal como o conhecido provérbio, utilizado como título deste capítulo refere, “o trabalho do menino é pouco, mas quem o despreza é louco”. Ou seja, é importante não desprezar as opiniões dos nossos alunos, uma vez que eles são parte integrante do processo ensino-aprendizagem.

Outra realidade é que não se dá tempo para os alunos refletirem sobre aquilo que aprendem. Pode ou não ser reflexo da sociedade cada vez mais frenética em que vivemos, mas gostava de alertar para o facto de que é importante darmos espaço de reflexão aos nossos jovens. Neste caso particular, refletirem sobre o que aprendem. Atribuir significados e pensar sobre circunstâncias triviais do dia-a-dia! Não pretendo, de todo, ser demasiado utópica, mas penso que é importante refletirmos. Foi também isso que me motivou a fazer esta investigação. Era, no meu ponto de vista, um tema que podia ser demasiado recalcado, mas com a oportunidade que dei aos meus alunos de manifestarem a sua opinião, tornou este estudo de caso mais particular e mais interessante a quem o ler.

Partindo destas opiniões e sabendo que queria dar aos meus alunos a oportunidade de refletirem e de darem a conhecer a sua opinião, em conjunto com as orientadoras deste relatório, partimos para a definição do público-alvo e da forma como iria inquirir os alunos. Em primeiro lugar, considerámos que poderia ser altamente vantajoso relacionar os vários níveis de ensino. Assim, facilmente chegámos à conclusão de que iríamos trabalhar com todas as turmas em que lecionei, quatro do Ensino Básico e duas do Ensino Secundário. Depois desta primeira conclusão, partimos para a escolha dos instrumentos

de recolha de dados, que se revelou uma tarefa um pouco mais complexa. A escolha do inquérito por questionário não levantou grandes dúvidas, pelo que a sua utilização para esta investigação foi logo aceite. No entanto, optamos por utilizar outro instrumento de recolha de dados ao nível do Ensino Secundário. Isto porque consideramos que o inquérito por questionário poderia ser limitador no que concerne às respostas dos alunos. Deveríamos optar por um instrumento que possibilitasse ao aluno maior liberdade de opinião.

Depois de alguma pesquisa surgiu a ideia de utilizar o *Focus Group* como instrumento de recolha de dados. Este instrumento, tal como explicarei mais à frente, apesar de restringir o número de inquiridos permite uma maior abertura de respostas e possibilita maior credibilidade às mesmas.

Foi minha opção diversificar os instrumentos de recolha de dados ao nível do Ensino Básico, uma vez que, desta forma, considerei que os alunos teriam oportunidade de se expressarem de formas distintas. Dada a complexidade do tema, e o grau de reflexão que exige, tentei ao máximo adaptá-lo ao meu público-alvo, principalmente aos alunos mais pequeninos. Desta forma, surgiu uma ideia: a de utilizar o desenho como instrumento de recolha de dados. Algumas questões foram levantadas. Não seria algo demasiado redutor e pouco científico? Seria bem aceite pelos alunos? Mesmo assim avançámos com esta ideia, e inspirei-me neste exemplo retirado da obra *O Elemento* que passo a mostrar:

Ao fundo da sala, sentou-se uma menina. Ficou sentada durante mais de vinte minutos, abraçada a uma folha de papel, completamente embebida no que estava a fazer. A professora achou aquilo fascinante. Por fim, perguntou-lhe o que estava a desenhar. Sem tirar os olhos da folha, a menina disse: “Estou a desenhar uma imagem de Deus”. Surpreendida, a professora insistiu: “Mas ninguém sabe como Deus é”. Ao que a menina respondeu: “Todos saberão daqui a pouco.” (Ken Robinson & Lou Aronica, 2011)

Este exemplo foi inspirador e fez-me acreditar que poderia ser muito proveitoso utilizar este tipo de instrumento para recolher a opinião dos alunos, e que um desenho, algo que à partida nos parece tão básico, poderia ser revelador de opiniões tão ou mais consistentes daquelas recolhidas utilizando outro tipo de instrumentos. Optei por utilizar apenas ao nível do Ensino Básico, uma vez que considerei que se solicitasse um desenho

em turmas do Ensino Secundário, os alunos, dada a sua faixa etária, iriam mostrar resistência em relação a esta opção. Considerei que até mesmo o nível de empenho na atividade poderia ser muito menor. Em turmas do Ensino Básico julguei uma estratégia adequada à faixa etária e também ao tipo de alunos.

Foi sempre minha preocupação nesta investigação tentar, de certa forma, facilitar aos alunos a transmissão da sua opinião sobre este tema, uma vez que tal como já referi, considero ser um tema complexo e que exige alguma reflexão, pois à partida é muito raro os alunos pensarem na importância das disciplinas. Desta forma, a escolha de três diferentes instrumentos de recolha de dados possibilitou a diversificação das respostas e deu a oportunidade aos alunos de se expressarem de diferentes formas, isto no Ensino Básico, dado que a meu ver seria a este nível que os alunos teriam mais dificuldade em refletir sobre o assunto em questão. Assim, a opção de diversificar os instrumentos de recolha de dados também teve em consideração o meu conhecimento face aos alunos, por isso tentei adaptar os instrumentos, à forma como eu considerei que os alunos estariam mais à vontade para responder verdadeiramente, mostrando uma opinião mais fidedigna.

Tanto o inquérito, o *Focus Group*, como o desenho, foram implementados na escola em alturas distintas. O inquérito foi implementado no mês de Outubro nas quatro turmas (7.º 1, 7.º 2, 8.º 1 e 8.º 2). O *Focus Group* foi o único instrumento que não foi implementado em contexto de sala de aula, como explicarei mais à frente, foi implementado no 11.º 1 no dia 16 de março de 2016 e no 11.º 2 no dia 25 de maio de 2016. O desenho foi implementado no mês de maio, já no 3.º período.

2.3.2. Instrumentos de recolha de dados

Os instrumentos de recolha de dados utilizados nesta investigação foram o inquérito por questionário, o *Focus Group* e o desenho, tal como já mencionado. Neste momento deste relatório de estágio, e depois de já ter abordado quais foram as principais opções metodológicas adotadas, será importante elucidar o leitor sobre os instrumentos de recolha de dados utilizados.

Em primeiro lugar, e porque também foi o primeiro instrumento a ser utilizado, irei falar um pouco acerca do inquérito por questionário. Não será de todo inconveniente

apresentar também os cuidados que devemos ter aquando da elaboração deste instrumento de recolha de dados.

O inquérito constitui uma forma rápida de recolher um determinado tipo de informação, e é considerado um dos mais utilizados instrumentos de recolha de dados. Se for bem construído, o inquérito permite a recolha de dados fiáveis e razoavelmente válidos (Bell, 2004: 3).

Segundo Foddy (1996), fazer perguntas é habitualmente aceite como uma forma rentável (e frequentemente a única) de obter informação sobre comportamentos e experiências passadas, motivações, crenças, valores, atitudes, etc. O acentuado interesse pela utilização de informação verbal não é em si mesmo negativo desde que permita conduzir, sempre ou frequentemente, a resultados válidos no quadro da investigação em ciências sociais (Foddy, 1996). Por isso mesmo, no inquérito por mim elaborado dei preferência a questionar os alunos através de pergunta em vez de afirmações, pois após algumas leituras considereei não trazer inconvenientes e, ao mesmo tempo, seria mais fácil os próprios alunos conseguirem entender o que se pretendia em cada item.

Optei por inserir neste inquérito questões abertas, uma vez que estas têm como objetivo o aprofundamento do estudo, neste caso direcionado para a consciência/entendimento. Este género de questões permite aos inquiridos usufruir de uma maior liberdade de resposta, estimulando o pensamento, fator que se torna indispensável aos estudos exploratórios. Todavia, apesar disso existe uma maior dificuldade no tratamento de dados, neste tipo de respostas, isto é, maior dificuldade em categorizar, interpretar resultados, a possibilidade de distorção das respostas durante a codificação e necessidade de mais tempo para os inquiridos responderem. (Moreira, 2004)

O segundo instrumento de recolha de dados a ser utilizado foi o *Focus Group*, também designado por grupos de discussão. O *Focus Group* é uma técnica que visa a recolha de dados podendo ser utilizada em diferentes momentos do processo de investigação. Morgan (1997) define *Focus Group* como uma técnica de investigação de recolha de dados através da interação do grupo sobre um tópico apresentado pelo investigador. Os *Focus groups* tornam possível reunir, simultânea ou sequencialmente, os diferentes intervenientes no processo de investigação e recolher uma vasta quantidade de informação qualitativa num espaço de tempo relativamente curto. No *Focus Group*, os participantes geram novos conhecimentos e há uma partilha de ideias, o que se revela altamente vantajoso. Usado inicialmente em estudos de mercado, é agora extensamente aplicado a

uma variedade de contextos de investigação académica com vista à produção de informação e de conhecimento, como é o caso da investigação educacional. A técnica tem particular interesse na análise de temas ou domínios que levantam opiniões divergentes ou que envolvem questões complexas que precisam de ser exploradas em maior detalhe, como é o caso deste estudo, em particular. Assim, a utilização do *Focus Group*, nesta investigação e ao nível do Ensino Secundário, veio a revelar-se vantajosa.

No que diz respeito ao desenho, é sabido que, principalmente nas faixas etárias mais novas, é uma forma de expressão muito utilizada. O desenho é uma das manifestações semióticas, isto é, uma das formas através das quais a função de atribuição da significação se expressa (Piaget, 1973). Essa manifestação semiótica surge no período simbólico do desenvolvimento da criança e evolui em conjunto com o desenvolvimento da sua própria cognição. Compartilha mais intimamente, por um lado, as fases da evolução da perceção e da imagem mental, subordinando-se às leis da conceptualização e da perceção. Por outro lado, compartilha a plasticidade do brincar, constituindo-se uma forma de expressão muito particular, isto é, “(...) um sistema de significantes construído por ela e dóceis às suas vontades” (Piaget, 1973: 52).

Desde tenra idade os alunos têm uma preferência por expressarem a sua opinião através do desenho, e tal como afirma Pillar (1996) “(...) ao desenhar, a criança está inter-relacionando seu conhecimento objetivo e seu conhecimento imaginativo” (Pillar, 1996: 51) .

Tentando dar maior liberdade aos alunos mais pequenos (Ensino Básico) optei por este tipo de instrumentos de recolha de dados. O desenho é preferentemente utilizado em crianças mais pequenas, contudo considerei que poderia ser vantajoso dar essa possibilidade aos meus alunos, pois ao se tratar de um tema complexo, talvez através de um desenho, de algo tão simples, conseguissem exprimir melhor a sua opinião.

2.3.3. Planificação e aplicação dos instrumentos de recolha de dados

Inquérito

Depois de proceder a algumas leituras no que concerne aos vários tipos de instrumentos de recolha de dados utilizados, procedi à elaboração do inquérito.

O inquérito realizado na disciplina de História³ conta com 10 questões, já o inquérito feito na disciplina de Geografia⁴, conta com mais uma questão, por isso perfaz um total de 11 questões. Estes dois inquéritos em tudo se assemelham um ao outro uma vez que as questões são iguais, à exceção da questão 7 que foi acrescentada no inquérito em Geografia.

Os inquéritos estão divididos em três partes distintas, sendo que a primeira diz respeito aos dados pessoais, sendo que a questão 1 está relacionada com o sexo do inquirido, a questão 2 com a idade, a questão 3 com o ano de escolaridade e por fim a questão 4 relaciona-se com o número de retenções. Este primeiro grupo é a meu ver um grupo essencial para conseguir descrever um pouco melhor o grupo experimental.

O segundo grupo diz respeito às próprias disciplinas (História/Geografia) e à familiaridade dos alunos com as mesmas. Deste modo, com a questão 5 “*Gostas da disciplina de História/ Gostas da disciplina de Geografia?*” pretende-se aferir o gosto que os alunos têm pelas disciplinas em estudo. Era para mim fundamental, antes de inquirir sobre a importância das próprias disciplinas para o quotidiano dos alunos, conhecer o seu gosto relativo às mesmas. A questão 5.1. pretendia esmiuçar um pouco essa opinião dos alunos. Sendo uma questão de resposta aberta, os alunos teriam maior liberdade em expressar a sua opinião. Ainda relacionada com as próprias disciplinas de História e Geografia, a questão 6 “*De que forma gostas/gostavas de aprender Geografia na sala de aula?*” pretende mais uma vez conhecer os gostos dos alunos relativamente às disciplinas, particularmente a forma como preferem ou preferiam aprendê-las, na sala de aula. Optei por esta questão ser do tipo fechado, dando algumas opções de resposta, para oferecer mais objetividade aquando da análise dos resultados. Também considerei que talvez fosse mais simples para os alunos, responderem a esta questão tendo apenas que optar por três opções de acordo com as suas preferências. Ainda neste grupo, no inquérito de Geografia, acrescentou-se uma outra questão, a questão 7 “*De entre os temas de Geografia (segundo as Metas Curriculares), indica a tua preferência relativamente a cada tema numa escala de 1 a 5*” que mais uma vez pretendia conhecer a opinião dos alunos sobre a disciplina, neste caso de Geografia, mais concretamente no que diz respeito à sua preferência relativa aos vários temas abordados no Ensino Básico, segundo as Metas Curriculares.

³ Anexo 1 (inquérito de História)

⁴ Anexo 2 (inquérito de Geografia)

O grupo seguinte do inquérito por questionário relacionava-se com as disciplinas no quotidiano e intitulava-se da seguinte forma: “*A Geografia no quotidiano*”/ “*A História no quotidiano*”, ou seja este era o grupo que mais se relacionava com o tema em estudo: a importância das disciplinas (História/Geografia) para o quotidiano. A primeira questão deste grupo (questão 8 no inquérito de Geografia; questão 7 no inquérito de História”, uma questão do tipo fechado, pretendia apenas saber se os alunos consideravam as disciplinas importantes ou não. Na questão imediatamente seguinte pedia-se aos inquiridos uma justificação dessa sua opinião. Na questão seguinte “*Consideras que esta disciplina pode contribuir para te tornares uma pessoa mais informada e participativa socialmente?*” desejava sobretudo saber se os alunos consideravam que o contacto com estas disciplinas os tornava pessoas mais informadas e participativas na sociedade, ou seja, pessoas diferentes. Se os alunos respondessem de forma afirmativa a esta questão, era solicitado, na questão seguinte, que os inquiridos explicassem de que forma consideravam que a disciplina os tornava mais informados e participativos socialmente. A questão “*Consideras que a Geografia/História tem utilidade no teu dia-a-dia?*” é na minha opinião, uma das mais importantes neste inquérito e para este estudo. Os alunos, se respondessem de forma afirmativa, ou seja, se considerassem que realmente estas disciplinas tinham utilidade no seu dia-a-dia teriam, na questão seguinte, que dar um exemplo concreto da utilidade da disciplina (História ou Geografia) no seu dia-a-dia.

Por último, com a última questão “*De que forma a disciplina de Geografia/História te pode mudar enquanto pessoa, na tua relação com os outros e na forma como encaras o mundo?*”, de uma complexidade mais elevada, pretendia perceber se os alunos tinham a perceção da mudança que o contacto com a disciplina podia trazer à sua pessoa, tanto na relação com os outros, mas também na forma como olham para o que os rodeia, o mundo em geral.

Quanto à sua apresentação, procurei ter um inquérito claro e rigoroso, adequado à faixa etária dos alunos, contendo no início da primeira página do mesmo, uma explicação da sua finalidade, com a garantia da confidencialidade das respostas.

O tipo de questões deste inquérito era variável, desde questões de resposta fechada, questões de escala, e questões de resposta aberta. Por fim, a ordenação das perguntas foi tida também em consideração, iniciando o questionário com as mais simples e fáceis de responder, deixando as mais complexas e delicadas para último.

Não consegui proceder ao pré-teste do inquérito, o que se veio a revelar prejudicial na investigação. Mesmo tendo sido revisto numa fase anterior à implementação, quando se procedeu à mesma junto dos alunos, alguns não compreenderam a última questão, de uma complexidade mais elevada. Mais tarde, aquando da sua análise, também percebemos que era possível responder de forma semelhante a duas questões distintas.

Logo após a elaboração do inquérito por questionário, o mesmo foi implementado junto dos alunos nas turmas 7.º 1, 7.º 2, a História e 8.º 1 e 8.º 2, a Geografia. Foi no mês de Outubro que foram implementados, ou seja ainda no 1.º período de aulas. Importa referir que foi implementado em tempo letivo, no final das aulas. Não sei se a escolha de realizar no final da aula foi a mais acertada, uma vez que neste momento das aulas os alunos estão mais agitados, os seus níveis de concentração estão mais reduzidos e apresentam-se mais ansiosos pelo toque da campainha, para desfrutarem do intervalo, pelo que comprovei que alguns alunos responderam ao inquérito de forma apressada, e sem grande atenção, o que prejudicou certamente a qualidade das respostas. No entanto, se realizasse no início das aulas iria perturbar o bom funcionamento das aulas das orientadoras cooperantes. Por isso mesmo, e em consonância com a opinião e decisão das mesmas, optamos por realizar no final do tempo da aula.

Focus Group

No que diz respeito ao *Focus Group*, o processo de planificação e execução foi naturalmente diferente. Em primeiro lugar, procedi à seleção dos participantes, em cada uma das turmas, 11.º 1 e 11.º 2.

Tal como foi referido anteriormente, optei por não realizar vários *Focus Group*, por forma a participarem todos os alunos do Ensino Secundário a que lecionei. Optei por, dada a limitação do tempo e condicionantes externas que foram surgindo ao longo do estágio, realizar apenas dois, um em cada turma.

Assim sendo, o primeiro *Focus Group* a ser planificado foi à turma 11.º 1, uma turma com quem estabeleci mais contacto. Desta forma, procedi à seleção dos alunos desta turma. Esta foi uma seleção baseada no conhecimento que detinha dos alunos desta turma, por isso mesmo, dei preferência aos alunos que sabia que estariam mais à vontade

para falar, que fossem mais descontraídos, pouco envergonhados, e também cujas opiniões podiam ser enriquecedoras para este estudo, pois esforcei-me por escolher um grupo heterogêneo de alunos relativamente às suas opiniões.

Por consentimento das orientadoras do presente relatório, e porque considerámos que seria um número adequado para o objetivo desta investigação, decidimos que o grupo de discussão seria composto por cinco elementos. Depois de selecionar os alunos, e como teria que realizar uma gravação áudio da conversa, procedi à elaboração de um pedido de autorização para os encarregados de educação⁵, que foi revisto pela orientadora deste relatório, pelas orientadoras cooperantes da escola, e pela direção. Os alunos entregaram-me as autorizações previamente assinadas pelos seus encarregados de educação no dia em que se realizou o *Focus Group*.

Agendar este tipo de “atividades” em tempo letivo, neste caso numa aula lecionada pela professora cooperante Conceição Abreu, tornou-se por vezes uma tarefa complicada, uma vez que me foi solicitado que o fizesse numa aula em que não fossem lecionados conteúdos novos, de forma a não prejudicar o rendimento dos alunos participantes.

No dia dezasseis de março de 2016, nos minutos finais da aula de geografia A, dirigi-me com os alunos a uma sala de reuniões para então realizar o *Focus Group*, que teve uma duração aproximada de 45 minutos.

Antes desse dia, teve de existir toda uma planificação. Deste modo, procedi à elaboração de alguns tópicos norteadores da própria conversa. Em primeiro lugar, iria começar por agradecer aos alunos a sua disponibilidade, questionando-os posteriormente, de forma amigável, se o ano letivo estaria a correr de acordo com as suas expectativas. Esta breve introdução iria servir para criar um ambiente mais descontraído, para “quebrar o gelo” e colocar os alunos o mais à-vontade possível. Depois desta introdução o tópico que queria seguir era (tal como aconteceu no inquérito) questionar os alunos quanto à sua ligação e preferência pelas disciplinas em questão. Neste caso particular, em que Geografia A é uma disciplina opcional, questionar os alunos do motivo por terem escolhido esta em detrimento de outras, que lhes foram propostas. Após este tópico, em que também questionaria os alunos sobre as próprias disciplinas, os programas, as aulas, etc., partiria para a questão mais central: a utilidade destas disciplinas, solicitando aos alunos relatos de exemplos concretos onde podiam evidenciar essa utilidade.

⁵ Ver anexo 3

Este primeiro *Focus Group* foi ao encontro das minhas expectativas, tudo correu como planeado durante a sua realização. Os alunos interagiram, falaram da sua experiência e, numa partilha de ideias, deram a conhecer a sua opinião, de uma forma muito completa e coerente.

O *Focus Group* realizado na turma do 11.º 2 foi um tanto diferente. Devido à ausência da orientadora de estágio de História o meu contacto com o 11.º 2 foi mais complicado.

Dos cinco alunos selecionados, cerca de três não entregaram a autorização atempadamente, também esta revista pela direção da escola, por isso, tive de selecionar outros alunos para a realização do mesmo. Acontece que no dia e na hora combinada, dia 25 de maio de 2016 apenas apareceram 4 alunos para a realização do *Focus Group*.

Uma vez que foi realizado durante um intervalo entre aulas, o tempo foi muito mais reduzido, cerca de 30 minutos apenas. Ainda assim, uma vez que a aula que iriam ter seria com a Diretora de Turma, esta disponibilizou este grupo de alunos para ocuparem os 10 primeiros minutos da sua aula, não os prejudicando, nem marcando falta de atraso. Este *Focus Group* não foi tão dinâmico como o primeiro, talvez também devido ao facto de com os alunos do 11.º 1 ter mais contacto e eles, por conseguinte, mais à-vontade comigo. No entanto, as opiniões neste *Focus Group* foram igualmente interessantes e enriquecedoras, mesmo com estes contratempos. De facto, a impossibilidade de realizar o *Focus Group* em tempo letivo veio a revelar-se prejudicial.

Importa realçar que os dois *Focus Group* aconteceram numa sala de reuniões da escola, uma vez que tentei encontrar um local que fosse acolhedor e descontraído e a sala escolhida reunia essas condições. Para posterior análise dos dados, procedeu-se à gravação áudio destas “conversas” recorrendo ao uso do meu telemóvel particular.

Devo confessar que o uso deste instrumento de recolha de dados se veio a revelar extremamente proveitoso e capaz de recolher informações muito úteis e pertinentes.

Desenho

A utilização do desenho como instrumento de recolha de dados aconteceu ao nível do Ensino Básico, por isso, às turmas 7.º 1, 7.º 2, 8.º 1 e 8.º 2, turmas onde também apliquei o inquérito por questionário. Optei por realizar esta atividade já no 3.º período e

naturalmente, em tempo letivo. Ainda coloquei a hipótese de determinar esta atividade como trabalho de casa, para não subtrair tempo útil de aula, no entanto esta hipótese foi posta de parte quando refleti na possibilidade de os alunos não entregarem a tempo os trabalhos, ou mesmo de se esquecerem de os entregar, como acontecia na maioria das vezes. Tal como foi mencionado, para a elaboração do mesmo, baseei-me no exemplo do livro *O Elemento*, da menina que desenhava Deus (ver página 51). Por isso, dei também a conhecer aos alunos esse exemplo, colocando como explicação do próprio trabalho. Desta forma, num desenho semilivre, os alunos teriam que desenhar o que era a História (7.º 1 e 7.º 2) ou a Geografia (8.º 1 e 8.º 2). “*Desenha aquilo que para ti significa a Geografia/História. A criatividade é o limite!*” era a proposta feita aos alunos. Aproveitei a ocasião para, nestas mesmas “fichas de trabalho”⁶, solicitar aos alunos que numa frase referissem o que para eles era a História/a Geografia.

Nas duas turmas de Geografia, 8.º 1 e 8.º 2 tive o apoio da professora Conceição Abreu, que mais uma vez se mostrou cooperante com o meu trabalho e dispensou tempo de uma das suas aulas para eu poder aplicar este instrumento de recolha de dados. Na disciplina de História, nas turmas 7.º 1 e 7.º 2 foi uma tarefa mais complicada, pois teria mais uma vez que pedir a colaboração do professor que substituiu a professora Cooperante Alcina Ramos. Ao contrário do que aconteceu no caso do *Focus Group*, o professor autorizou a minha presença em uma das suas aulas (nas duas turmas) para que pudesse pôr em prática esta atividade. Devo confessar que esta atividade foi um sucesso, principalmente nestas turmas de História. Em primeiro lugar, porque a minha presença nestas turmas, no dia da atividade, gerou alegria e boa disposição junto dos alunos, uma vez que já não lhes dava aulas desde o mês de janeiro. Em segundo, porque quando expliquei a atividade, os alunos ficaram muito entusiasmados e com vontade de participar! Tive ainda o cuidado de levar material de desenho, como lápis de cor, para que os alunos pudessem colorir os seus desenhos e assim embelezar os seus trabalhos.

Apesar de no início estar um pouco reticente quanto à implementação deste instrumento de recolha de dados, nesta investigação, considero que a mesma foi um sucesso e, de facto, os dados de alguns alunos foram surpreendentes. Num simples desenho, algo que à partida parece um tanto ridículo para uma investigação desta envergadura, os alunos, no geral, conseguiram apresentar a sua opinião da sua relação com as disciplinas em

⁶ Ver anexos 4 e 5

estudo. Desses desenhos e também das frases, consegui retirar algumas conclusões interessantes, como apresentarei mais à frente, neste relatório.

2.4. Investigando... - relato da investigação e análise dos resultados

Para facilitar a compreensão da análise dos resultados, e uma vez que abrange duas disciplinas, onde foram aplicados instrumentos distintos, organizei este subcapítulo da seguinte forma: em primeiro lugar irei falar dos resultados obtidos na disciplina de História, seguindo a mesma linha de ideias do enquadramento teórico (capítulo I). Neste ponto, apresentarei os resultados obtidos, na disciplina de História, começando por falar dos inquéritos, seguindo-se o desenho, e terminando com o *Focus Group*. Irei posteriormente fazer um balanço geral dos resultados obtidos nesta disciplina, tanto ao nível do Ensino Básico como do Ensino Secundário.

Em segundo lugar, e da mesma forma que na disciplina de História, irei apresentar os resultados obtidos na disciplina de Geografia, tendo por base os três instrumentos de recolha de dados já mencionados, terminando com uma análise global dos resultados nesta disciplina, ao nível do Ensino Básico e Ensino Secundário.

2.4.1. História

2.4.1.1. “Let them write” – Inquéritos em História

O inquérito, tal como já foi mencionado, apresenta respostas fechadas e outras abertas, por isso mesmo, a sua análise será distinta. Assim, no que diz respeito às respostas fechadas analisarei os resultados recorrendo à análise estatística, uma vez que são dados quantitativos, podendo retirar conclusões a partir desses mesmos resultados. No que concerne às respostas abertas estão merecerão maior destaque, uma vez que terei que adotar uma análise categorial das mesmas, uma vez que os dados são qualitativos, pois dizem respeito às respostas que os alunos escreveram nas várias questões. Por isso mesmo, esta análise de conteúdo terá maior preponderância nas próximas páginas.

Para descrever esta análise dos resultados do inquérito de uma forma mais simples, na disciplina de História, segui a mesma estrutura de questões do inquérito, ou seja, analisei os resultados, questão a questão, fazendo cruzamento de informações e uma análise mais global sempre que se revelar pertinente.

Uma vez que estamos neste momento a falar somente da disciplina de História ao nível do Ensino Básico, reportamo-nos para as turmas 7.º 1 e 7.º 2. O número de inquiridos no inquérito por questionário perfaz um total, nas duas turmas, de 45 inquiridos.

Começamos esta análise pelo que aos dados dos inquiridos diz respeito (primeiro grupo do inquérito – Dados Pessoais). Esta será uma análise meramente estatística pelo que não levantará grandes reflexões, uma vez que é uma análise que prima pela objetividade.

Em primeiro lugar, e fazendo também uma caracterização do grupo-alvo deste instrumento de recolha de dados, no que diz respeito ao género, podemos dizer que este grupo de alunos é composto por 16 elementos do género feminino, cerca de 36%, e por 29 elementos do género masculino, cerca de 64% do total de inquiridos, neste inquérito. Podemos então referir, numa primeira abordagem, que este grupo é maioritariamente constituído por alunos rapazes.

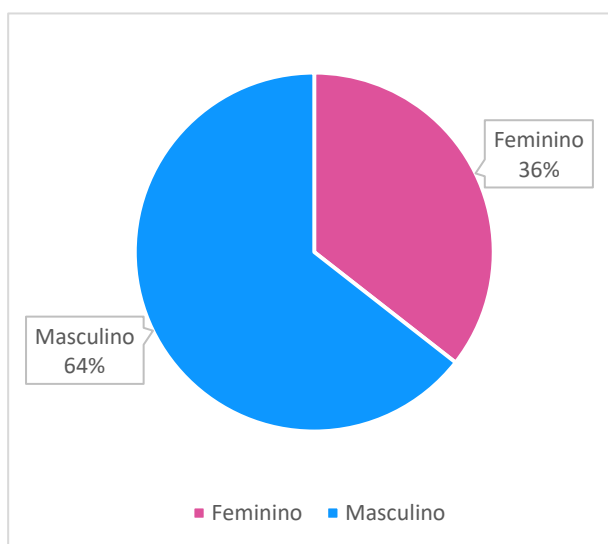
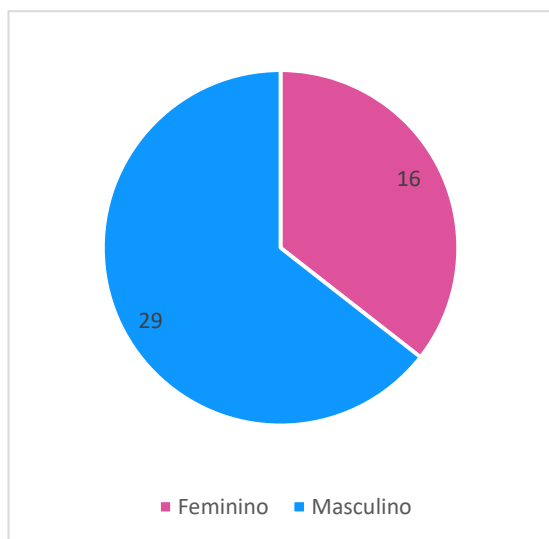


Gráfico 1: Género dos inquiridos.

Gráfico 2: Género dos inquiridos, em percentagem.

Relativamente à segunda questão, esta diz respeito à idade dos inquiridos. Assim, como é possível verificar pelos gráficos 3 e 4, as idades dos alunos estão compreendidas entre os 11 e os 14 anos, sendo que existem 2 alunos com 11 anos (4,5%), 29 alunos com 12 anos (64,5%), 10 alunos com 13 anos (22,2%) e por fim 4 alunos com 14 anos (8,8%). Assim, podemos concluir que a média das idades destes alunos de História é de aproximadamente 12,9 anos.

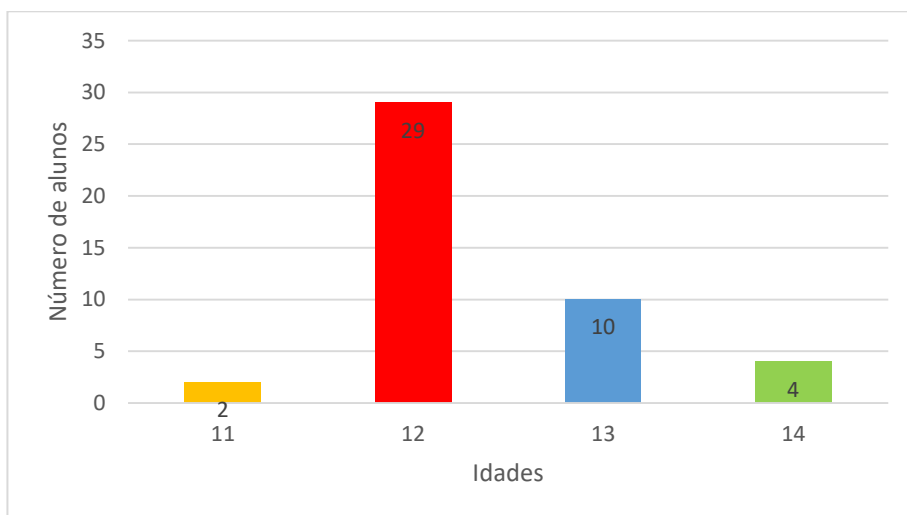


Gráfico 3: Idade dos inquiridos.

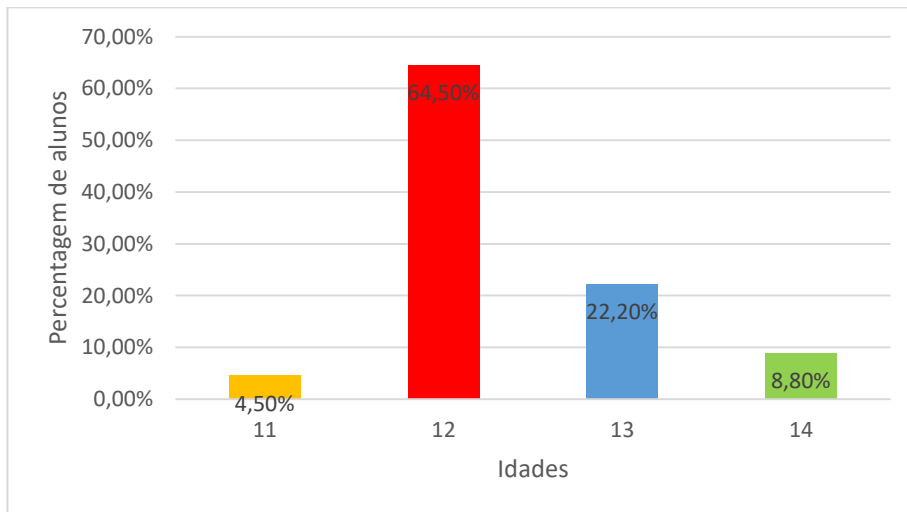


Gráfico 4: Idade dos inquiridos, em percentagem.

No que diz respeito à questão relativa ao número de repetências considero que esta já mereça uma análise mais detalha. Assim sendo, no conjunto dos 45 inquiridos através do inquérito feito na disciplina de História, 10 são repetentes, cerca de 22% do total dos inquiridos, como se comprova nos gráficos 5 e 6. Destes 10 repetentes, 6 repetiram uma vez durante o seu percurso escolar, e 4 alunos reprovaram já duas vezes.

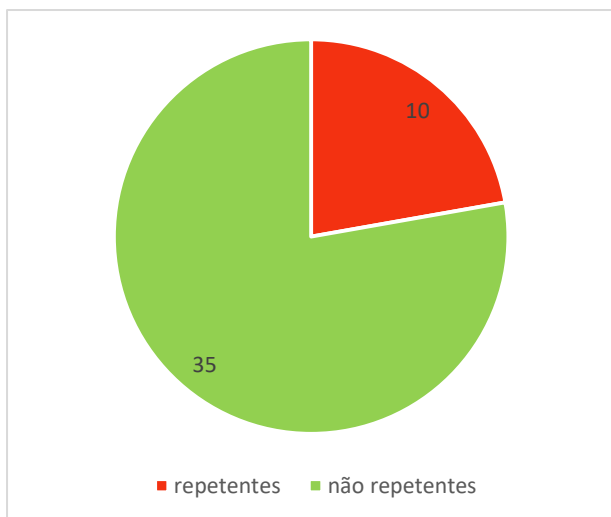


Gráfico 5: Número de retenções.

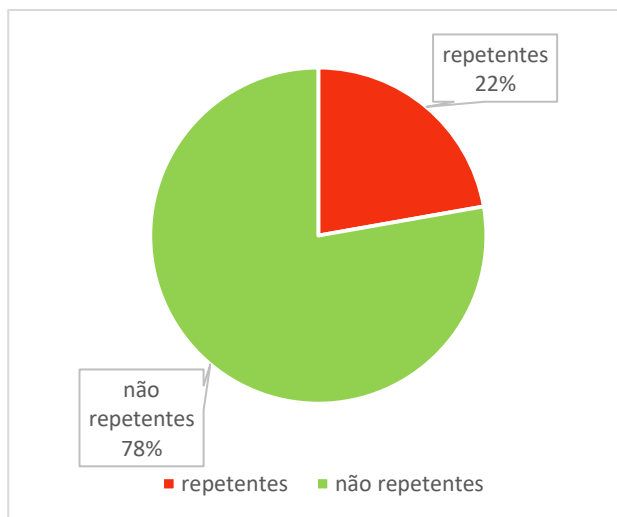


Gráfico 6: Número de retenções, em percentagem.

Seguindo a análise deste inquérito, e depois de uma análise dos dados pessoais dos inquiridos (primeiro grupo de questões do inquérito) iremos neste momento privilegiar sobretudo a análise de conteúdo. A análise estatística ainda verificada no segundo grupo do inquérito (“A disciplina de História”) será, sempre que se considerar pertinente, acompanhada por gráficos.

A primeira questão do segundo grupo do inquérito pretendia aferir o gosto dos alunos pela disciplina em questão. Assim sendo, dos 45 inquiridos, 44 dizem gostar da disciplina de História e apenas 1 aluno afirma não gostar da disciplina. Isto leva-me a acreditar que estamos perante um grupo de alunos que se interessa pela disciplina de História. É importante não esquecer, e dado o número de respostas positivas relativamente ao gosto pela disciplina, o facto de estarmos perante alunos que, na sua maioria, estão a ter a disciplina pela primeira vez. O contacto com a mesma, no entanto, verifica-se desde o 1.º ciclo (Ensino Primário) na disciplina de Estudo do Meio, e ainda no 2.º ciclo (Ensino Básico) na disciplina de História e Geografia de Portugal. Apesar desta evidência, posso concluir, a partir dos resultados obtidos nesta questão, que os alunos aceitaram de forma positiva esta nova disciplina.

A questão seguinte pretendia saber a razão pela qual os alunos gostam ou não da disciplina. Começo por referir que o aluno que afirmou não gostar da disciplina apresenta como justificação o facto da mesma apresentar muita matéria, “*Acho que tem muita matéria.*” Considero que esta razão não se relaciona com o próprio conteúdo da disciplina, mas sim com o facto de o aluno considerar que o programa da mesma é extenso. Não é de grande relevância focar-me na resposta de um só aluno, uma vez que não é de todo

uma opinião significativa e ao mesmo tempo o aluno justifica de forma pouco substantiva a sua opinião. Importa sim realçar os 44 alunos que responderam de forma positiva, pois no meu ponto de vista é este dado que merece ser analisado detalhadamente.

Para analisar as respostas dos alunos que responderam “*sim*” à questão anterior “*Gostas da disciplina de História*” criei algumas categorias.

Para mais facilmente compreenderem como procedi à análise categorial neste inquérito, em primeiro lugar importa referir que numerei de 1 a 45 todos os inquéritos analisados na disciplina de História. Para cada categoria de resposta, em cada questão optei por indicar uma letra maiúscula sucedendo ao número da questão para a qual foi elaborada essa mesma categoria. Por exemplo, quando me referir a **5.1.A** querará dizer que estou a reportar-me para a categoria A da questão 5.1. do inquérito. Dentro de cada categoria existirão, por sua vez indicadores, subcategorias, que estarão indicadas com uma letra minúscula, por exemplo **5.1.Aa**; **5.1.Ab**, que reportam-se para a questão 5.1, categoria **A**, indicador **a** e indicador **b**.

Este tipo de análise acontecerá sempre que se revelar pertinente agrupar as respostas dos alunos, para uma análise mais elucidativa dos resultados. A mesma será acompanhada de um quadro onde se explana de forma sistematizada toda a informação.

Voltando à questão 5.1., e analisando as 44 respostas, urge-me referir que um aluno não respondeu a esta questão, sendo que das respostas analisadas consegui estabelecer 3 categorias. No entanto, algumas respostas não se enquadram em nenhuma destas categorias pois, para mim, não fez muito sentido criar categorias onde se enquadrava uma única resposta.

A primeira categoria elaborada (categoria A) diz respeito aos interesses que os alunos possuem por determinada característica da disciplina de História. Subdividi esta categoria em três indicadores: *a) alunos que consideram a disciplina “interessante”*; *b) alunos que manifestam uma preferência pelo conhecimento do passado*; e *c) alunos que utilizam adjetivos para manifestar o interesse pela disciplina*. Nesta primeira categoria encontram-se 28 alunos.

No primeiro indicador *alunos que consideram a disciplina “interessante”* encontra-se a maioria dos inquiridos, cerca de 14. De facto, grande parte dos alunos respondeu à questão 5.1. afirmando apenas que consideravam a disciplina de História interessante, e que era por essa mesma razão que afirmavam na questão 5, gostarem da disciplina. A título de exemplo, destaco uma frase de um inquirido **5.1.Aa20** que afirmou o seguinte:

“pois a cada aula a disciplina fica mais interessante”. Algumas das respostas a esta questão revelam-se um pouco redutoras e com pouco conteúdo. Apesar disso, os alunos acabam por demonstrar uma grande sensibilidade e humildade e consegue-se compreender que são respostas genuínas, como este aluno que afirma que, a cada aula, o seu gosto e interesse pela disciplina aumentam, e isso é fabuloso!

Estes 14 alunos afirmam que a disciplina é interessante, mas na maioria das respostas não há uma justificação desse interesse que demonstram pela disciplina.

O segundo indicador: *alunos que manifestam uma preferência pelo conhecimento do passado* foi bastante revelador. Onze alunos direcionam as suas respostas para o seu gosto por conhecerem o passado. Estes onze alunos gostam da disciplina de História porque gostam de saber o que aconteceu no passado. Respostas deste tipo foram recorrentes. **5.1.Ab27** *“porque gosto de saber como as pessoas viviam há muitos anos atrás”*; **5.1.Ab36** *“acho que é curioso e divertido descobrir algumas coisas sobre o passado”* **5.1.Ab24** *“porque gosto de saber coisas antigas”*. Estas respostas por parte de alguns inquiridos fazem-me acreditar que alguns alunos têm um gosto especial por conhecerem o passado, principalmente quando falamos de um passado que lhes pode dizer respeito, de forma mais direta, como quando se estuda a História de Portugal, por exemplo. Os alunos, de uma forma geral, consideram curiosas e interessantes as histórias que ouvem sobre determinados assuntos. Fascina-os conhecer como viviam as populações em determinado período da história. De facto, por diversas vezes, a História serviu de enredo a grandes produções hollywoodescas. A História conta boas e más histórias, histórias que fascinam, que envolvem, que apaixonam. Histórias dramáticas, românticas ou de aventura, mas que são “verídicas”, que se basearam em algo que aconteceu no passado, o que ainda as torna mais cativantes.

Ainda na categoria A, o último indicador diz respeito aos *alunos que utilizam adjetivos para manifestar o interesse pela disciplina*. É ou não a forma mais genuína de dizermos que gostamos de algo? De facto, quando mostramos a nossa preferência por determinado assunto, objeto ou pessoa, utilizamos adjetivos. Esta forma mais simplista, mas que no meu ponto de vista se coaduna com o grupo-alvo deste inquérito (alunos de 7.º ano), foi utilizada por 3 alunos. Estes utilizam as palavras “bonita” e “divertida” para justificar a razão pela qual gostam da disciplina de História, como por exemplo **5.1.Ac9** *“porque é divertida e bonita”*. Não necessitamos de frases emblemáticas, quando na ingenuidade de uma criança encontramos frases tão bonitas e simples como esta:

“Gosto da história porque é bonita e divertida”. Tal como preconizam alguns autores tal como George Duby (1996), a história é, antes de tudo, um divertimento, uma vez que, na opinião deste autor, o historiador sempre escreveu por prazer e para dar prazer aos outros, e por isso, no limite, a História pode servir apenas para nos divertirmos, para divertir aquele que a aprende. E de facto, isso comprova-se por algumas das respostas que tive a oportunidade de ler.

A categoria B relaciona-se com a facilidade com que os alunos aprendem a disciplina. Ou seja, as respostas desta categoria não estão relacionadas propriamente com as características desta ciência, mas sim com questões mais pedagógicas. As duas respostas **5.1.B31** “é uma disciplina fácil de aprender” e **5.1.B23** “porque a professora explica muito bem” revelam isso mesmo.

Por último, a categoria C foi elaborada uma vez que um grupo de alunos respondeu a esta questão valorizando, de certa forma, a utilidade e importância que a disciplina pode assumir. Assim sendo, na categoria C - *alunos que referem a utilidade/importância de conhecer o passado* consegui inserir 10 respostas. Respostas como **5.1.C15** “porque faz-nos perceber mais sobre a nossa cultura e as outras culturas”; **5.1.C4** “porque me ajuda a conhecer melhor o passado do mundo”; **5.1.C37** “porque acho que a história serve para nós sabermos os anos antepassados e pode um dia mais tarde ser preciso”; **5.1.C22** “(...) é importante saber o que aconteceu no passado” são alguns exemplos surpreendentes. Uma vez que o objetivo desta investigação se prende com a utilidade e a importância destas disciplinas, é altamente gratificante encontrar, numa pergunta simples relativa ao gosto dos alunos pela disciplina, respostas que vão ao encontro da importância da História. É muito interessante perceber que os alunos lhe reconhecem importância, ou seja, consideram que é útil aprender história, mesmo sem que lhes perguntemos diretamente. Há alunos que gostam da disciplina de história exatamente por isso, porque a consideram importante e útil. Para compreender, de forma mais simples esta categorização, contrui o seguinte quadro, sistematizando a informação recolhida, onde se apresentam alguns exemplos, em cada categoria.

Categoria	Indicador	Unidade de registo	Unidade de contexto	Número de registos
A- Interesse que os alunos possuem por determinada	a - Alunos que consideram a disciplina “interessante”	“Porque é interessante”	41	14
		“Acho interessante”	43	
		“Porque é interessante”	28	

caraterística da disciplina de História.		“É uma disciplina que requer muita atenção mas ao mesmo tempo é muito interessante saber sobre os nossos antepassados”	21		
		“Pois a cada aula a disciplina fica mais interessante”	20		
		“Porque é interessante”	19		
	b- Alunos que manifestam uma preferência pelo conhecimento do passado		“Porque me interessa pelos antepassados e como o ser humano evoluiu.”	33	11
			“Porque gosto de saber coisas antigas”	24	
			“Porque gosto de saber como tudo aconteceu”	12	
			“Porque gosto de saber como as pessoas viviam há muitos anos atrás”	27	
			“Acho que é curioso e divertido descobrir algumas coisas sobre o passado”	36	
	Alunos que utilizam adjetivos para manifestar o interesse pela disciplina		“ É divertida e aprendo o que aconteceu no passado”	18	3
			“Porque é educativa e muito bonita”	10	
		“Porque é divertida e bonita”	9		
B- Alunos que se referem à facilidade com que aprendem.		“É uma disciplina fácil de aprender”	31	2	
		“Porque a professora explica muito bem”	23		
C- Alunos que referem a utilidade/importância de conhecer o passado.		“É interessante e acho que é importante saber o que aconteceu no passado ”	22	10	
		“Porque faz-nos perceber mais sobre a nossa cultura e as outras culturas”	15		
		“Porque consigo perceber os meus antepassados e isso é interessante”	1		
		“Porque me ajuda a conhecer melhor o passado do mundo”	4		
		“Porque acho que a história serve para nós sabermos os anos antepassados e pode um dia mais tarde ser preciso”	37		

Quadro 1: categorização das respostas à questão 5.1. – justificação do gosto pela disciplina de História.

Prosseguindo a análise do inquérito, e analisando ainda o grupo dois “A disciplina de História” partimos agora para a questão 6 “*De que forma mais gostas ou gostavas de aprender História, na sala de aula?*” Esta é uma questão de resposta fechada, em que existem seis opções, sendo que uma das opções é de resposta aberta. As opções são as seguintes: os alunos gostam ou gostavam de aprender história através da exposição oral da professora; analisando documentos escritos; visualizando vídeos e filmes; realizando exercícios práticos, fazendo trabalhos de grupo ou outra opção que o aluno poderia considerar pertinente.

Era dada a possibilidade de escolher três destas opções que fossem ao encontro das preferências dos alunos. Através do seguinte gráfico conseguimos perceber de forma mais detalhada a preferência dos alunos relativamente à forma como gostam/gostavam de aprender esta disciplina.

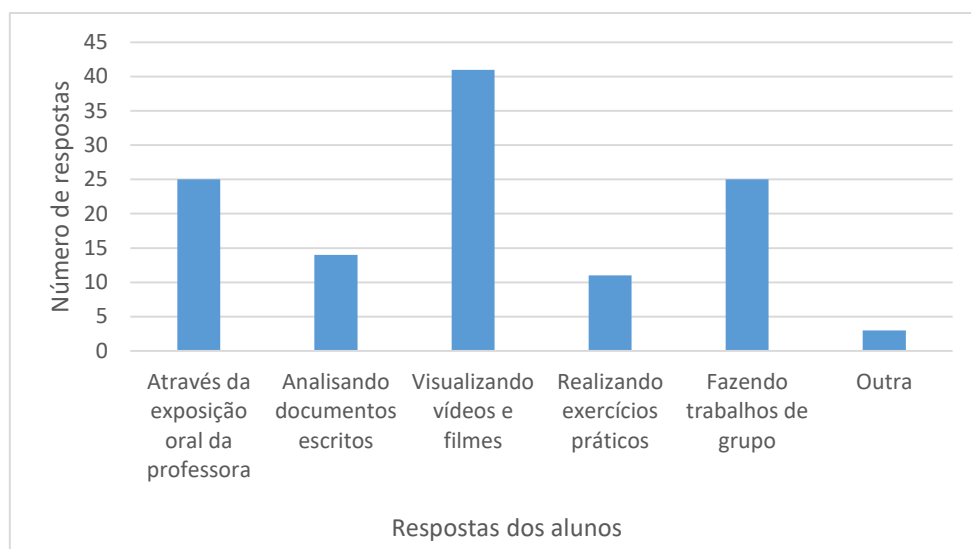


Gráfico 7: Preferência dos alunos relativamente à forma como gostam/gostavam de aprender História.

É possível verificar, através do gráfico 7, que 25 dos alunos inquiridos gostam de aprender História através da exposição oral da professora, 14 alunos gostam de aprender através da análise de documentos escritos, 41 gostam de aprender visualizando vídeos e filmes, 11 alunos têm preferência pela realização de exercícios práticos, 25 alunos optam pelos trabalhos de grupo e apenas 3 alunos apontam outra estratégia. Conseguimos facilmente comprovar que a maioria dos alunos, cerca de 41, ou seja quase a totalidade dos inquiridos prefere aprender história através de filmes e de vídeos, ou seja, o audiovisual é bastante apelativo em qualquer disciplina, e a de história não é exceção.

Importa realçar que os alunos podiam escolher três opções. Os 3 alunos que escolheram a opção “outra” referiram que gostavam de aprender História através de todas as opções anteriormente mencionadas; através do esclarecimento de dúvidas e de jogos didáticos como forma de aprender História.

Analisado o grupo 2 deste inquérito, avançamos para o terceiro e último grupo de questões, relacionadas com “A história no quotidiano”. Como já referi no enquadramento metodológico do trabalho, aquando da explicação metodológica dos inquéritos, foi possível perceber que existiam questões que eram suscetíveis de ser respondidas de forma semelhante, como por exemplo a 5.1 e a 7.1. Numa pedia-se a justificação para o gosto ou desgosto pela disciplina, e na 7.1. solicitava-se a justificação de considerar a história importante ou não. Apesar disso, as perguntas permitiam respostas diferentes, no entanto os alunos optaram por responder de forma semelhante. Passemos à sua análise.

Na questão 7, uma questão de resposta fechada, pretendia saber se os alunos consideravam a disciplina de História importante. Através do seguinte gráfico conseguimos verificar a tendência.

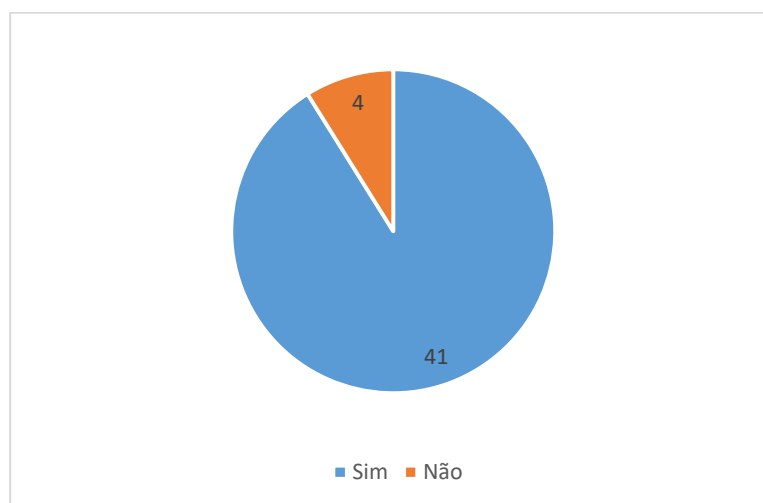


Gráfico 8: Importância da disciplina de História para os alunos.

De acordo com o gráfico 8 conseguimos compreender que apenas 4 dos 45 alunos inquiridos considera que a disciplina de História não é importante. Na questão 7.1. as justificações são muito variadas. Destaco duas das respostas negativas. Um aluno refere: “*Não me vai servir de nada*” e outro diz “*porque o interesse é o futuro e não o passado*”. São claramente respostas de alunos que não veem relevância nesta disciplina e que, de facto, não lhe reconhecem utilidade. Depois de analisadas as respostas negativas, procedi à categorização das respostas positivas da questão 7.1.

A primeira categoria elaborada (categoria A) prende-se com a importância do passado. A grande maioria dos alunos (30 alunos) assinalou que considera a História importante porque permite o conhecimento do passado. Apesar destes alunos terem assinalado o conhecimento do passado, não especificam a razão dessa importância. A grande maioria fala do conhecimento dos “antepassados”. Para estes alunos, a História é importante porque permite conhecer as vivências dos “antepassados”. Destaco algumas respostas como por exemplo, **7.1.A28** “*para sabermos mais sobre o que os nossos antepassados passaram.*”; **7.1.A25** “*é importante sabermos sobre os nossos antepassados.*”; **7.1.A4** “*porque ajuda a dar conhecimento às crianças sobre o passado da nossa espécie.*”; ou ainda **7.1.A31** “*é bom saber o que aconteceu antes de nós.*”.

Estas respostas, na minha opinião, são um pouco redutoras e vão ao encontro do que aconteceu na resposta 5.1. Ou seja, os alunos, na sua maioria, gostam de História e consideram-na uma disciplina importante apenas porque lhes permite conhecer o passado. No entanto, a verdade é que a História, no seu sentido mais simplista, “serve” para isso mesmo, para nos dar a conhecer o passado, mas alguns alunos vão mais além, e surgem respostas muito interessantes e curiosas, como acontece na categoria B. Na categoria B insiro as respostas dos alunos que fazem referência ao futuro para justificar a importância de aprender História. Destaco dois exemplos curiosos: **7.1.B10** “*porque podemos precisar dela um dia.*” e **7.1.B37** “*porque nós daqui a uns anos podemos ter filhos e podem querer aprender.*”. Apesar da inocência, própria da sua idade, estes alunos olham para esta disciplina como uma aprendizagem e numa perspectiva de utilidade, pois consideram que podem “precisar” dos conhecimentos adquiridos, mais do que não seja, para ensinar um dia os seus filhos. Considerei absolutamente deliciosas estas respostas.

Uma outra categoria elaborada (categoria C) está relacionada com o próprio saber, ou seja, os alunos revelam que a História é importante por oferecer mais sabedoria àqueles que a aprendem. Apresento, de seguida, alguns exemplos: **7.1.C3** “*temos de ser cultos e saber não só da atualidade, mas também do passado.*” E ainda **7.1.C36** “*acho importante pois leva-nos a conhecer mais algumas coisas que se passaram no passado e traz-nos mais sabedoria*”. Para os alunos que inseri na categoria C, a importância da disciplina de História está relacionada com a cultura geral, com o facto de nos tornarmos mais cultos, mais sábios.

Há ainda um grupo de alunos (categoria D) que se refere à importância da história numa perspectiva mais científica, ou seja, estes alunos consideram a história importante para aqueles que quiserem prosseguir os seus estudos nessa área. Vejamos dois exemplos: **7.1.D8** “*porque se quisermos ser historiadores já sabemos algumas coisas.*” e **7.1.D33** “*é importante se quisermos ser historiadores.*”.

Para simplificar a análise a esta questão elaborei o seguinte quadro, que sistematiza as várias categorias elaboradas para a questão 7.1.

Categoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
A- Importância do passado.	<i>“Para sabermos mais sobre o que os nossos antepassados passaram.”</i>	28
	<i>“É importante sabermos sobre os nossos antepassados.”</i>	25

	<i>“Porque ajuda a dar conhecimento às crianças sobre o passado da nossa espécie.”</i>	4
	<i>“É bom saber o que aconteceu antes de nós.”</i>	31
B- Referência ao futuro.	<i>“Porque podemos precisar dela um dia.”</i>	10
	<i>“Porque nós daqui a uns anos podemos ter filhos e podem querer aprender.”</i>	37
C- Saber/ cultura geral.	<i>“Temos de ser cultos e saber não só da atualidade, mas também do passado.”</i>	3
	<i>“Acho importante pois leva-nos a conhecer mais algumas coisas que se passaram no passado e traz-nos mais sabedoria”</i>	36
D- Importância da história numa perspectiva mais científica.	<i>“Porque se quisermos ser historiadores já sabemos algumas coisas.”</i>	8
	<i>“É importante se quisermos ser historiadores.”</i>	33

Quadro 2: categorização das respostas à questão 7.1. – Justificação da importância da disciplina de História.

Analisando todas as respostas dos alunos a esta questão considero que, apesar de estarmos perante alunos que na sua maioria têm 12 anos, e apesar das suas frases serem muito simples e pouco completas, se verificam respostas muito interessantes e que revelam já alguma maturidade por parte dos alunos. Conseguimos desconstruir algumas respostas e perceber como são complexas, pois os alunos expressam-se de forma muito simples mas dão opiniões muito coerentes e claras.

Avançando para a questão 8 *“Consideras que esta disciplina pode contribuir para te tornares uma pessoa mais informada e participativa socialmente?”*, esta apelava sobretudo à componente cívica que a disciplina de História pode assumir. No entanto, depois de analisadas as respostas da questão 8 e da questão 8.1. considero que alguns alunos provavelmente não compreenderam a questão. Esta talvez fosse demasiado complexa para a sua faixa etária e os alunos acabaram por responder de forma semelhante àquilo que responderam em outras questões, ou responderam de forma errada, ou simplesmente não responderam.

Analisando as respostas à questão 8, elaborou-se o seguinte gráfico (gráfico 9) que clarifica o número de alunos que considera que a disciplina de História pode contribuir para os tornar pessoas diferentes, ou seja, mais informadas e participativas na sociedade.

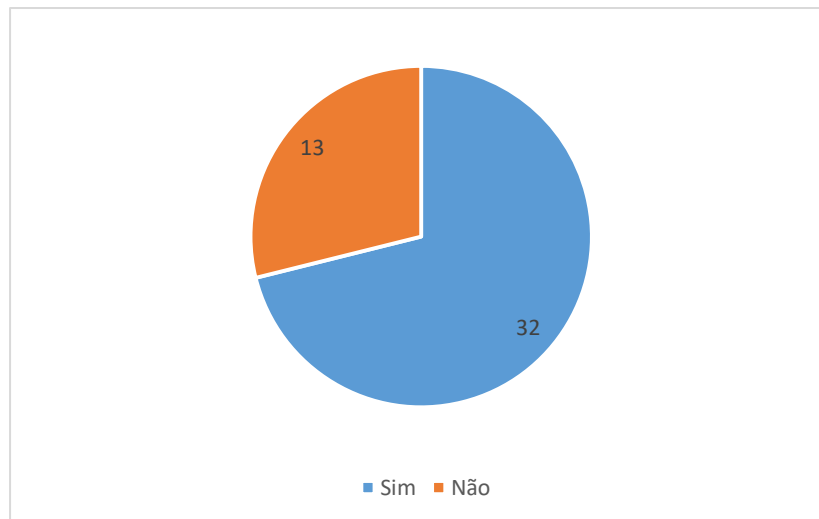


Gráfico 9: Opinião dos alunos sobre a contribuição da História para os tornar pessoas mais informadas e participativas socialmente.

Dos 45 alunos inquiridos, 13 respondem a esta questão de forma negativa e 32 de forma positiva. Dado que só os alunos que tivessem respondido de forma positiva teriam que responder à questão 8.1., só obtive 32 respostas. No entanto, e como já fiz referência, a grande maioria das respostas comprova que os alunos não perceberam a pergunta e, por isso, não responderam ao que lhes era perguntado.

Ainda assim houve alunos que responderam de forma correta e que foram ao encontro do que era solicitado. Dada esta circunstância, não elaborei categorias de análise, e por isso, darei apenas a conhecer algumas das respostas corretas, (ou seja, que responderam à questão e que perceberam a pergunta), e que considero particularmente interessantes. Um desses exemplos é o seguinte: *“porque serve para causar boa impressão”*. Este inquirido revela que saber História o torna mais informado e participativo, o que lhe garante causar uma boa impressão junto das outras pessoas.

Outro exemplo é: *“porque se alguém não souber o que aconteceu no passado, eu posso explicar.”* Este inquirido revela que pode se tornar mais informado mas sobretudo mais participativo através da História quando conseguir dar informações aos demais sobre assuntos que aprendeu nesta disciplina.

Dois exemplos que considere muito interessantes e que revelam uma grande maturidade, embora os inquiridos só tenham 13 e 12 anos respetivamente são: *“para me desenvolver como pessoa e também tendo mais cultura geral”* e *“para podermos estar*

numa conversa e sabermos intervir e saber de cultura geral”. Neste último exemplo, a História pode contribuir para o tornar mais participativo uma vez que, numa simples conversa que se possa ter com o grupo de amigos, quem a aprende consegue manifestar a sua opinião sobre algum episódio importante da História, sobre cultura geral. Ou seja, a História pode ser útil numa simples conversa, onde conseguimos causar boa impressão, como é referido no primeiro exemplo aqui apresentado.

Outro exemplo que se relaciona com esta vertente mais social e cívica da História e que aponta a questão da cultura geral é: *“Fico mais “rica” culturalmente (...)”*.

Relativamente à questão 9, esta questionava os alunos relativamente à utilidade da História no dia-a-dia: *“Consideras que a História tem utilidade no teu dia-a-dia?”* e os resultados comprovam-se no gráfico que se apresenta de seguida.

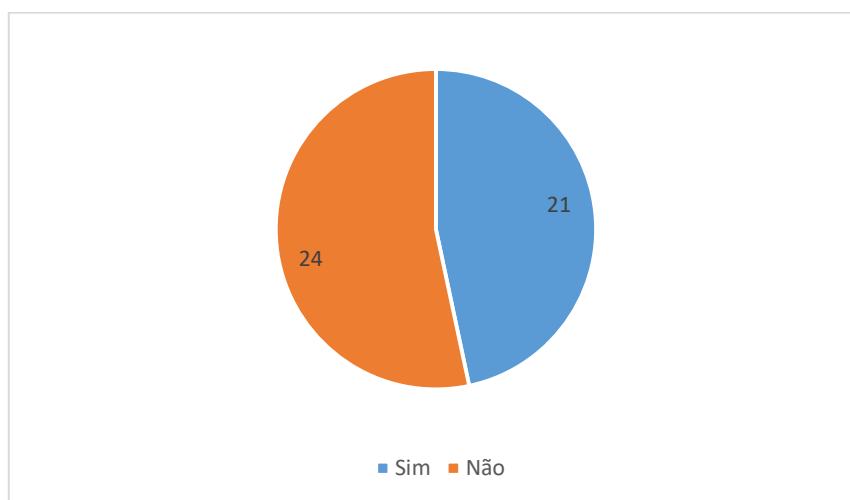


Gráfico 10: Opinião dos alunos sobre a utilidade da História no seu dia-a-dia.

Os resultados são, de certa forma, surpreendentes. Estamos a falar de quase 50% dos inquiridos que respondem de forma positiva e mais de 50%, aproximadamente, que respondem de forma negativa. Estes primeiros dados deixaram-me um pouco intrigada pois quase metade dos alunos considera que a História não poderá ser útil no seu quotidiano. Ou seja, apesar de os alunos considerarem uma disciplina importante e de terem particular interesse pela mesma, consideram que quando se trata do seu quotidiano, esta não tem utilidade. Uma hipótese para esta evidência poderá relacionar-se com o facto dos

alunos não terem compreendido a pergunta ou simplesmente não saberem do que se estava a falar.

É intrigante alguns alunos, em outras questões, falarem da utilidade da História sem lhes ter sido questionado diretamente, e nesta questão responderem de forma negativa. Outra hipótese é a de que, de facto, nas escolas, na disciplina de História, os alunos não estão a ser alertados para a importância que determinados temas podem ter nas suas vidas. Tal como foi mencionado no enquadramento teórico deste relatório de estágio, defendendo que o ensino de História deve estar mais direcionado para as questões práticas e deverá ir ao encontro das necessidades dos alunos e da sociedade em geral. Infelizmente considero que esta realidade ainda não é tão recorrente como deveria ser e que ainda há um longo caminho a percorrer. Foi esse caminho que tentei trilhar durante este ano de estágio: chamar a atenção dos alunos para pormenores importantes, mostrando exemplos claros da utilidade da História no seu quotidiano. Talvez se tivesse aplicado o mesmo inquérito no final do ano, as respostas a esta questão tivessem sido diferentes.

Apesar de tudo isto, uma parte também significativa dos alunos respondeu de forma positiva à questão 9 e por isso importa analisar as suas respostas à questão 9.1. “*Se respondeste SIM, dá um exemplo concreto da utilidade da História no teu dia-a-dia.*”. Também estas respostas foram bastante surpreendentes e, de facto, alguns alunos conseguem dar exemplos muito concretos de como a História se pode tornar útil no seu dia-a-dia.

Nesta questão foi possível criar duas categorias de resposta. No entanto, nem todas as respostas são possíveis de categorizar, dada a sua diversidade, o que de facto aconteceu na grande maioria. No entanto, também essas respostas são reveladoras e de extrema pertinência. Darei, como sempre, alguns exemplos, que servirão para elucidar o leitor sobre as opiniões dos alunos.

A primeira categoria (categoria A) relaciona-se com o Património Histórico. Os inquiridos, cujas respostas se enquadram nesta categoria, consideram que a História pode ser útil no seu dia-a-dia, por exemplo quando visitam um monumento e o conseguem “decifrar”, saber o que lá aconteceu e quem por lá passou. Vejamos dois exemplos muito claros e interessantes: **9.1.A35** “*a História pode ser utilizada para analisar monumentos que se encontram.*” e **9.1.A42** “*quando vamos visitar castelos antigos e conseguimos perceber o que lá aconteceu.*”. De facto, uma das grandes utilidades práticas da História é mesmo essa: a de não sermos insípidos e ignorantes perante o património histórico que

temos ao nosso dispor. Alguns alunos chegaram a essa mesma conclusão. Não poderia estar mais satisfeita com algumas respostas dadas por alunos tão pequeninos, mas que nos revelam tanto.

A segunda categoria elaborada (categoria B) diz respeito ao entretenimento. Ou seja, alguns alunos consideram que a história pode ser útil para compreender alguns jogos, programas televisivos, interpretar notícias, etc. Vou de seguida mostrar dois exemplos: **9.1.B18** “*quando às vezes aparece (...) no telejornal ou na novela e eu percebo melhor*” e **9.1.B38** “*ver um programa de televisão sobre história e eu saber (...)*”. Estes dois exemplos são bastante elucidativos. Para compreendermos a utilidade da História não precisamos de ir ao “fim do mundo”. Ela revela-se importante nos aspetos mais banais do nosso quotidiano, como comprovam estes dois alunos, por exemplo, que quando estão a ver a telenovela ou um programa televisivo, e estes abordam um facto histórico, o conseguem compreender, e têm consciência de que aquilo que aprenderam na disciplina de História se revelou útil, proveitoso.

Outro exemplo que destaco, mas que não se inclui em nenhuma das categorias supramencionadas, é o seguinte: “*porque encontramos coisas do passado no presente.*” Apesar de ser uma resposta um pouco vaga, conseguimos retirar dela algumas conclusões interessantes. Na opinião deste aluno, a História pode, de facto, revelar-se útil no seu dia-a-dia, pois no presente, na vida diária deparamo-nos com muitos episódios, circunstâncias, artefactos, monumentos, que se relacionam com o passado. Ou seja, para este aluno, a História revela-se útil na medida em que o passado faz sempre parte do nosso presente. A frase deste aluno do 7.º ano de escolaridade vai ao encontro da premissa de Jörn Rusen, que na sua conceção de Consciência Histórica interliga o passado ao presente, dando-lhe um significado. Sendo que este passado, quando compreendido e assimilado (neste caso pelos alunos de História), se manifesta no presente e ajuda o indivíduo a atuar perante esse presente, perspetivando ao mesmo tempo o seu futuro.

As questões 8 e a 8.1. foram aquelas que mais se enquadraram neste relatório de estágio e no objetivo deste trabalho, apesar de que, mesmo sem a minha intenção, os alunos acabaram por exprimir, de forma inesperada, a sua opinião sobre a utilidade e importância desta disciplina, em outras questões ao longo do inquérito.

A décima e última questão “*De que forma a disciplina de História te pode mudar enquanto pessoa, na tua relação com os outros e na forma como encaras o mundo* era talvez a mais complexa de todo o inquérito e, por isso, a mais difícil de responder. Se

fosse hoje, talvez não a tivesse colocado no inquérito, mas é com os erros que vamos aprendendo. No entanto, importa analisar os resultados e algumas respostas interessantes.

Nesta questão em particular apelava mais ao sentido emocional da História e aos valores que ela pode transmitir. A primeira categoria elaborada (categoria A) diz respeito à mudança na própria personalidade do aluno e à forma como este encara o mundo e o presente, pela consciência que tem do passado, pois a História acrescenta sempre algo a quem a aprende. Destaco alguns exemplos, os primeiros de inquiridos que dizem: **10.A12** “*Torno-me uma pessoa mais intelectual*” e **10.A30** “*Ficamos mais cultos e interpretamos melhor as coisas que ouvimos (...)*” Na opinião destes alunos, a História muda-os na medida em que os torna pessoas mais intelectuais e também mais conhecedoras. Ou seja, a História “trabalha” o intelecto, o meu “eu”, a minha forma de ser e de estar, a forma como me vejo e encaro o mundo. Outros exemplos seguem esta linha de pensamento: **10.A19** “*Porque nos faz perceber o mundo*”, **10.A42** “*Encaro o mundo de uma forma melhor*”, **10.A3** “*Pois sabendo o passado percebo melhor o presente*”, **10.A36** “*Pode-me mudar de uma forma boa enquanto pessoa, e ajuda-me a encarar o mundo e os outros*”

O último exemplo que destaco, dentro desta categoria A, e que comprova que claramente a História nos pode mudar, mais que não seja, por nos acrescentar algum saber, é o deste aluno que diz: **10.A2** “*A disciplina de História pode mudar-me enquanto pessoa porque fico a saber muito mais coisas.*”. Neste caso uso a premissa “o saber não ocupa lugar”. A verdade é que o saber ocupa lugar, e é importante que o mesmo ocupe um lugar importante nas nossas vidas, estando à nossa disposição para atuarmos de forma mais consciente. O saber histórico não cai no vazio, ele existe e é ou deve ser utilizado.

Um outro exemplo particularmente aliciante é o do aluno que diz “*sabendo o passado percebo melhor o presente*” uma vez que, não sendo fundamentalista ao acreditar que a História pode mudar o mundo, o certo é que quem a aprende consegue compreender muito melhor o contexto onde está inserido. Ou seja, os alunos de História, ao terem contacto com o passado (neste caso nas aulas de História), conseguem situar-se na espessura do tempo, conseguem situar-se temporalmente e é essa capacidade que o faz possuir a tal consciência histórica. De facto, o conhecimento do passado torna-se imprescindível para compreendermos o nosso presente, o mundo em que vivemos, perspetivando o futuro. A História pode servir, por exemplo, para não cometermos os mesmos erros que

aconteceram no passado. Mas isso não é assim tão linear, ou não fossem os exemplos de erros que se repetem ciclicamente por conhecimento desse mesmo passado.

A segunda categoria diz respeito à consciência dos passados dolorosos que a História transmite: **10.B6** “*pode mudar pois ficamos mais cultos e conseguimos perceber que muita gente sofreu no passado*” e o da aluna que diz **10.B5** “*pode-me tornar mais informada e faz-me pensar que antigamente não era tudo tão fácil como agora é.*”. Tal como foi sendo abordado neste relatório de estágio, a História pode mudar-nos enquanto pessoas, para o bem ou para o mal. Nestes casos particulares, a História serviu para que estes alunos se tornassem mais tolerantes e sensíveis, pelo conhecimento dos passados dolorosos. A História deixa sempre um bocadinho dela em quem a aprende. Os alunos podem não se lembrar, no futuro, de todas as datas importantes, dos reis da primeira dinastia, ou dos tratados mais significativos que aprenderam nas aulas de História, mas com a História aprenderam a relativizar o que lhes acontece durante a sua vida, aprendem a conviver com as circunstâncias, com as diferenças e com o “outro”. Este legado de valores é tão ou mais importante que o “legado científico”. Nestes dois exemplos comprova-se a “utilidade teórica”, abordada no enquadramento teórico do presente relatório. A História pode não se revelar útil de uma forma tão visível, pode não assumir um sentido utilitário, mas revela-se importante quando sabemos que nos tornámos pessoas diferentes, pelo conhecimento que temos do passado. É fascinante, na minha opinião, alunos do sétimo ano de escolaridade terem essa consciência histórica e conseguirem compreender a “utilidade teórica” da História, nas suas vidas, mesmo sem utilizarem os conceitos.

Uma outra resposta que não foi possível de inserir em nenhuma das categorias abordadas anteriormente mas que considere muito curiosa e igualmente importante foi a de uma aluna que afirma: “*(...) muda-me pois respeito mais os monumentos*”. Isto quer dizer que a História assume o papel fundamental de consciencializar os alunos da importância de preservar o património histórico.

Para uma abordagem mais sintética da categorização das respostas a esta questão 10, elaborei o seguinte quadro onde se explanam alguns dos exemplos mencionados anteriormente.

Categoria	Unidade de registo	Unidade de contexto
A- Mudança na própria personalidade do aluno e na	<i>“Torno-me uma pessoa mais intelectual.”</i>	12
	<i>Ficamos mais cultos e interpretamos melhor as coisas que ouvimos (...).”</i>	30

forma como este encara o mundo e o presente, pela consciência que tem do passado.	<i>“Porque nos faz perceber o mundo.”</i>	19
	<i>“Pode-me mudar de uma forma boa enquanto pessoa, e ajuda-me a encarar o mundo e os outros.”</i>	36
	<i>“Encaro o mundo de uma forma melhor.”</i>	42
	<i>“A disciplina de História pode mudar-me enquanto pessoa porque fico a saber muito mais coisas.”</i>	2
	<i>“Sabendo o passado percebo melhor o presente.”</i>	3
B-Consciência dos passados dolorosos que a História transmite.	<i>“Pode mudar pois ficamos mais cultos e conseguimos perceber que muita gente sofreu no passado.”</i>	6
	<i>“Pode-me tornar mais informada e faz-me pensar que antigamente não era tudo tão fácil como agora é.”</i>	5

Quadro 3- categorização das respostas à questão 10 – A forma como a História nos pode mudar enquanto pessoas, e na forma de encarar o mundo

O balanço global da análise deste inquérito foi, na minha opinião, positivo. Apesar das respostas simples, decorrentes da faixa etária dos alunos e das suas dificuldades ao nível da componente escrita, consegui comprovar alguns dados importantes. Sabia, logo desde o primeiro momento, que era uma tema complexo, que exigia grande reflexão e que provavelmente os alunos não iriam conseguir expressar-se da melhor forma, por escrito. Ao contrário da ideia inicial, que era a de realizar um segundo inquérito no final do ano decidi adotar uma estratégia diferente: o desenho. De seguida, passaremos à análise das “obras de arte” dos meus alunos.

2.4.1.2. “Let them draw” – Desenhos em História

Depois de analisado o inquérito, onde se obtiveram respostas bastante curiosas, é agora a vez de analisar os dados de um outro instrumento de recolha de dados, utilizado ao nível do Ensino Básico: o desenho. Dado o limite de páginas, e devido ao facto de nem todos os desenhos terem correspondido ao solicitado, irei nas páginas seguintes analisar apenas alguns exemplos que considere particularmente interessantes. Também como já fiz referência anteriormente, na mesma “ficha de trabalho” solicitei aos alunos que numa frase dissessem o que para eles significava a História. Essas respostas serão no final deste subcapítulo também analisadas. “Quando penso em história, o que me vem à memória?” Foi essa a tarefa dos meus alunos, pensar o que para eles significa a História.

Foram vários os alunos que desenharam castelos. Deixo aqui três exemplos que ilustram essa ideia. Estes alunos associam a História ao tempo dos reinados, dos castelos,

dos príncipes e das princesas. Essa história mais pitoresca que tanto fascina os mais novos. É também recorrente os alunos visitarem e conhecerem os inúmeros castelos que temos no nosso país, por isso, foi perfeitamente normal desenharem castelos quando lhes foi colocado este desafio, relacionando o património que lhes está mais próximo.

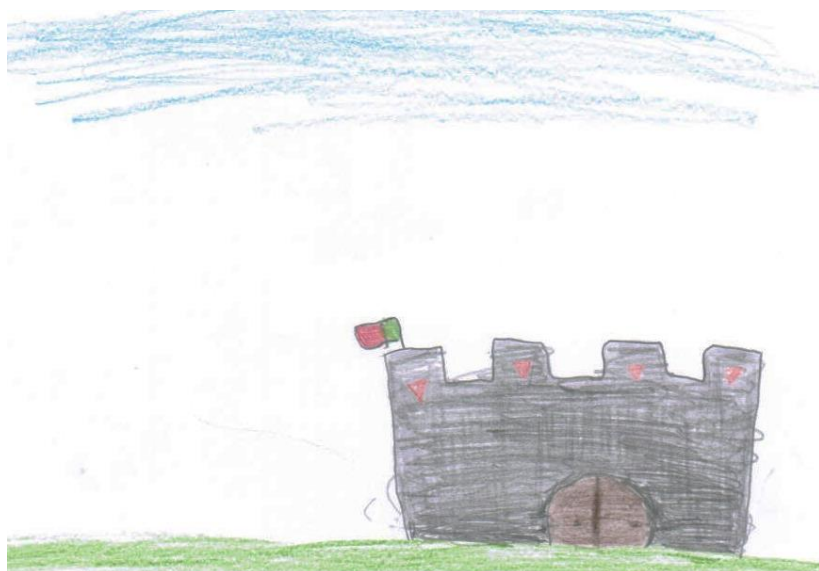


Figura 2 - desenho de aluno 1



Figura 3 - desenho de aluno 2

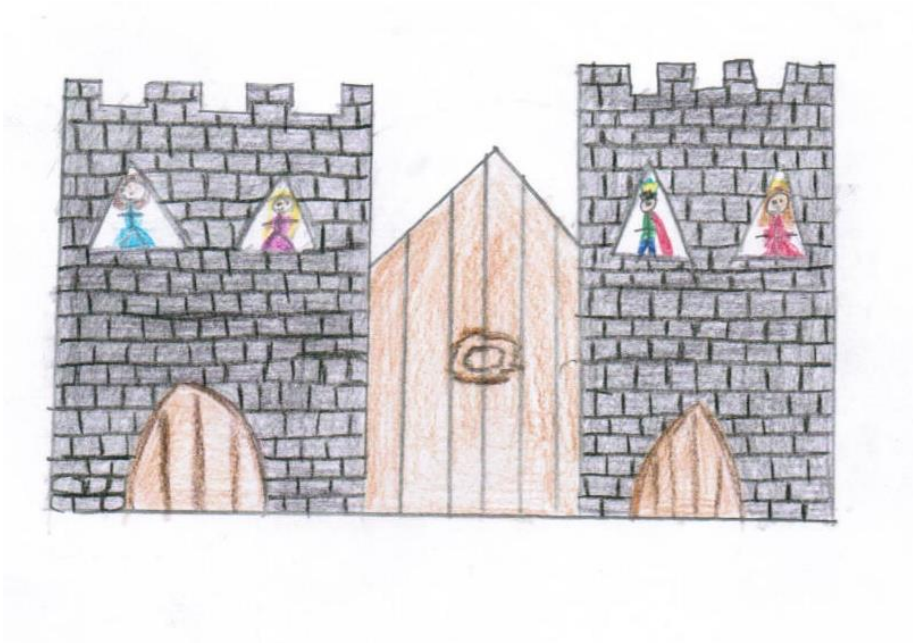


Figura 4 - desenho de aluno 3

Uma outra abordagem que considerei particularmente curiosa foi a de que muitos alunos relacionaram a História e aquilo que ela significa com os conteúdos programáticos do 7.º ano de escolaridade, ano que frequentam. Conteúdos que ainda estão bem presentes na memória dos alunos e que, por isso, tornou simples associar os mesmos àquilo que significa, para eles, a História. Vejamos alguns exemplos:



Figura 5 - desenho de aluno 4



Figura 6 - desenho de aluno 5



Figura 7 - desenho de aluno 6

Alguns conteúdos selecionados pelos alunos que elaboraram estes desenhos prende-se com a Grécia Antiga (figura 7), onde um aluno desenha um templo. Vários foram os alunos que elaboraram desenhos semelhantes aos da figura 7. Outro exemplo maravilhoso foi o da figura 6, relacionado com o Antigo Egito, em que o aluno desenha a famosa máscara funerária do Faraó Tutankamon. Outro exemplo relacionado ainda com os conteúdos temáticos da disciplina de História, no 7.º ano foi o desenho da figura 5, em que o aluno desenhou a escultura que representa a figura feminina e a fertilidade, com a reprodução de uma vénus.

Exemplos que se relacionam com o primeiro grupo de desenhos também são muito recorrentes. Vários alunos desenharam reis, príncipes, ou guerreiros. Isto leva-me a acreditar que para estes alunos a História pode ser representada por figuras emblemáticas e que foram marcantes na nossa História. Demonstro aqui alguns exemplos:



Figura 8 - desenho de aluno 7

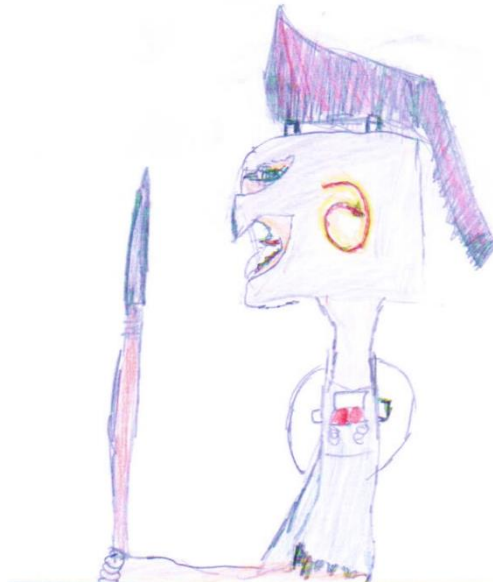


Figura 9 - desenho de aluno 8



Figura 10 - desenho de aluno 9

Um desenho que me marcou bastante pela sua originalidade foi o de um aluno, que foi quase dos últimos a começar a desenhar, que pensou durante muito tempo até passar para o papel aquilo que para ele significava a História. O resultado foi este: para ele a História significa tempo. De facto, apesar de algo tão complexo como é falar da História, da sua importância, utilidade e significado, estes alunos, através dos seus desenhos, têm a proeza de desmistificar algo que para eles se torna simples.

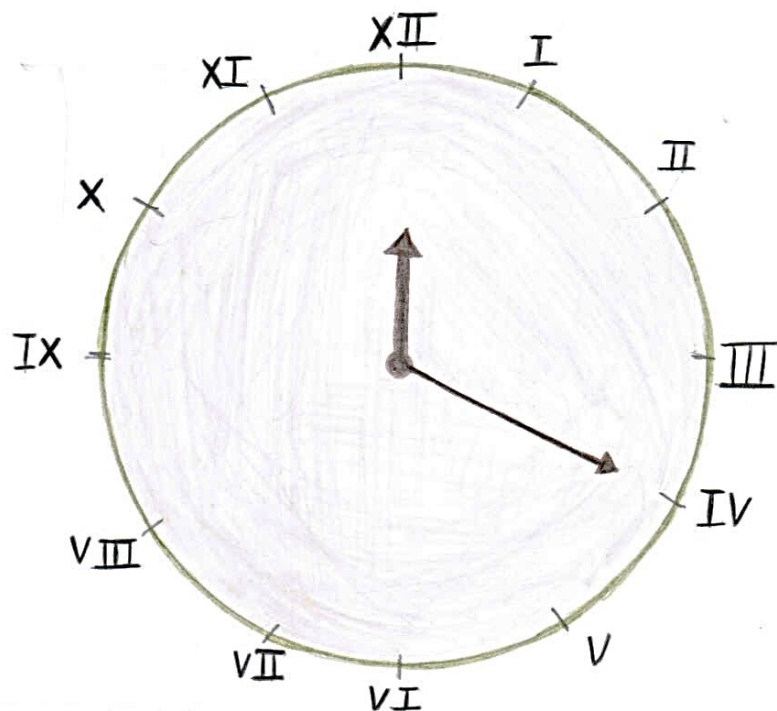


Figura 11 - desenho de aluno 10

Por último, destaco este desenho fabuloso, de uma aluna que diz que para ela “*a História é a evolução de tudo*” e, por isso, desenhou a evolução do Homem. Uma ideia brilhante, na minha opinião.

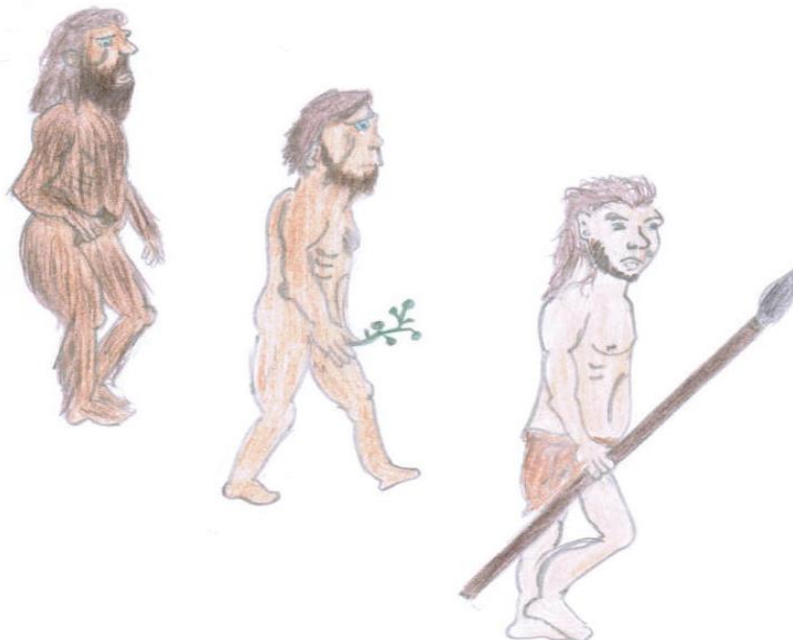


Figura 12 - desenho de aluno 11

O desenho foi, sem dúvida, uma excelente forma de recolher informação junto dos meus alunos e estes empenharam-se bastante na atividade, tal como se comprova pelos exemplos aqui apresentados.

Irei de seguida proceder à análise das frases solicitadas na mesma ficha de trabalho, em que se pedia o seguinte: “*Numa frase, refere o que para ti significa a História.*” Também aqui as respostas foram surpreendentes, no entanto não considerei pertinente criar categorias de análise, uma vez que a grande maioria dos alunos escreveu que a História era o conhecimento do passado, tal como aconteceu no inquérito, nas questões 5.1. e 7.1.

Apesar desta generalidade ao nível das respostas, existem alguns casos particulares que merecem algum destaque, pela sua originalidade, principalmente. Irei de seguida mostrar alguns desses exemplos.

Os primeiros exemplos nomeados estão relacionados com os desenhos dos próprios alunos. O primeiro está relacionado com o desenho do relógio (figura 11, página 85), onde o aluno refere o seguinte: “*para mim a História significa tempo.*”. O segundo

exemplo prende-se com o desenho da evolução do Homem, em que aluna diz: “*a história é a evolução de tudo*”.

Outro exemplo que destaco e vai ao encontro do próprio gosto do inquirido é “*a história para mim é a descoberta de coisas interessantes*.” Esta opinião pode também relacionar-se com as opiniões obtidas no inquérito, em que os alunos afirmaram, na sua maioria, que consideravam a História “interessante”.

“*A História relembra-me de coisas muito boas*” e “*História, para mim, é uma vida a descobrir*” foram dois exemplos que considerei particularmente interessantes, pela forma positiva com que estes alunos se referem a esta disciplina.

Por último, destaco a frase “*importância para o futuro*” pois considero que este aluno possui uma opinião interessante. Ele não refere o passado, como a maioria dos seus colegas fez. Este aluno foi mais além e entendeu que a História e o conhecimento do passado podem ser importantes para perspetivar o seu futuro, pois ao posicionarmo-nos perante o passado, ao compreendermos o contexto temporal onde nos inserimos, conseguimos perspetivar o nosso futuro. Assim, é na minha opinião, assinalável como um aluno de 7.º ano nos diz que para ele a História é a importância para o futuro.

2.4.1.3. “Let them talk” - Focus Group em História

Depois de uma análise dos dados recolhidos ao nível do Ensino Básico (através do inquérito e do desenho), vamos analisar os dados recolhidos através do *Focus Group* realizado às duas turmas do Ensino Secundário. Uma vez que os dois *Focus Group* realizados obedecem à mesma estrutura e foram conduzidos de forma muito semelhante, analisá-los-ei em simultâneo. Para uma melhor compreensão por parte do leitor, quando me referir ao *Focus Group* do 11.º 1, indicarei **FG1** e ao do 11.º 2, **FG2**, precedendo à citação referida por cada aluno, sendo que a cada aluno corresponde uma letra minúscula, segundo o número de intervenientes.

Importa esclarecer que a primeira conversa (turma 11.º 1) foi referente às duas disciplinas (História e Geografia) mas neste momento, irei apenas debruçar-me sobre a disciplina de História. No 11.º 2 essa questão não se coloca, uma vez que esta turma

apenas tem a disciplina de História, dado que Geografia é uma disciplina opcional e não foi escolhida por esta turma.

Nesta altura do presente relatório e após a análise dos resultados obtidos ao nível do Ensino Básico, faz todo o sentido relacionar mais uma vez as respostas dos alunos com a consciência história e com as utilidades “teóricas” e “práticas” abordadas no enquadramento teórico deste trabalho.

Para uma análise mais fluída, mas ao mesmo tempo concisa, optei por criar duas grandes categorias de respostas. A primeira prende-se com a utilidade prática da disciplina de História e a segunda com a utilidade teórica. Aquilo que se comprova é que as ideias dos alunos vão ao encontro da utilidade que a História pode ter no dia-a-dia daquele que a aprende ou aprendeu.

As operações mentais que possibilitam ao Homem interpretar a sua experiência e que se tornam orientadoras na sua vida prática (Rüsen, 2001: 51) apresentaram-se, neste caso, através de exemplos, durante a realização dos *Focus Group*. Os alunos, de uma forma geral, apresentam consciência histórica, e podemos comprovar a sua existência pelos múltiplos exemplos dados pelos próprios alunos, tal como aconteceu aquando da análise dos inquéritos.

Desta forma, pelo desenrolar da conversa e ao questionar os alunos sobre a disciplina de História, as vozes não destoam, pois de uma forma geral todos os intervenientes, independentemente dos exemplos transmitidos, concordam com a ideia de que a História transmite um legado funcional e simbólico poderoso àquele que a aprende. A justificação não tarda nas respostas adiantadas.

A **primeira categoria “utilidade teórica”** está diretamente relacionada com o legado de valores transmitido pela História. A marca deixada na alma de quem aprende História, abordada no enquadramento teórico deste relatório, existe e comprova-se pelos exemplos destacados. Por ser uma ciência mais teórica, os exemplos não são de carácter utilitário, são exemplos da consciência que os alunos têm sobre a importância da História na vida quotidiana. Não são necessários somente exemplos palpáveis, concretos e visíveis para comprovarmos a importância e utilidade da História. De facto, a verdade é que adquirindo uma consciência histórica, simplesmente conseguimos saber e compreender que a História é importante nas nossas vidas, no nosso presente, é-nos intrínseco.

Quem aprende História torna-se, de certa forma, diferente, seja porque se tornou uma pessoa mais tolerante, seja por exemplo porque aprendeu com os erros do passado. Algumas opiniões dos interlocutores enquadram-se neste panorama da “utilidade teórica”.

De um modo geral, os alunos ouvidos consideram que, de facto, a História auxilia o ser humano na sua tomada de decisões diárias: **FG1d** “*porque ajuda a perceber como as coisas hoje em dia são como são. Alguma coisa teve que acontecer para chegar àquilo que é a nossa atualidade.*”, **FG2h** “*é importante conhecermos o passado para, de certa forma, prepararmos melhor o nosso presente e aquilo que nos poderá acontecer no futuro.*” **FG2e** “*é importante sabermos o que já se passou para, de certa forma antecipar o que nos pode acontecer e ajuda a resolver certos problemas que podem surgir na nossa vida como por exemplo a crise que vivemos atualmente (...) se alguns políticos soubessem mais de História alguns problemas poderiam ser mais facilmente resolvidos se eles utilizassem os exemplos que já aconteceram no passado.*”

As opiniões dividem-se quando se afirma que o conhecimento do passado serve para não se cometer os mesmos erros no presente: **FG1c** “*Conhecer os erros do passado permite-nos ter a oportunidade de não os voltar a repetir*” pois há quem afirme: **FG1d** “*não me parece que as pessoas tenham aprendido com a História, os conflitos a nível mundial estão a aumentar (...)*” Esta perceção emanada das reflexões dos nossos interlocutores deixa um amplo espaço de manobra para se conseguir comprovar a máxima de que a História pode servir para o bem ou para o mal, e o seu conhecimento poderá revelar-se uma vantagem mas, em certos casos, uma desvantagem. Ou seja, apesar do contacto com a disciplina de História, a Humanidade continua a cometer erros semelhantes àqueles cometidos no passado.

Acrescenta-se o drama dos refugiados: **FG1c** “*através da História, do passado, das diferentes ideologias e assim, consigo ter mais opinião sobre o assunto e também olho para esta realidade de uma maneira diferente, com maior solidariedade.*”, **FG1d** “*eu consigo compreendê-los melhor*”. Claramente que se comprova, na opinião destes alunos, que a História promove a tolerância e o olhar a realidade de outras perspetivas, relativizando, de certa forma, aquilo que vamos assistindo no nosso quotidiano, mas opiniões divergem no que diz respeito a este assunto: **FG1a** “*por saber de História estou um pouco menos recetivo à vinda deles para cá, sei o seu historial, as crenças e acho que*

vai ser difícil eles respeitarem as nossas e adaptarem-se pacificamente. Se não soubesse a história destes países, não me preocupava com isto, simplesmente.”

A importância da História para a vida política também foi referida: **FG2e** *“se quisermos seguir o ramo da política, é sempre importante sabermos História, (...) mais que não seja, porque se os políticos não compreendem a razão pela qual somos um país democrático, e a razão pela qual temos um parlamento, de nada lhes vale o cargo que ocupam.”* Nesta mesma perspetiva, afirma-se: **FG1c** *“A História pode ser importante também para nos tornarmos mais interventivos na sociedade nas questões políticas e isso, e saberemos, por exemplo, que partido escolher quando vamos votar.”* De uma forma geral, as opiniões convergem quando se diz que a História pode orientar politicamente o Homem.

As ideias dos alunos comprovam que os mesmos possuem uma consciência histórica, na medida em que sabem que a História os muda, fazendo-os encarar o mundo (política e socialmente, por exemplo) de uma forma diferente. Esta “utilidade teórica” manifesta-se pelo sentido de orientação que a História transmite àqueles que com ela aprendem.

Dentro da **categoria “utilidade prática”** inserem-se outros exemplos transmitidos pelos alunos. De facto, apesar de a História ser uma disciplina mais teórica, ela apresenta também um sentido utilitarista. O certo é que se torna mais simples comprovar a sua utilidade pelos exemplos mais práticos, e também considerados mais banais, através das múltiplas experiências do dia-a-dia, ao contrário do que acontece em Geografia, em que existem mais exemplos considerados de “utilidade prática”. O legado funcional da História é referido pelos alunos, através dos exemplos explanados de seguida.

Tal como aconteceu com alguns alunos do 7.º ano, foi também referido, neste *Focus Group*, que o contacto com a História permite interpretar um filme de maneira diferente. Conhecer o passado tornou-se importante para a própria compreensão de alguns filmes, compreender os cenários, as personagens e o próprio enredo: **FG1e** *“o próprio filme torna-se mais aliciante, porque nos conseguimos situar no tempo, no espaço, conhecer as personagens, (...) no fundo compreendemos o contexto do próprio filme”* até porque **FG1d** *“às vezes uma simples frase que aparece no filme se torna tão importante*

quando percebemos o seu contexto histórico, e que de outra forma seria completamente insignificante”

O conhecimento do Património Histórico é outro exemplo transmitido pelos alunos, à semelhança de outros exemplos referidos nos inquéritos do 7.º ano. Para estes, a História pode revelar-se útil para a interpretação do Património Histórico, e para a sensibilização da sua preservação. Elencam-se os motivos que justificam esta escolha: **FG2f** *“só consegui compreender a razão do nome da praça Carlos Alberto, no Porto, e os monumentos que lá existem quando o professor de História explicou”, FG1b “antes ia viajar com os meus amigos e visitava alguns monumentos, como o mosteiro da batalha, e não fazia ideia do que lá se tinha passado, quem o tinha mandado construir, etc.. Há pouco tempo fui visitar Viana do Castelo e insisti com o meu grupo de amigos para ir visitar algumas igrejas que sabia terem sido cobertas de talha dourada, quando veio muito ouro do Brasil. Se eu não tivesse a tal consciência histórica que a professora fala, numa me iria interessar por uma coisa destas nem iria querer conhecer os pontos históricos da cidade.”*

Indo ao encontro de alguns exemplos transmitidos nos inquéritos, também no *Focus Group* foi referida a cultura geral, o saber mais que nos pode possibilitar uma aceitação social: **FG2g** *“Fico mais culto, com cultura geral e numa conversa sobre qualquer tema de História já consigo intervir, dizer o que aconteceu e dar a minha opinião.”*

Falar do futuro poderá ser sinónimo de falar de História? Alguns alunos estabelecem uma relação entre o conhecimento do passado e o seu futuro, como o da aluna que quer ser psicóloga: **FG1b** *“se algum dia tiver algum paciente com um trauma de guerra, ao ter um conhecimento de História, consigo por exemplo, perceber melhor o contexto da guerra onde ele esteve, e poderei ajudá-lo um bocadinho mais no que diz respeito à realidade por ele vivida. É sempre uma mais-valia termos conhecimentos de História.”*

Relacionando os dados dos desenhos com os recolhidos através dos inquéritos, considero que se tornou mais simples, para alguns alunos, expressarem a sua opinião através do desenho, pois de uma forma mais simples conseguem demonstrar a sua opinião. O *Focus Group* revelou-se também um instrumento muito positivo, pelo facto do diálogo ter sido muito participado, onde os alunos tiveram uma boa oportunidade de manifestar a sua opinião, interagindo com as opiniões dos restantes colegas participantes.

Dando por encerrado este subcapítulo de análise de dados relativos à disciplina de História, o balanço é positivo e de certa forma surpreendente. Foi para mim bastante gratificante verificar que a maior parte dos alunos inquiridos apresenta consciência histórica. Quer dando exemplos de utilidade teórica ou utilidade prática, o certo é que os alunos utilizam o seu conhecimento do passado como forma de orientação na vida.

Assim, através daquilo que se constatou nas opiniões dos alunos inquiridos, consigo afirmar que na grande maioria os alunos consideram a disciplina de História importante, pois reconhecem que esta pode revelar-se útil nas suas vidas, num sentido utilitarista (numa conversa, a ver um filme ou uma notícia, etc.) mas sobretudo pelo legado simbólico desta disciplina, pelos valores que transmite, e que de, certa forma, modificam a personalidade do indivíduo, fazendo com que este olhe para si e para os outros com outro olhar: o olhar de quem realmente é consciente historicamente.

2.4.2. Geografia

2.4.2.1. “Let them write”- Inquéritos em Geografia

O inquérito de Geografia, em tudo semelhante ao realizado na disciplina de História, apresenta respostas fechadas e outras abertas. A sua análise obedecerá à mesma linha de pensamento daquela que foi realizada para História e por isso, para além da análise estatística haverá espaço para a realização de uma análise de conteúdo, que se justifica pelo grande número de respostas abertas, neste inquérito.

Uma vez que estamos a falar somente da disciplina de Geografia ao nível do Ensino Básico, reportamo-nos às turmas 8.º 1 e 8.º 2, pelo que o número de inquiridos neste inquérito por questionário perfaz um total, nas duas turmas, de 44 estudantes.

Começamos esta análise pelos dados pessoais dos inquiridos (primeiro grupo do inquérito), que será meramente estatística.

Fazendo uma breve caracterização do grupo-alvo deste inquérito, no que diz respeito ao género este grupo de alunos é composto por 16 elementos do género feminino (cerca de 36%) e por 28 elementos do género masculino, correspondendo a cerca de 64% do total de inquiridos (gráficos 11 e 12).

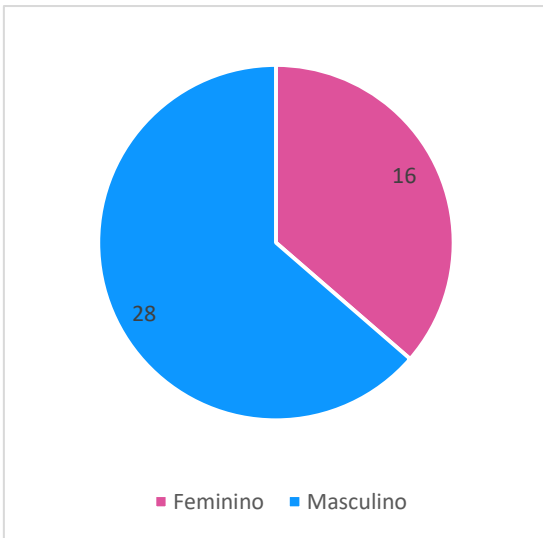


Gráfico 11: Género dos inquiridos.

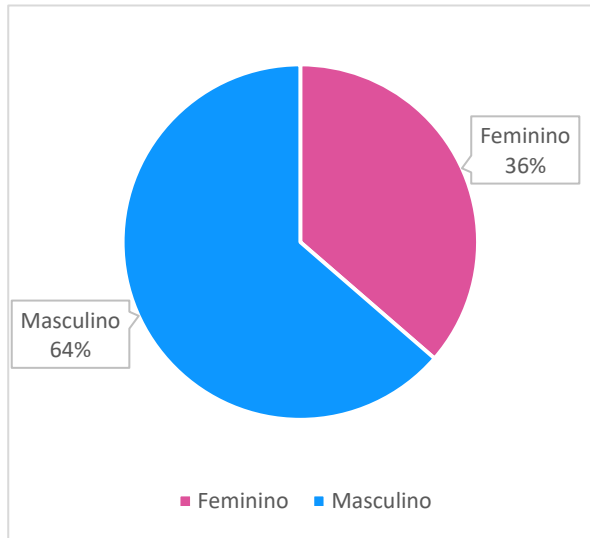


Gráfico 12: Género dos inquiridos, em percentagem.

Relativamente à estrutura etária (gráficos 13 e 14), verifica-se que as idades dos alunos estão compreendidas entre os 13 e os 17 anos, sendo que existem 29 alunos com 13 anos (65,9%), 10 alunos com 14 anos (22,7%), 3 alunos com 15 anos (6,8%) e por fim 1 com 16 anos (2,3%) e outro com 17 anos (2,3%), como se comprova pela análise dos gráficos 13 e 14.

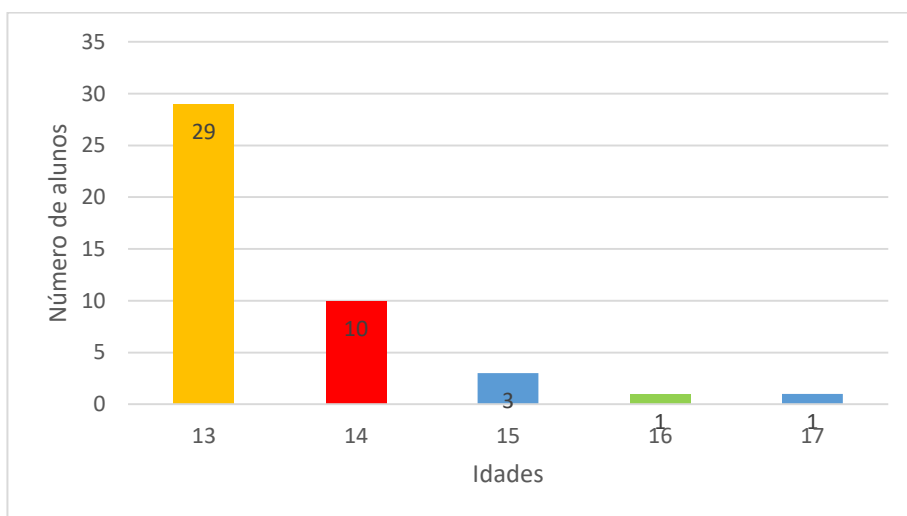


Gráfico 13: Idade dos inquiridos.

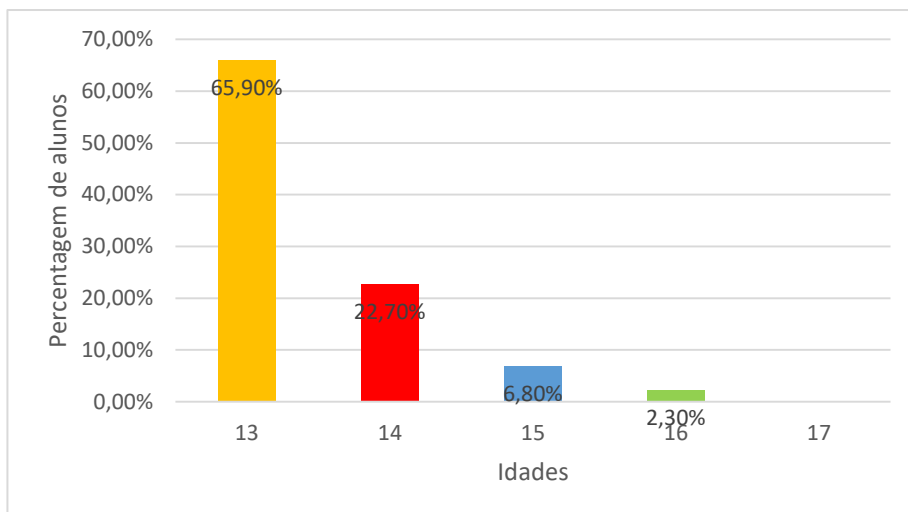


Gráfico 14: Idade dos inquiridos, em percentagem.

No que diz respeito à questão relativa ao número de repetências no conjunto dos 44 inquiridos através do inquérito feito na disciplina de Geografia, 10 são repetentes, cerca de 23% do total dos inquiridos, como se comprova nos gráficos 15 e 16. Destes 10 repetentes, 5 repetiram uma vez durante o seu percurso escolar, 4 repetiram já duas vezes e um aluno chegou a repetir 3 vezes.

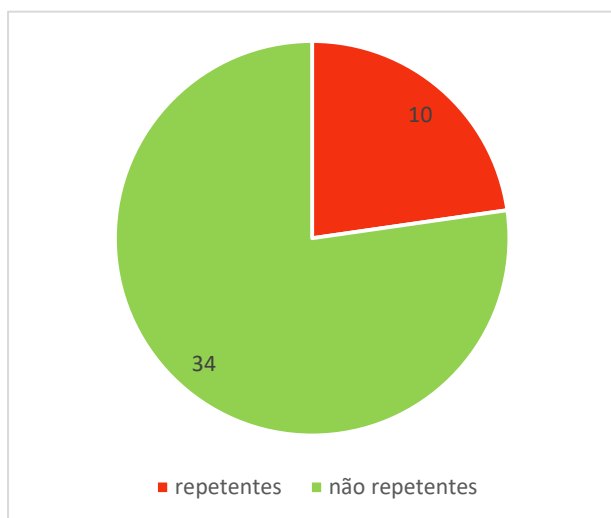


Gráfico 15: Número de retenções.

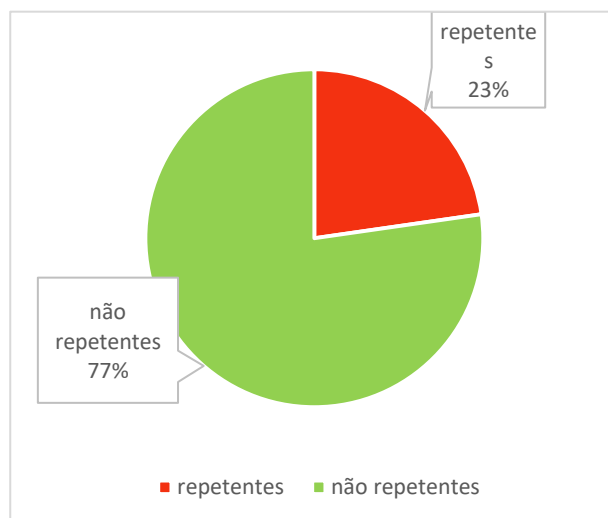


Gráfico 16: Número de retenções, em percentagem.

Seguindo a análise deste inquérito, vamos privilegiar sobretudo a análise de conteúdo, procedendo à análise categorial das respostas sempre que se considerar pertinente.

A primeira questão do segundo grupo do inquérito pretendia aferir o gosto dos alunos pela disciplina de Geografia (gráfico 17).

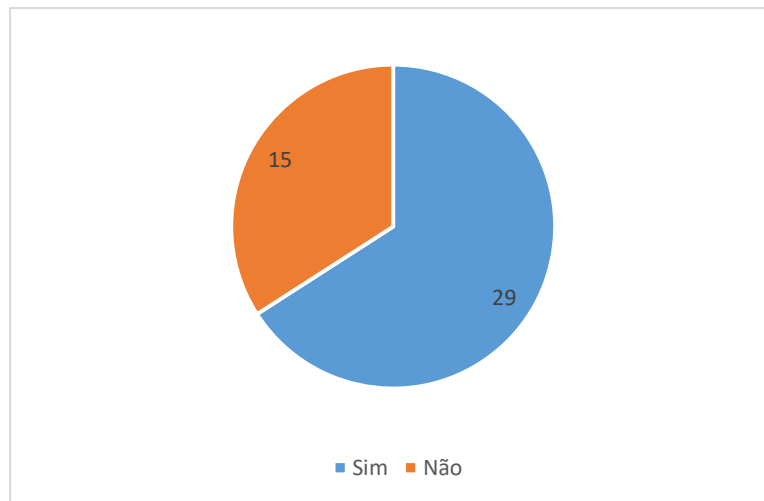


Gráfico 17: Gosto dos alunos pela disciplina de Geografia.

Como se pode observar, 29 alunos afirmam que gostam da disciplina de Geografia enquanto 15 referem o oposto, solicitando-se na questão 5.1. que justificassem a sua resposta. As opiniões dividiram-se. Para uma abordagem mais clara definimos duas categorias, a primeira associada aos alunos que não gostam de Geografia (categoria A) e a segunda (B) aos que gostam.

Dentro da primeira categoria inserem-se 15 alunos, que, pelo facto de apresentarem justificações muito diversificadas, não foi suscetível a criação de indicadores (subcategorias). Damos apenas alguns exemplos: **5.1.A80** “*porque não me desperta interesse.*”, **5.1.A74** “*os professores até podem ser fixes, mas a disciplina é uma seca.*” e **5.1.A51** “*porque não sou muito bom a essa disciplina.*”.

No contexto da categoria B (onde se inserem os alunos que gostam de Geografia), foi possível criar quatro indicadores: a- *Alunos que dizem que a disciplina é interessante*; b- *Alunos que dizem que a disciplina é divertida*; c- *Alunos que referem a importância da Geografia (utilidade teórica)*; d- *Alunos que abordam a dimensão da localização (exemplo de utilidade prática)*. No entanto, não foi possível incluir algumas respostas nestes indicadores.

No que concerne aos alunos que dizem que a Geografia é “interessante”, as respostas (tal como aconteceu na disciplina de História) foram vagas: **5.1.Ba55** “*porque acho que é interessante (...).*”, **5.1.Ba49** “*sim, gosto imenso. É uma disciplina muito interessante.*”

Alguns alunos também referem que a disciplina é divertida, ou seja, utilizam um adjetivo para justificar o seu gosto e ao mesmo tempo caracterizar a disciplina: **5.1Bb53**

“porque ficamos a descobrir mais coisas que não sabíamos e acho que isso é muito divertido.”, **5.1Bb59** “porque é divertida.”

Foi também possível encontrar alguns alunos que vão ao encontro do tema deste trabalho - a consciência geográfica e a utilidade teórica e prática da Geografia – dando exemplos da forma como esta disciplina se pode tornar útil nas suas vidas. O primeiro indicador, relacionado com a utilidade teórica, abrange respostas como: **5.1.Bc86** “porque desenvolvemos o nosso conhecimento sobre o mundo” Outro exemplo curioso é o seguinte: **5.1.Bc81** “é fácil e vai-nos ajudar no futuro (...) para estarmos mais ligados ao mundo.”. Este aluno revela alguma maturidade na sua resposta, porque para além de fazer referência ao futuro, considera que a disciplina vai “ajudar” a conectar-se com o mundo, ou seja, reconhece-lhe importância e utilidade. Na verdade, a Geografia é fundamental para o conhecimento que temos do mundo e, aplicando esse conhecimento no quotidiano, tornamo-nos “mais ligados” ao que nos rodeia e, dessa forma, mais interventivos.

Falando da “utilidade prática”, as respostas obtidas vão ao encontro do primeiro conceito abordado no enquadramento teórico deste relatório: a consciência espacial. Ou seja, os alunos dão exemplos práticos de como a Geografia auxilia na capacidade de nos sabermos localizar no espaço. De facto, essa é uma dimensão fortíssima da Geografia, a dimensão espacial e a consciência espacial, que os estudantes reconhecem: **5.1.Bd62** “gosto de me localizar no mapa e saber”; **5.1.Bd81** “é fácil e vai-nos ajudar no futuro para se nos quisermos deslocar (...)”; **5.1.Bd54** “porque dá para aprender a localizar-nos”

Para sistematizar esta informação elaboramos o quadro 4, onde se evidenciam alguns exemplos no âmbito de cada categoria e indicador.

Categoria	Indicador	Unidade de registo	Unidade de contexto	Número de registos
D- Alunos que não gostam de Geografia.		“Porque não me desperta interesse.”	80	15
		“Os professores até podem ser fixos, mas a disciplina é uma seca.”	74	
		“Porque não sou muito bom a essa disciplina.”	51	
E- Alunos que gostam de Geografia.	a- Alunos que dizem que a disciplina é interessante	“Porque acho que é interessante (...)”	55	5
		“Acho interessante.”	58	
		“Sim, gosto imenso. É uma disciplina muito interessante.”	49	
		“Porque acho interessante.”	50	
		“Acho-a interessante pois também ganho mais cultura.”	70	

	b- Alunos que dizem que a disciplina é divertida	<i>“Porque é divertida.”</i>	59	4
		<i>“Porque acho divertido.”</i>	47	
		<i>“Porque ficamos a descobrir mais coisas que não sabíamos e acho que isso é muito divertido.”</i>	53	
	c- Alunos que referem a importância da Geografia (utilidade teórica)	<i>“Porque desenvolvemos o nosso conhecimento sobre o mundo.”</i>	86	7
		<i>“ (...) Aprendemos detalhes dos continentes e países.”</i>	60	
		<i>“Gosto de compreender muito de paisagens.”</i>	72	
		<i>“É fácil e vai-nos ajudar no futuro (...) para estarmos mais ligados ao mundo.”</i>	81	
	d- Alunos que abordam a dimensão da localização (exemplo de utilidade prática)	<i>“É fácil e vai-nos ajudar no futuro para se nos quisermos deslocar (...)”</i>	81	4
		<i>“Gosto de me localizar no mapa e saber.”</i>	62	
		<i>“Eu acho que temos de saber localizar-nos (...)”</i>	57	
		<i>“Porque dá para aprender a localizar-nos.”</i>	54	

Quadro 4: categorização das respostas à questão 5.1. – justificação do gosto pela disciplina de Geografia.

Prosseguindo a nossa análise, ainda no grupo dois (“A disciplina de Geografia”), vejamos a pergunta 6: *“De que forma mais gostas ou gostavas de aprender Geografia, na sala de aula?”*

Nesta questão de resposta fechada existem seis opções (gráfico 18), sendo uma delas de resposta aberta, dando-se a possibilidade aos alunos de seleccionar as três que mais se enquadrassem nas suas preferências.

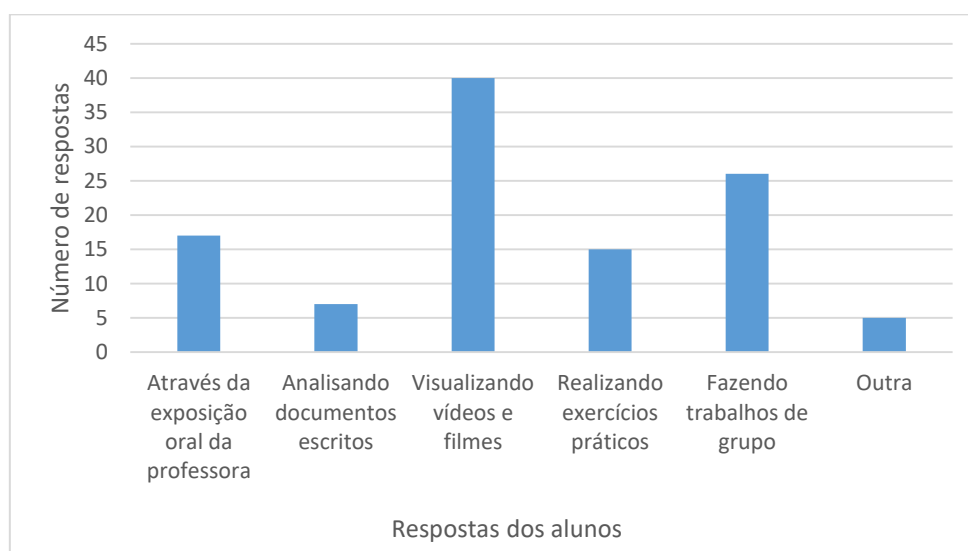


Gráfico 18: Preferência dos alunos relativamente à forma como gostam/gostavam de aprender Geografia.

É possível verificar que, dos 44 alunos inquiridos, 17 dizem gostar de aprender Geografia através da exposição oral da professora, 7 alunos gostam de aprender através da análise de documentos escritos, 40 gostam de aprender visualizando vídeos e filmes, 15 alunos têm preferência pela realização de exercícios práticos, 26 alunos optam pelos trabalhos de grupo e apenas 5 alunos apontam outra estratégia.

Conseguimos facilmente comprovar que a quase totalidade dos inquiridos (40 alunos) prefere aprender geografia através de filmes e de vídeos, demonstrando que o audiovisual é bastante apelativo e que, de facto, os alunos gostam e aprendem quando o professor utiliza este tipo de recurso.

Os 5 alunos que escolheram a opção ‘outra’, referiram que gostavam de aprender Geografia através de jogos didáticos. A utilização deste recurso na disciplina de Geografia foi recorrente ao longo do ano, verificando-se o entusiasmo dos alunos.

A questão 7 do inquérito, pretendia aferir o gosto pelos temas programáticos expressos nas Metas Curriculares em vigor no ano letivo 2015/2016: *“De entre os temas de Geografia (segundo as Metas Curriculares), indica a tua preferência relativamente a cada tema numa escala de 1 a 5 (em que 1 corresponde a não gosto e 5 a gosto muito) - coloca um X para cada tema, no número que mais se adequa à tua resposta).”*

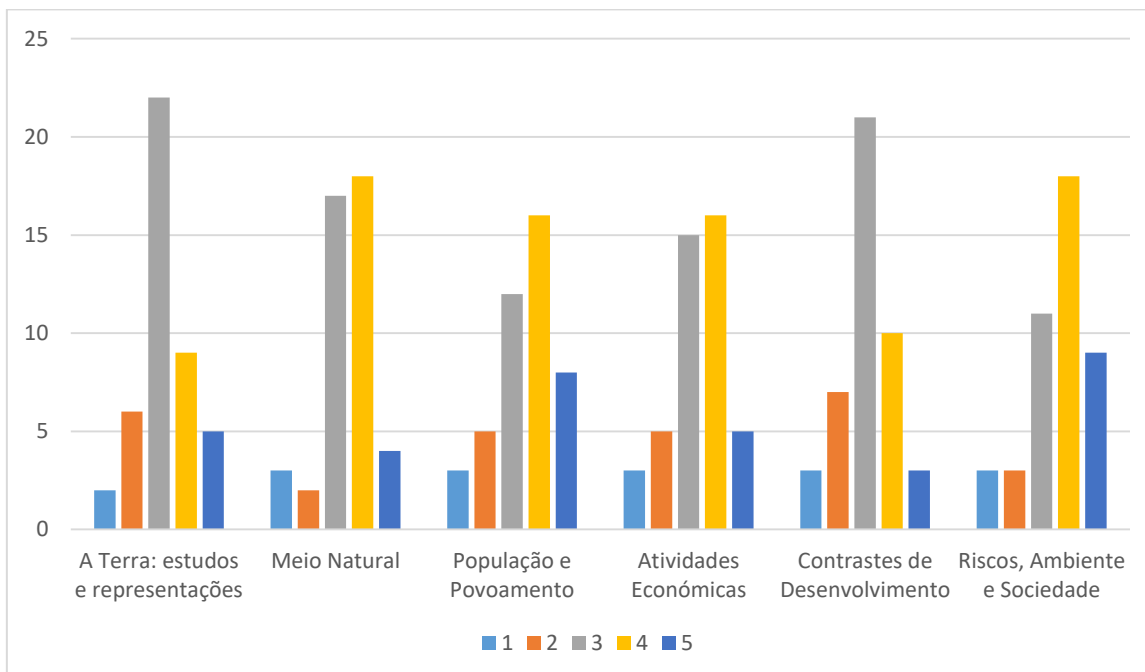


Gráfico 19: Preferência dos alunos pelos vários temas da disciplina de Geografia.

Através do gráfico 19 observa-se que as opiniões dos alunos são bastante distintas, salientando-se que existem poucos alunos a assinalar a opção 1, ou seja, que admitem não gostar realmente de determinado tema.

Os temas preferidos pela maioria são especialmente “População e Povoamento” e “Riscos, Ambiente e Sociedade”, mas de uma forma geral considero que não há grandes disparidades. Aliás, o que acontece com mais frequência é os alunos escolherem a opção 3, pois assim não tomam nenhuma posição mais concreta.

A justificação para esta tendência, pode passar pelo facto de os alunos não conhecerem bem os temas estruturantes da disciplina de Geografia e o que se estudo em cada um deles. “População e Povoamento” e “Riscos, Ambiente e Sociedade” podem ter sido os temas mais apreciados, talvez porque no primeiro caso estamos a falar da nossa evolução e de um assunto que nos é muito próximo, enquanto no segundo estamos perante um tema atual e pertinente que os *mass media* abordam recorrentemente, percebendo os alunos a cada vez maior necessidade de conhecer os riscos ambientais que podem comprometer o seu futuro.

Continuando a nossa análise abordamos agora o terceiro e último grupo de questões, ou seja, o que se relaciona de uma forma mais estreita com o tema do presente relatório: “A Geografia e o quotidiano”.

A primeira pergunta deste grupo (questão 8) pretendia saber a opinião dos alunos relativamente à importância que estes dão à disciplina de Geografia: “*Consideras a disciplina de Geografia importante?*”

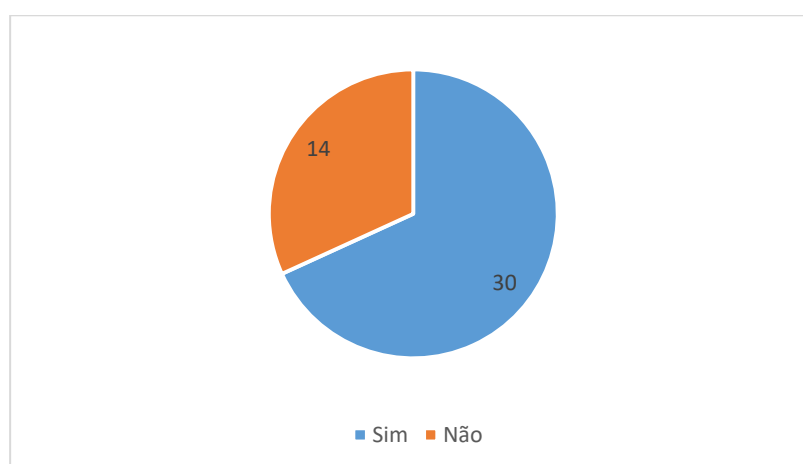


Gráfico 20: Importância da disciplina de Geografia para os alunos.

De acordo com o gráfico 20 observa-se que 30 alunos consideram a disciplina importante, enquanto os restantes 14 têm uma opinião contrária, verificando-se que as justificações são muito variadas (questão 8.1.).

As duas categorias definidas dizem respeito aos alunos que não consideram (A) ou consideram (B) a Geografia importante.

Na categoria A, que envolve justificações bastante variadas, alguns referem que não consideram a Geografia importante por não quererem seguir, no futuro, esta área científica: **8.1.A70** “*porque não é necessário para a profissão que quero seguir.*.”; **8.1.A68** “*para a profissão que quero não é preciso geografia.*.”. Outros exemplos prendem-se com o facto de os alunos não atribuírem importância ao que aprendem no seu contexto: **8.1.A59** “*não gosto porque não precisamos de saber por exemplo quantas pessoas tem a China ou se as montanhas são grandes ou não.*.” Algumas respostas são vagas e, na generalidade dos casos, os alunos não justificam de forma coerente a razão pela qual não consideram esta disciplina importante: **8.1.A65** “*porque não precisamos de saber tanta coisa.*.” Este aluno revela desinteresse pela aprendizagem e a sua opinião vai ao encontro da caracterização que fiz de uma das turmas do 8º ano.

Mas já vimos que a maioria dos alunos inquiridos considera a disciplina de Geografia importante. As justificações são variadas, pelo que foi possível criar alguns indicadores onde se inserem a maioria das respostas: *a-Saber/ cultura geral; b-Importância para o futuro; c- Exemplos relativos aos conteúdos programáticos da disciplina; d-Visão diferente do mundo.*

No primeiro indicador inserem-se a maioria das respostas. Estes alunos consideram que a Geografia é importante por ‘oferecer’ mais sabedoria e, tal como aconteceu na disciplina de História, utilizam várias vezes a noção de “cultura geral”. Assim, apesar de apenas um ano de escolaridade “separar” estes alunos e estarmos perante disciplinas distintas, as respostas dos alunos não são muito diferentes. Isto vai também ao encontro do que já referi anteriormente: é sabido que estas duas disciplinas são vistas como disciplinas do senso comum e que apenas “servem” para acrescentar saber àqueles que a aprendem. As opiniões de alguns alunos seguem esta linha de pensamento: **8.1.Ba62** “*para saber mais um bocado de cultura geral.*.”, **8.1.Ba61** “*porque nos dá cultura geral.*.”

Para as respostas inseridas no indicador b (*Importância para o futuro*), os alunos associam a importância desta ciência ao seu futuro: **8.1.Bb81** “*para no futuro aprendermos a deslocarmo-nos ou para termos uma conversa adequada com gente com um nível*

de escolaridade superior ao nosso, por exemplo.”, **8.1.Bb88** “porque nós ao longo da nossa vida vamos ter filhos e podemos precisar no futuro da geografia.”

O terceiro indicador diz respeito a exemplos concretos dados pelos alunos, relativamente aos conteúdos programáticos da disciplina, reconhecendo a sua utilidade: **8.1.Bc79** “Para sabermos mais sobre população.” E **8.1.Bc71** “É importante para percebermos o estado do tempo”.

Na sua maioria, os alunos cujas resposta são relativas a este indicador associam a importância da disciplina à localização no espaço, o que vai ao encontro, mais uma vez, do conceito de consciência espacial: **8.1.Bc57** “temos de nos saber localizar.”; **8.1.Bc53** “ (...) Aprendemos onde se localizam cidades e países, descobrimos muitas coisas que antes não sabíamos.”; **8.1.Bc60** “Podemos localizar certos países (...)”.

O último indicador referente à questão 8.1, diz respeito à visão dos alunos sobre o mundo. Apesar de considerar um pouco mais genéricas estas respostas, a verdade é que expressam o que para mim significa a utilidade teórica da Geografia. De facto, esta disciplina, no seu sentido mais amplo e abrangente, permite melhorar o conhecimento que temos no mundo que nos rodeia e compreender o contexto onde nos inserimos. O nosso olhar perante o mundo modifica-se, impreterivelmente. Na verdade, a Geografia ‘abre os horizontes’ daqueles que a aprendem. Vejamos alguns exemplos que comprovam esta ideia da utilidade teórica da Geografia: **8.1.Bd87** “Porque ficamos a conhecer mais o nosso mundo e a forma como nos estamos a desenvolver”; **8.1.Bd89** “A Geografia é importante para uma pessoa saber o mundo onde vive.”; **8.1.Bd77** “Para adquirir conhecimento sobre o nosso mundo.”; **8.1.Bd51** “Porque com a Geografia ficamos a conhecer muito melhor o mundo.”

Uma vez que criei várias categorias e diversos indicadores torna-se mais simples analisar toda esta informação através do quadro 5, elaborado por forma a sistematizar alguns dados recolhidos através de alguns exemplos selecionados.

Categoria	Indicador	Unidade de registo	Unidade de contexto	Número de registos
A- Alunos que não consideram a disciplina importante.		“Porque não é necessário para a profissão que quero seguir.”	70	14
		“Para a profissão que quero não é preciso geografia.”.	68	
		“Não gosto porque não precisamos de saber por exemplo quantas pessoas tem a China ou se as montanhas são grandes ou não.”	59	
B-Alunos que consideram a	a-Saber/ cultura geral.	“Para saber mais um bocado de cultura geral.”	62	6

disciplina importante.		<i>“Porque fico com mais informação.”</i>	48	
		<i>“Porque nos dá cultura geral.”</i>	61	
		<i>“Para ficarmos com mais cultura e para ficar a conhecer melhor o mundo.”</i>	85	
	b-Importância para o futuro.	<i>“Para no futuro aprendermos a deslocarmos ou para termos uma conversa adequada com gente com um nível de escolaridade superior ao nosso, por exemplo.”</i>	81	3
		<i>“Porque nós ao longo da nossa vida vamos ter filhos e podemos precisar no futuro da geografia.”</i>	88	
	c-Exemplos relativos aos conteúdos programáticos da disciplina.	<i>“Temos de nos saber localizar.”</i>	57	6
		<i>“ (...) Aprendemos onde se localizam cidades e países, descobrimos muitas coisas que antes não sabíamos.”</i>	53	
		<i>“Para sabermos mais sobre população.”</i>	79	
		<i>“Podemos localizar certos países e aprender mais sobre os tipos de população.”</i>	60	
	d-Visão do mundo diferente.	<i>“Porque ficamos a conhecer mais o nosso mundo e a forma como nos estamos a desenvolver”</i>	87	9
		<i>“A Geografia é importante para uma pessoa saber o mundo onde vive.”</i>	89	
		<i>“Para adquirir conhecimento sobre o nosso mundo.”</i>	77	
		<i>“Porque com a Geografia ficamos a conhecer muito melhor o mundo.”</i>	51	

Quadro 5: categorização das respostas à questão 8.1. – Justificação da importância da disciplina de Geografia.

Prosseguindo a análise do inquérito, iremos neste momento analisar a questão 9 e 9.1. *“Consideras que esta disciplina pode contribuir para te tornares uma pessoa mais informada e participativa socialmente?”*. Esta questão apelava sobretudo à componente cívica e interventiva que a disciplina de Geografia apresenta. O seguinte gráfico (gráfico 21) evidencia as opções dos alunos.

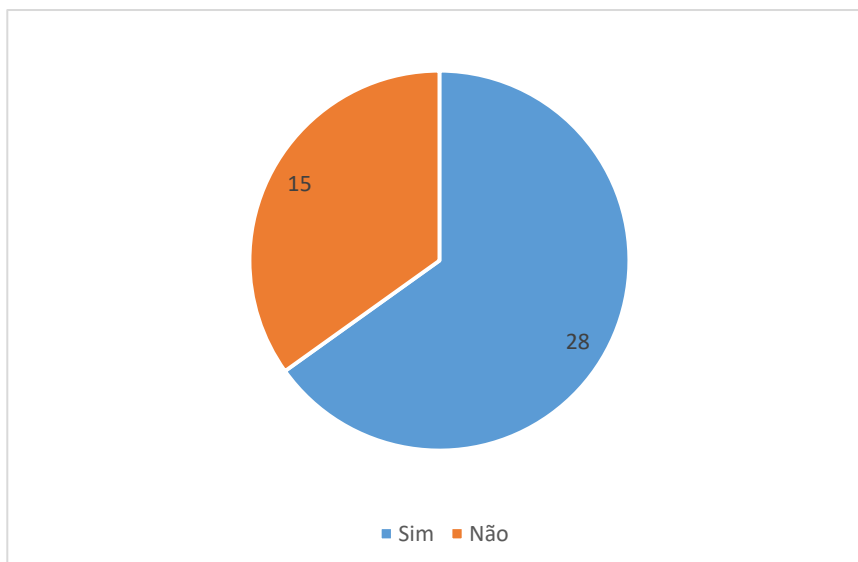


Gráfico 21: Opinião dos alunos sobre a contribuição da Geografia para os tornar pessoas mais informadas e participativas socialmente.

Através do gráfico 21, podemos comprovar que a maioria dos alunos considera que a Geografia poderá ‘servir’ para os tornar pessoas mais informadas e participativas socialmente (28 alunos), apesar de existir ainda um número considerável que responde de forma negativa (15 alunos).

Relativamente à questão 9.1., destinada apenas aos alunos que tivessem respondido afirmativamente à pergunta anterior, foi possível definir duas categorias de análise. A primeira diz respeito à intervenção social em simples conversas. Ou seja, um número significativo de alunos considera que a Geografia contribui para os tornar mais informados e participativos, permitindo que, numa conversa entre amigos, possam expressar os seus conhecimentos sobre o mundo: **9.1.A55** “Quando me perguntarem alguma coisa ou se por acaso no futuro eu precisar dos meus conhecimentos de Geografia, vou sempre saber.”; **9.1.A84** “Quando conversar com um amigo posso ter mais informação relativamente ao mundo em geral.”; **9.1.A71** “Para poder entrar em conversas (...).”; **9.1.A88** “Eu ao saber de Geografia não respondo mal às perguntas que me possam fazer numa conversa sobre algum tema.”. Estes inquiridos revelam que se podem tornar mais informados e participativos através da Geografia, o que se relaciona com a utilidade prática desta disciplina.

A outra categoria (B), diz respeito à informação que a disciplina de Geografia fornece sobre outros países: **9.1.B85** “*Se formos a um país diferente já estamos informados.*”; **9.1.B49** “*Torna-me mais informada para quando por exemplo quiser ir de férias e saber onde é, o porque de querer ir lá, etc.*”; **9.1.B87** “*Sim, porque se um dia eu for viajar em trabalho para outro país, com a Geografia já o conheço um pouco melhor e consigo orientar-me lá melhor.*”

A maioria das respostas a esta questão, dada a sua diversidade, não foram categorizadas, mas deixo aqui um exemplo que me despertou a atenção: **9.1.57** “*Sim, porque para mim é informação útil saber como se fazem as cidades (...).*”

As categorias definidas apresentam-se no quadro 6, apresentando-se alguns exemplos de respostas e sistematizando a informação recolhida.

Categoria	Unidade de registo	Unidade de contexto	Número de registos
A-Participação em conversas sobre cultura geral.	“ <i>Quando me perguntarem alguma coisa ou se por acaso no futuro eu precisar dos meus conhecimentos de Geografia, vou sempre saber.</i> ”	55	7
	“ <i>Quando conversar com um amigo posso ter mais informação relativamente ao mundo em geral.</i> ”	84	
	“ <i>Para poder entrar em conversas (...).</i> ”	71	
	“ <i>Eu ao saber de Geografia não respondo mal às perguntas que me possam fazer numa conversa sobre algum tema.</i> ”	88	
B-Conhecimento de outros países.	“ <i>Torna-me mais informada para quando por exemplo quiser ir de férias e saber onde é, o porque de querer ir lá, etc.</i> ”	49	8
	“ <i>Sim, porque se um dia eu for viajar em trabalho para outro país, com a Geografia já o conheço um pouco melhor e consigo orientar-me lá melhor.</i> ”	87	
	“ <i>Se formos a um país diferente já estamos informados.</i> ”	85	

Quadro 6: categorização das respostas à questão 9.1. – Justificação dos alunos sobre a contribuição da Geografia para os tornar pessoas mais informadas e participativas socialmente.

Relativamente à questão 10, esta questionava os alunos relativamente à utilidade da Geografia no dia-a-dia: “*Consideras que a Geografia tem utilidade no teu dia-a-dia?*” e os resultados comprovam-se no gráfico que se apresenta de seguida.

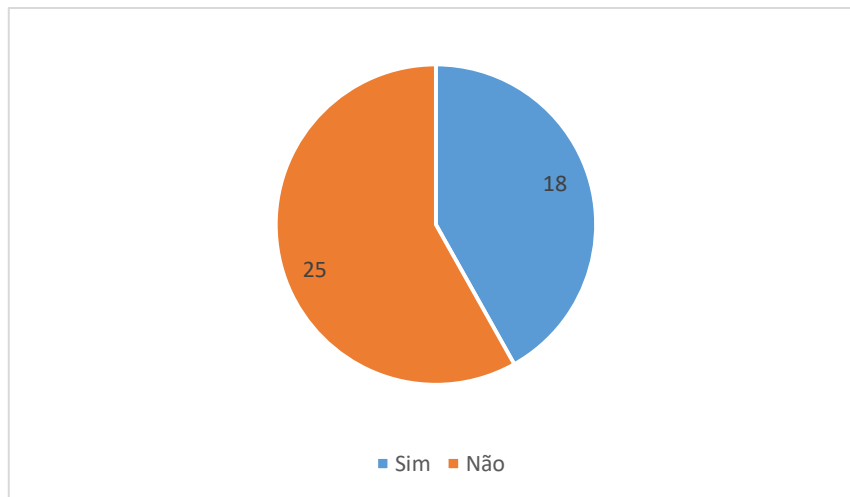


Gráfico 22: Opinião dos alunos sobre a utilidade da Geografia no seu dia-a-dia.

Tal como aconteceu na disciplina de História, os resultados foram surpreendentes. Estamos a falar de mais de metade dos alunos inquiridos que responderam de forma negativa a esta questão: ou seja, 25 alunos consideram que a Geografia não é ser útil no seu quotidiano. Assim, apesar de os alunos a considerarem uma disciplina importante e de terem interesse pela mesma, consideram que, quando se trata do seu dia-a-dia, esta não tem utilidade. O que me surpreendeu nesta questão, e analisando de forma detalhada cada resposta, foi o facto de os alunos darem exemplos da utilidade da Geografia em outras perguntas do inquérito. Talvez s não tenham compreendido a questão, ou simplesmente, quando remetemos a pergunta para o seu dia-a-dia, os alunos não compreendem que os exemplos que deram em respostas anteriores refletem a utilidade da Geografia no seu quotidiano: quando na questão 9.1. abordam a sua utilidade nas conversas que podem ter ou nas viagens que realizam, ou na questão 8.1 quando falam da importância de nos sabermos localizar no espaço... não são exemplos do dia-a-dia?

É por isso intrigante que alguns alunos falem da utilidade da Geografia em outras questões, sem que tal lhes ter sido questionado diretamente, e nesta questão respondam de forma negativa.

No entanto, não podemos ignorar que uma parte significativa dos alunos respondeu de forma positiva, prosseguindo para a questão 10.1: *“Se respondeste SIM, dá um exemplo concreto da utilidade da Geografia no teu dia-a-dia.”*. Também estas respostas foram bastante surpreendentes e, de facto, alguns alunos conseguem dar exemplos muito concretos de como a Geografia se pode tornar útil na sua vida quotidiana.

A primeira categoria (categoria A) diz respeito à localização. Para estes alunos a Geografia torna-se útil no dia-a-dia para nos sabermos localizar. Mais uma vez, estas opiniões corroboram o conceito de consciência espacial, abordado no enquadramento teórico deste relatório: **10.1.A85** “*A Geografia tem utilidade no dia-a-dia para nos orientar.*”; **10.1.A48** “*Posso precisar dela para me localizar.*”; **10.1.A89** “*Para saber onde fica o Norte.*”.

A segunda categoria (categoria B), diz respeito ao entretenimento. Ou seja, alguns alunos consideram que a Geografia pode ser útil para interpretar as notícias que aparecem na comunicação social: **10.1.B86** “*para perceber melhor as notícias (...);*” **10.1.B84** “*Para entender o que aparece na televisão.*” Estes dois exemplos são bastante elucidativos, demonstrando que alguns alunos têm consciência de que aquilo que aprenderam na disciplina se revela útil.

Por último, a terceira categoria (categoria C) não oferece grande novidade ao que tem vindo a ser referido até agora. Nesta categoria, como aconteceu em questões anteriores, os alunos referem a cultura geral para justificar o seu gosto pela disciplina e, neste caso concreto, a sua utilidade no dia-a-dia: **10.1.C88** “*É que os pais podem fazer alguma pergunta (...) e é uma vergonha não saber.*”; **10.1.C81** “*Para termos uma boa conversa com alguém e para termos mais cultura geral.*”; **10.1.C79** “*Para saber de tudo um pouco, para ter mais cultura.*”. Sistematizam-se estes exemplos no quadro 7.

Categoria	Unidade de registo	Unidade de contexto	Número de registos
A-Localização (orientação)	<i>“A Geografia tem utilidade no dia-a-dia para nos orientar.”</i>	85	8
	<i>“Posso precisar dela para me localizar.”</i>	48	
	<i>“Para saber onde fica o Norte.”</i>	89	
B-entretenimento	<i>“Para perceber melhor as notícias (...).”</i>	86	3
	<i>“Para entender o que aparece na televisão.”</i>	84	
C-Cultura geral	<i>“É que os pais podem fazer alguma pergunta (...) e é uma vergonha não saber.”</i>	88	3
	<i>“Para termos uma boa conversa com alguém e para termos mais cultura geral.”</i>	81	
	<i>“Para saber de tudo um pouco, para ter mais cultura.”</i>	79	

Quadro 7: categorização de algumas opiniões de alunos sobre a utilidade da Geografia no seu dia-a-dia.

As questões 10 e 10.1. são as que mais se enquadraram neste relatório de estágio e no objetivo deste trabalho, apesar de, mesmo não sendo minha intenção, os alunos acabarem por exprimir a sua opinião sobre a utilidade desta disciplina, em outras questões ao longo do inquérito.

Por fim, a última questão (11): *“De que forma a disciplina de Geografia te pode mudar enquanto pessoa, na tua relação com os outros e na forma como encaras o mundo?”* Esta era talvez, como já referi anteriormente, a questão mais complexa e exigente. Obrigava a alguma reflexão por parte dos alunos e, por esse motivo, alguns não responderam (19 alunos). Esta questão apelava mais ao sentido emocional e simbólico da Geografia, assim como aos valores que ela pode transmitir. Dada a diversidade de respostas, apenas foi possível criar duas categorias, sendo que a maioria das respostas não se encontra em nenhuma delas.

A primeira categoria (A) diz respeito à mudança do aluno, no sentido de se sentir mais enriquecido culturalmente com a aprendizagem desta disciplina. Ou seja, para estes alunos a Geografia pode mudá-los na medida em que lhes acrescenta sabedoria: **11.A51** *“Encaro o mundo com mais sabedoria.”*; **11.A62** *“Sei mais sobre o mundo.”*; **11.A53** *“Pode-me ajudar de forma a ter mais cultura e saber mais coisas.”*; **11.A77** *“Pode ajudar-me a desenvolver-me socialmente e adquirir mais conhecimento;”* **11.A81** *“Sendo mais cultos e mostrando uma melhor imagem de nós mesmos.”*; **11.A58** *“Torna-me uma pessoa mais culta e sábia.”* Para estes exemplos, poderia aplicar-se a premissa de que “o saber não ocupa lugar”. Mas a verdade é que o saber ocupa lugar: ele transforma, cria mudança, abre horizontes àqueles que dele se apropriam, aqueles que permitem que esse saber não caia no vazio.

A segunda categoria (B) foi particularmente aliciante, relacionando-se com a mudança na própria personalidade do aluno. Os dois exemplos que apresento são absolutamente incríveis: **11.B49** *“Não sendo uma pessoa fútil e ingénua em relação ao mundo e aos seus problemas; e 11.B89* *“Muda-me na forma de pensar na realidade em vez de acreditar na esperança.”* Para estes dois alunos, a Geografia tornou-se fundamental para uma mudança de mentalidades. Em primeiro lugar, porque o conhecimento do mundo, através desta disciplina, se torna muito mais completo, o que providencia aos jovens uma abertura dos seus próprios horizontes, conferindo-lhes uma maior consciência geográfica, ou seja, do espaço que ocupam no mundo. Mas sobretudo, o saberem posicionar-se pe-

rante ele, nas mais variadas esferas da Geografia: social, política, ambiental, etc. No primeiro exemplo, a aluna considera-se uma pessoa menos fútil, ou seja, mais preocupada com aquilo que realmente se torna imprescindível e menos ingénuo em relação ao mundo. Da sua opinião transparece uma grande consciência geográfica, pois esta aluna, pelo contacto que tem com a Geografia, percebe que se transforma em alguém mais informado, mais interventivo, mais preocupado e mais realista perante o espaço que ocupa no mundo. Assim, considero que para esta aluna, o contacto com esta disciplina possibilitou uma orientação na sua vida.

O segundo exemplo é profundo e transmite uma opinião séria que importa ser analisada. Este aluno considera que a Geografia mudou a sua forma de pensar a realidade, ou seja, encara-a de uma forma diferente, com um olhar geográfico, seja ao olhar uma paisagem e conseguir decifrá-la, seja a interpretar uma notícia. No fundo, à semelhança do seu colega, pelo contacto que tem com esta disciplina tornou-se muito mais realista, muito mais cautelosa, mais crítica face aos problemas mundiais. Afinal, estamos nestes dois exemplos a falar da utilidade teórica da Geografia. De facto, esta ciência transmite valores que nos possibilitam uma visão mais holística e transparente da realidade que passamos a conhecer.

Este legado de valores é tão ou mais importante que o “legado científico”. Nestes dois exemplos comprova-se a “utilidade teórica”, abordada no enquadramento do presente relatório. A Geografia revela-se útil de uma forma visível e apresenta um utilitarismo mais vincado do que a História, mas também se revela em simples gestos e atitudes. Torna-se relevante, quando tomamos consciência que nos tornámos pessoas diferentes pelo conhecimento que temos do mundo em que estamos inseridos.

Para uma abordagem mais sintética elaborei o quadro 8, onde se explanam alguns dos exemplos mencionados anteriormente.

Categoria	Unidade de registo	Unidade de contexto	Número de registos
Sabedoria/cultura.	<i>“Encaro o mundo com mais sabedoria.”</i>	51	13
	<i>“Sei mais sobre o mundo.”</i>	62	
	<i>“Pode-me ajudar de forma a ter mais cultura e saber mais coisas.”</i>	53	
	<i>“Pode ajudar-me a desenvolver-me socialmente e adquirir mais conhecimento.”</i>	77	
	<i>“Sendo mais cultos e mostrando uma melhor imagem de nós mesmos.”</i>	81	

	<i>“Torna-me uma pessoa mais culta e sábia.”</i>	58	
B- mudança na própria personalidade do aluno.	<i>“Não sendo uma pessoa fútil e ingênua em relação ao mundo e aos seus problemas.”</i>	49	2
	<i>“Muda-me na forma de pensar na realidade em vez de acreditar na esperança.”</i>	89	

Quadro 8- categorização das respostas à questão 11 – A forma como a Geografia nos pode mudar enquanto pessoas, e na forma de encarar o mundo.

Comparando os resultados dos inquéritos efetuados nas disciplinas de História e Geografia, considero que não existem diferenças significativas, mesmo que com mais um ano de escolaridade. Aliás, considero que, de certo modo, os alunos de História se mostraram mais predispostos a responder de forma mais completa e sincera. No entanto, também na análise dos inquéritos de Geografia se verificaram respostas muito interessantes que comprovam que os alunos revelam alguma consciência do espaço que ocupam no mundo, em diversas dimensões.

2.4.2.2. “Let them draw”- Desenhos em Geografia

Depois de analisado o inquérito, onde se obtiveram respostas bastante curiosas, passamos agora à análise dos dados recolhidos através dos desenhos. Uma vez que a maioria dos desenhos recolhidos se mostraram semelhantes (os alunos, na sua maioria desenharam globos) irei nas páginas seguintes analisar apenas alguns exemplos que considere particularmente interessantes. Também como já fiz referência anteriormente aquando da análise dos desenhos na disciplina de História, na mesma “ficha de trabalho” solicitei aos alunos que numa frase dissessem o que para eles significava a História. Essas respostas serão no final deste subcapítulo também analisadas.

Vários alunos desenharam globos. De facto, é comum relacionarmos a imagem do mundo quando falamos desta ciência. Vejamos alguns exemplos:



Figura 13 - desenho de aluno 12



Figura 14 - desenho de aluno 13



Figura 15- desenho de aluno 14



Figura 16- desenho de aluno 15

Apesar disso, outros alunos foram mais audazes na sua criatividade, e apesar do globo estar presente nos seus desenhos, relacionaram-no com outras ideias. Apresentam-se de seguida alguns exemplos:



Figura 17- desenho de aluno 16

O desenho deste aluno é no mínimo curioso. O rapaz por ele desenhado interroga-se ao “olhar” para o mundo. Realmente, a Geografia, como tem vindo a ser referido, torna-nos diferentes na medida em que nos podemos tornar mais críticos e responsáveis, ou seja, ter consciência do espaço que ocupamos e orientarmos a nossa vida tendo em conta esses conhecimentos, adquiridos, neste caso na disciplina de Geografia. A Geografia torna-se essa busca incessante pela compreensão do mundo em que vivemos.



Figura 18- desenho de aluno 17

Esta aluna também utilizou o globo, mas deu um sentido completamente diferente ao seu desenho. Para além de algumas bandeiras, simbolizando a diversidade cultural e étnica, desenhou algumas paisagens diferentes, simbolizando mais uma vez a diversidade, neste caso paisagística. Completa o seu desenho com a frase: “Com a Geografia podemos descobrir o mundo.”

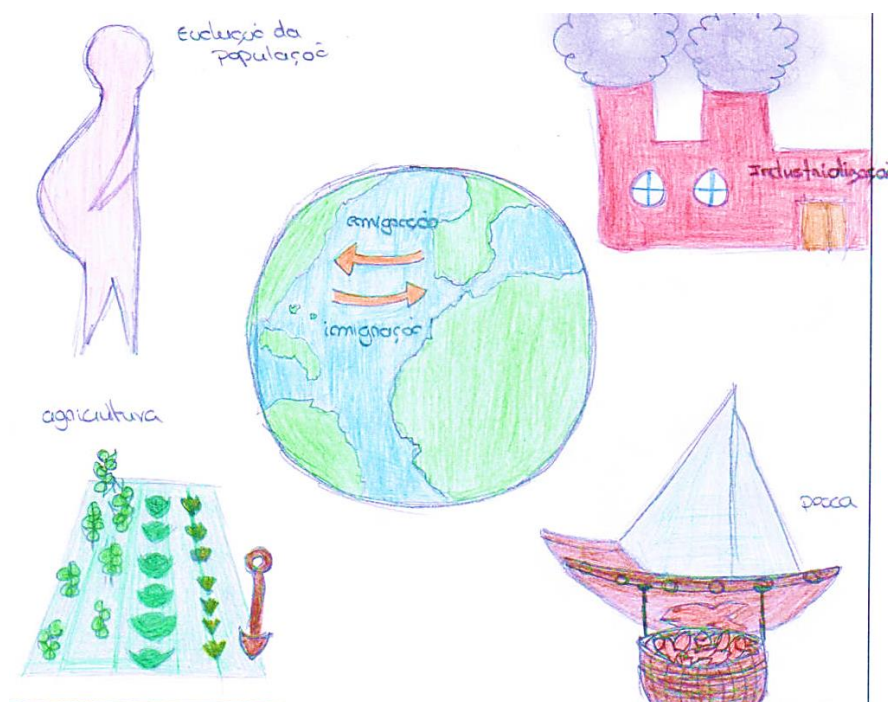


Figura 19- desenho de aluno 18

Esta aluna, por sua vez, desenhou alguns dos temas aprendidos no seu ano de escolaridade, na disciplina de Geografia. Deste modo, para ela a Geografia significa o conhecimento da pesca, da agricultura, da indústria, conhecer a evolução da população e a sua distribuição pelo mundo. Um desenho igualmente extraordinário, na minha opinião.

Por último, vários foram os alunos que submeteram os seus desenhos para a orientação. Ou seja, para eles, a Geografia significa isso mesmo: orientação. Nestes casos, orientação espacial, pelo uso do mapa, da bússola ou do *GPS*, o que vai ao encontro do conceito de consciência espacial e o sentido de orientação que a Geografia nos pode oferecer. Apresentam-se de seguida dois exemplos:

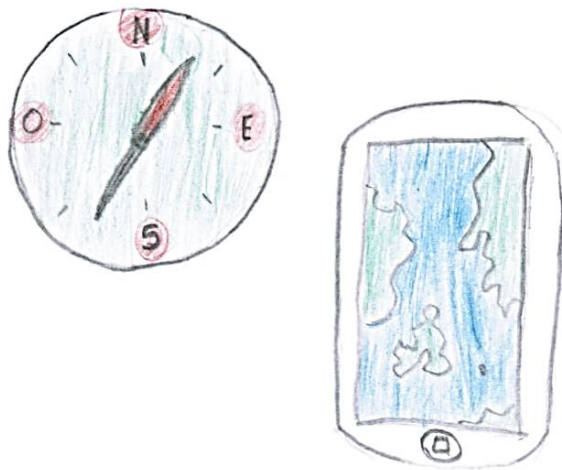


Figura 20- desenho de aluno 19

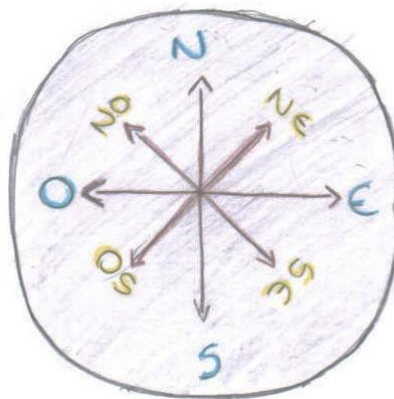


Figura 21- desenho de aluno 20

À semelhança do que aconteceu em História, alguns dos desenhos revelaram muita criatividade, empenho e uma proximidade à essência das próprias disciplinas. Mais uma vez, verifiquei que foi um excelente instrumento de recolha de dados, que me permitiu verificar a opinião dos alunos relativamente à disciplina, comprovando a existência de consciência histórica e consciência geográfica nos alunos.

De seguida proceder-se-á à análise das frases solicitadas na mesma ficha de trabalho, em que se requeria o seguinte: *“Numa frase, refere o que para ti significa a Geografia.”*

Alguns alunos não responderam de forma muito completa e alguns não responderam, de todo. No entanto, a maioria das frases são extraordinárias. Frases simples mas

que transmitem opiniões verdadeiras e genuínas. Frases que evidenciam a sensibilidade de alguns alunos e que nos dão a conhecer o significado que atribuem a esta disciplina.

Analisando estas respostas, existiu um grupo de alunos que relacionou a Geografia com o conhecimento do mundo e da humanidade. Foram estes os exemplos: “*Conhecimento da Humanidade*”; “*Conhecer mais o mundo.*”; “*Geografia é o que se refere à população e ao mundo.*”; “*Geografia é o conhecimento do mundo.*”; “*Para mim a Geografia significa aprender tudo o que tem a ver com o mundo.*”; “*É o ensino sobre o mundo inteiro.*”; “*A exploração do mundo.*” Frases que aquecem o coração de uma professora em iniciação, uma professora que gosta realmente daquilo que ensina! Estas frases são inspiradoras, e para mim, fazem-me ter a certeza que dei algum espaço de reflexão a estes jovens.

Outras frases foram ao encontro do sentido de orientação que a Geografia nos pode conceder: “*Geografia é como que uma orientação.*”; “*Geografia ajuda a orientar a nossa vida*”; “*Saber orientar-nos.*”.

Por fim, destaco algumas frases interessantes e que de alguma forma considere relevantes para esta investigação, pelo significado que os alunos dão à disciplina de Geografia: “*Geografia é reconhecer caminhos e o mundo.*”; “*Saber mais sobre a própria vida.*”; “*Geografia é melhorar o conhecimento.*”; “*Geografia significa conhecer melhor o mundo.*”; “*A sabedoria pelo mundo é a Geografia.*”; “*A Geografia significa as várias atividades que se situam no planeta Terra.*”; “*Geografia é divertida.*”; “*Geografia é vida!*”.

2.4.2.3. “Let them talk”- *Focus Group* em Geografia

Depois de uma análise dos dados recolhidos ao nível do Ensino Básico, na disciplina de Geografia (através do inquérito e do desenho) iremos neste momento analisar os dados recolhidos através do *Focus Group* realizado ao nível do Ensino Secundário.

Uma vez que esta parte do trabalho diz respeito à disciplina de Geografia, apenas reportamo-nos para o primeiro *Focus Group* realizado, dado que das duas turmas participantes (11º1 e 11º2) apenas a primeira tinha esta disciplina.

Esta primeira conversa (turma 11.º 1) foi referente às duas disciplinas (História e Geografia) mas neste momento, irei apenas debruçar-me sobre a disciplina de Geografia, pois a análise do conteúdo relativo a História foi analisado anteriormente.

Faz todo o sentido, neste momento, relacionar mais uma vez as respostas dos alunos com a consciência geográfica e com as utilidades “teóricas” e “práticas” abordadas no enquadramento teórico deste trabalho, tal como aconteceu na análise dos dados na disciplina de História. Seguindo a mesma premissa, elaborei duas grandes categorias de respostas. A primeira prende-se com a utilidade prática e a segunda com a utilidade teórica desta disciplina.

Pelo desenrolar da conversa, ao questionar os alunos sobre a disciplina de Geografia, as opiniões não foram muito dissonantes.

A **primeira categoria “utilidade teórica”** está diretamente relacionada com o legado de valores transmitido pela Geografia. Apesar de ser uma ciência um pouco mais prática, não são necessários somente exemplos palpáveis, concretos e visíveis para comprovarmos a importância e utilidade desta disciplina. De facto, a verdade é que adquirindo consciência geográfica conseguimos compreender que a Geografia é importante nas nossas vidas, que nos torna diferentes, é-nos intrínseco e não ocupamos o nosso tempo a refletir sobre isso. Ao conhecermos mais e melhor o que está à nossa volta, compreendemos o espaço que ocupamos no mundo, assumindo uma atitude de maior responsabilidade pela ações que possam interferir com o mundo dos “outros”. Algumas opiniões dos interlocutores enquadram-se neste panorama da “utilidade teórica”: **FG1a** *“A Geografia é aquela disciplina que nos ajuda a compreender o mundo, as cidades, as regiões, os países: tudo! Engloba várias vertentes da nossa vida, todas elas importantes.”*, **FG1b** *“Parece, à partida, que é uma coisa muito simples e que toda a gente sabe mas ao aprendermos determinados assuntos de Geografia, na escola, percebemos que não é bem assim. Há muita coisa por de trás daquilo que para nós é banal e que faz parte do nosso dia-a-dia. A Geografia acaba por nos obrigar a pensar nessas coisas de forma diferente. Eu acho que isso é importante, sem dúvida!”*, **FG1c** *“A Geografia é muito mais do que saber países e capitais, como muitos dizem. Em Geografia aprofundam-se as questões do nosso dia-a-dia.”*

Os alunos consideram também que a Geografia os pode mudar enquanto pessoas, e na forma como encaram o mundo: **FG1d** “comecei a preocupar-me mais com as questões ambientais.”; **FG1b** “A Geografia no fundo também nos motiva a querer ser mais interventivos e a querer mudar algumas coisas por um bem maior. Ao ter conhecimento de alguns problemas, isso entristece-me mas ao mesmo tempo dá-me vontade de fazer alguma coisa diferente no meu dia-a-dia.”

A Geografia não é, por tudo isto, uma disciplina neutra, ela transmite valores sociais, culturais e ambientais.

Na categoria “utilidade prática” inserem-se outros exemplos transmitidos pelos alunos. De facto, ao contrário do que acontece em História, a Geografia pode apresentar um sentido mais utilitarista. O certo é que se torna mais simples comprovar a sua utilidade pelos exemplos mais práticos, e também considerados mais banais, através das múltiplas experiências do dia-a-dia. O legado funcional da Geografia é referido pelos alunos, através dos exemplos explanados de seguida: **FG1b** “Da próxima vez que andar de avião já vou saber muito mais coisas. A viagem até será diferente por isso mesmo.”, **FG1a** “Ao olhar para os campos, numa simples viagem de carro, às vezes vou a reparar na tipologia dos campos, se é fechado, aberto, uma monocultura ou policultura (...)” **FG1c** “Agora ao dar os transportes, tudo vai ser olhado de maneira diferente. Nem que seja a olhar para o Porto de Leixões, porque se olha de uma forma diferente, porque percebo.” **FG1d** “Agora ao conversar com as pessoas, já sei muito mais coisas, sobre tudo um pouco.”

Dando por encerrado este subcapítulo de análise de dados relativos à disciplina de Geografia, o balanço é bastante positivo. Foi para mim bastante gratificante verificar que a maior parte dos alunos inquiridos apresenta consciência geográfica. De facto, pelos exemplos transmitidos de utilidade teórica e de utilidade prática, os alunos demonstram que a Geografia poderá mesmo modificar as suas personalidades e marcará presença na orientação do seu quotidiano.

Assim, através daquilo que se constatou nas opiniões dos alunos inquiridos consigo afirmar que na grande maioria os alunos consideram a disciplina de Geografia importante e útil.

Considerações Finais

Esta última parte não é uma conclusão acabada, absoluta, mas as minhas considerações/reflexões sobre esta investigação.

Foi um caminho longo, de avanços e retrocessos, mas foi sobretudo um caminho de grande envolvimento com o tema em estudo e particularmente de grandes interrogações e introspeções da minha parte, numa tentativa de ir ao âmago da questão, numa perspectiva sempre muito reflexiva.

Aquilo que defendo está escrito nestas páginas.

A minha opinião é transparente.

A teoria da educação sempre foi importante para mim: o conhecimento que sustenta a prática do ensino. Só assim, a prática se torna cheia de sentido, de valor, de consistência, de diversão, de seriedade. O professor é um eterno aluno e a reflexão acompanhará sempre a minha vida profissional.

Para além da minha opinião, importava-me neste trabalho dar a conhecer a opinião dos meus alunos sobre o tema. Sempre foi meu objetivo dar também aos meus alunos espaço para refletirem sobre a importância destas disciplinas, sobretudo sobre a utilidade “prática” e “teórica” que estas poderiam ter nas suas vidas, no seu quotidiano e no seu futuro.

Quando abordo estas duas utilidades é no sentido de que, na minha opinião estas disciplinas não apresentam somente um caráter utilitário. Ou seja, não pretendi comprovar com os exemplos dados pelos meus alunos que todas as aprendizagens apresentam uma consequência prática, visível, palpável, mas sim que o contacto com estas disciplinas poderia ser útil de uma forma prática, com exemplos concretos, mas também, útil numa perspectiva de transformação da própria personalidade e de adoção de novos valores. Ou seja, *utilidade* no sentido de olhar para o mundo de uma maneira diferente.

Na introdução deste trabalho elaborei algumas questões norteadoras:

- Será que o ensino da História e da Geografia modifica os alunos e as suas vivências quotidianas?
- Verão os alunos “utilidade” nas aprendizagens adquiridas em História e Geografia?
- Os alunos apresentam consciência histórica e consciência geográfica?

- Deverá existir um ensino mais reflexivo destas disciplinas?

Neste momento, irei dar respostas a estas questões através de algumas considerações sobre cada parte deste trabalho. Torna-se pertinente ordená-las numa lógica que obedece à própria estrutura do trabalho e que facilitará ao leitor a compreensão das minhas próprias reflexões finais.

Em primeiro lugar, importa afirmar que, baseado num grupo experimental tão reduzido, não me deve ser permitido fazer generalizações de maior.

Será que o ensino da História e da Geografia modifica os alunos e as suas vivências quotidianas? Por todos os exemplos demonstrados nesta investigação concluo que sim. De facto, o contacto com estas disciplinas possibilita uma mudança naqueles que a aprendem. Não se torna evidente em todos os casos, uma vez que tudo isto depende de uma diversidade de fatores como a motivação do professor, a própria predisposição do aluno para aprender, etc. Apesar de acreditar que se torna verdade, tenho a consciência, até pelo contacto com a prática, de que alguns alunos, por não gostarem da escola, das disciplinas, não se deixam imbuir pelas mesmas e por isso não se deixam modificar tanto por elas. No entanto, a História e a Geografia, pela proximidade dos conteúdos com a vida quotidiana, servirão para acrescentar sempre algo à formação do aluno. Esta minha opinião é, de certo modo, sustentada pela opinião que os alunos transmitiram sobre o assunto.

Verão os alunos “utilidade” nas aprendizagens adquiridas em História e Geografia? Apresentam consciência histórica e consciência geográfica?

Em diversos patamares, de diversas formas, os alunos orientam as suas vidas pela consciência que têm do espaço que ocupam no mundo e na espessura do tempo.

Estar consciente do contexto, neste caso espaço-temporal, onde me insiro torna-me consciente de mim mesmo e da relação que mantenho com os “outros” e com o meio.

Mas sendo algo que não se torna tão evidente, visível, e que não se consegue contabilizar, como poderia eu comprovar a importância destas disciplinas para o desenvolvimento da consciência histórica e da consciência geográfica junto dos alunos? Através de exemplos transmitidos pelos próprios.

Conseguimos comprovar que orientamos a nossa vida em função dos conhecimentos históricos e geográficos pelos exemplos que podemos transmitir da utilidade destas disciplinas.

Foi sempre meu objetivo dar a conhecer a opinião dos alunos. Escutar as suas vozes e os seus pensamentos era fundamental. Por isso mesmo, “Let them write”, “Let them draw”; “Let them speak.”

Considero que apesar das frases pouco estruturadas, vagas, e de certo modo, reductoras, principalmente ao nível do Ensino Básico, os alunos conseguem extrapolar para a prática aquilo que à partida é tão complexo. Através das suas frases, simples, próprias da idade, os alunos, nos inquéritos e fichas de trabalho realizadas dão a conhecer a sua relação com estas disciplinas, e dão exemplos concretos da sua utilidade.

Os alunos do Ensino Secundário, durante o *Focus Group*, foram dando uma opinião mais sustentada sobre a sua relação com as disciplinas e deram também exemplos fascinantes, tanto práticos como teóricos de como a História e a Geografia poderiam assumir-se importantes e úteis nas suas vidas.

Podemos afirmar que os alunos do 7.º, 8.º e 11.º anos de escolaridade apresentam uma consciência histórica e uma consciência geográfica? Conseguem apropriar-se do conhecimento do espaço e do tempo, agindo na sua vida quotidiana perante esse conhecimento? Acredito que sim, mas é necessário continuar a trabalhar nesse propósito. Considero que há um caminho que ainda temos de percorrer.

Surge a última questão: deverá existir um ensino mais reflexivo destas disciplinas?

Claramente que a minha opinião é afirmativa e este relatório serve também para alertar aqueles que o lerem para o facto de ser importante trabalhar nos alunos a consciência histórica e consciência geográfica.

Na prática, na escola, nas salas de aula, aquilo que defendo é que devem ser criados, pelo professor, momentos de reflexão. Isto quer dizer que nas aulas de História e Geografia, apesar de todas as circunstâncias (gestão do currículo, carga semanal reduzida, problemas de indisciplina, etc.), o professor se deve esforçar por dar aos seus alunos a oportunidade de refletirem sobre aquilo que aprendem. Como uma aluna referiu durante a realização do *Focus Group*: **FG1d** “*Nós temos estas disciplinas mas nem pensamos na sua devida importância e utilidade e a stôra deu-nos essa oportunidade. Agora vai ser diferente.*”

De que forma os professores poderão tornar o ensino mais reflexivo, trabalhando com os alunos o desenvolvimento destas consciências? Como poderá o professor dar aos seus alunos a oportunidade de refletirem sobre aquilo que aprendem? No meu ponto de

vista, seria algo simples: em alguns pormenores, em certas aprendizagens, em cada tema abordado (seja de que forma for - utilizando o audiovisual, através da exposição oral, do trabalho de grupo, do jogo didático, etc...) mostrar aos jovens a importância que esse conhecimento histórico e conhecimento geográfico podem trazer para as suas vidas. Não só os conhecimentos científicos transmitidos, mas também apelando ao legado de valores que estas disciplinas nos podem deixar.

Por exemplo, quando ensinamos um tema delicado, um passado doloroso, como é por exemplo a Segunda Guerra Mundial, mais do que transmitir os factos históricos de forma mecanicista, o professor de História deve ter a sensibilidade de explicar aos seus alunos a importância que emerge da aprendizagem deste tema: mais do que não seja, para os tornar cidadãos conscientes, mais tolerantes e solidários. Ou por exemplo, quando, em Geografia abordamos os temas das catástrofes naturais, o professor para além da transmissão dos próprios conhecimentos científicos deve alertar os jovens para a importância que tem o ordenamento do território e a prevenção de algumas calamidades. O professor deve, mais uma vez, ter a sensibilidade de compreender que o ensino deste tema poderá estar relacionado com a vivência dos alunos (no caso dos incêndios, por exemplo) e deverá sobretudo transmitir aos alunos a importância de saber como prever ou prevenir estas catástrofes.

Dois temas diferentes, duas disciplinas diferentes, momentos de reflexão distintos sobre a importância do conhecimento de cada um dos temas. Ainda assim, necessários.

Defendo, por isso, um ensino onde exista espaço de reflexão, e onde se ensinem os conteúdos de uma forma que possam estar mais direccionados para as próprias necessidades da sociedade e necessidades dos alunos. Defendo, no fundo, um ensino repleto de sentido. Um ensino que não seja a simples transmissão de saberes, um ensino onde o objetivo não seja tornar os alunos “bibliotecas ambulantes” mas sim cidadãos conscientes. Um ensino que se preocupe mais com a aprendizagem significativa dos alunos, numa perspectiva de formação íntegra, do que com o 3 ou o 4 que o professor terá que atribuir no final do período. O que importa mesmo é o que o aluno levará na sua “bagagem”, que foi preparando ao longo de 12 anos. O aluno não leva somente as notas, não deve ser isso que o identifica e o torna diferente. O aluno leva “nessa bagagem” muito, muito mais do que isso.

Tantas vezes, enquanto aluna me questione: “para que preciso de saber isto?” ou “porque tenho que aprender isto?”. Considero que há alunos que fazem essas questões

também. No entanto, as suas vozes não são muitas vezes escutadas e caímos no erro, de tornar o ensino desprovido de valor, e mais uma vez caímos na máxima de que o importante é o aluno tirar boa nota no teste, para transitar de ano. Não será mais cativante para os alunos relacionarem os conteúdos da disciplina com exemplos concretos do seu dia-a-dia? Não será um ensino mais valorizado pelos próprios alunos? Considero que adotar esta estratégia não é impossível, alguns professores acredito que o fazem, e eu própria tentei ao longo do meu ano de estágio fazer o mesmo.

Mais do que transmitir conhecimentos e valores é explicar aos alunos a razão pela qual os estamos a transmitir. Assim, defendo igualmente um ensino que “aproveite” as ideias tácitas dos alunos, e que ao mesmo tempo se preocupe com as suas vivências, exigências e problemas.

Não pretendo ser fundamentalista ao ponto de acreditar que diariamente se torna possível os docentes adotarem este sistema. No entanto, considero que o erro reside no facto de considerarmos isto uma ilusão, e que se submete apenas à teoria. Deve ser uma preocupação dos professores e pode trabalhar-se essa consciência simplesmente utilizando uma frase que sensibilize os alunos, uma imagem, etc. – algo que demonstre a importância e/ou utilidade de determinado conteúdo.

Dou um exemplo muito concreto, de uma das turmas (7.º 1), quando abordei o legado deixado pelos gregos e falei no exemplo dos Jogos Olímpicos. Uma vez que os Jogos Olímpicos iriam acontecer no Rio de Janeiro passados poucos meses de terem sido abordados na aula de História, alertei os alunos para o facto de ser curioso e importante eles conhecerem as suas origens, conhecer a razão pela qual surgiram, como eram realizados, etc. Os alunos ficaram maravilhados! Mostrei-lhes um exemplo concreto de como podia ser importante aprenderem aquele tema (verem na televisão os Jogos Olímpicos e perceberem a sua origem). Acredito que alguns dos alunos que tiveram a oportunidade de aprender este tema, e se lembraram da importância que dei ao facto de eles estarem a aprender sobre esse tema, assistiram aos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro de 2016 com outros olhos, com um olhar histórico. Deste modo, a história revelou-se útil no seu quotidiano.

Apesar de alguns poderem considerar que os alunos, compreendem essa importância, mesmo sem o professor a mostrar ou falar dela, a minha opinião é que, sobretudo nas faixas etárias mais novas, é necessário reforçar essa premissa, levando os alunos a refletirem sobre isso. Muitas vezes, o que acontece é que os alunos pensam sobre isso,

mas não lhes é dada a oportunidade de exteriorizar essa opinião. Os alunos muitas vezes reconhecem a importância das disciplinas, mas quando falam sobre isso? No fundo, este relatório de estágio torna-se um apelo.

Pelas opiniões dos alunos compreendi que, de facto, a História e a Geografia é importante para eles, tem utilidade nas suas vidas. A sua aprendizagem, pelos mais diversos temas modifica-os, mais que não seja pela visão mais consciente que têm do mundo. Tal como preconiza Peter Lee (2006, cit. por Leal, 2010), os estudantes farão uso da história para se orientarem no tempo.

Para Custódio *et al* (2015) Os alunos devem aprender Geografia, na escola, uma vez que esta disciplina ajuda-os no desenvolvimento da sua autonomia pessoal, convertendo-os em cidadãos de plenos direitos. Assim, cada aluno poderá, ao aprender Geografia, entender como e por que razão o espaço geográfico se organiza de uma determinada maneira, sabendo de que forma deverá agir sobre ele, no fundo “pensar o espaço” de que nos fala Herculano Cacinho (2000).

A consciência histórica e a consciência geográfica é de certo modo intrínseca ao ser humano, mas elas só são desenvolvidas e exploradas, através do contacto com as disciplinas em estudo.

Nas salas de aula deve existir espaço de reflexão sobre a importância e utilidade dos temas abordados.

O professor nunca deverá deixar-se vencer pelas adversidades, pelo cansaço, pelo medo. Deve refletir que a sua profissão é crucial para o futuro da humanidade e por isso deverá preocupar-se com a formação íntegra e completa dos seus alunos.

Um professor que ensina com o coração, com o brilho nos olhos do entusiasmo por ensinar, que se preocupa com as vivências dos alunos e que lhes mostra a importância e utilidade da aprendizagem de determinado tema é o professor que deixa uma marca na alma de quem ensina. É o professor que também “vai na bagagem”.

Referências Bibliográficas

- Arrais, C. A. & Oliveira, E. C. (2012). *As funções da teoria da história na construção do livro didático*. Goiás: Editora da PUC.
- Barca, I. (2007). Marcos da Consciência Histórica de Jovens Portugueses. *Currículo Sem Fronteiras*, 7 (1), 115-126. Acedido Julho 5, 2016, em <http://www.curriculo-semfronteiras.org/vol7iss1articles/barca.pdf>
- Bell, J. (2004). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Barom, W. C. C. & Cerri, L. F. (2011). *O ensino da História a partir da teoria de Jörn Rüsen*. Maringá: Universidade Estadual.
- Bloch, M. (1997). *Introdução à História*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Cachinho, H. (2000). Geografia Escolar: Orientação Teórica e Praxis Didáctica. *Inforgeo*, 15, 69-90. Acedido agosto 21, 2016, em http://www.apgeo.pt/sites/default/files/inforgeo_15.pdf.
- Callai, H. C. (2005). Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. *Educação Geográfica e as Teorias de Aprendizagens*. 25 (66), 227-247. Acedido agosto 6, 2016, em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf>.
- Castro, J. (1961). *Geopolítica da Fome*. São Paulo: Editora Brasileira.
- Cavalcanti, L. S. (2006). *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas: Papirus.
- Correia, P. (2012). Geopolítica e Geoestratégia. *Nação e Defesa*. 131, 229-246. Acedido agosto 3, 2016, em https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/7670/1/NeD131_PedroPezaratCorreia.pdf.
- Dardel, E. (2011). *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspetiva.
- Duby, G. (1996). O historiador, hoje. In G.; Duby; P. Ariès; E. L. R. Ladurie & J. Le Goff (orgs.), *História e Nova História*, 7-12. Lisboa: Teorema.
- Foddy, W. (1996). *Como perguntar? Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*. Oeiras: Celta.

- Gago, M. (2007). *Consciência Histórica e narrativa na aula de História: concepções de professores*. Braga: Universidade do Minho - Instituto de Educação e Psicologia.
- González, X. M. S. (2000). A didática da Geografia. Dúvidas, certezas e compromisso social dos professores. *Inforgeo*, 15, 21-42. Acedido agosto 21, 2016, em http://www.apgeo.pt/sites/default/files/inforgeo_15.pdf.
- Halbwachs, M. (1968). *La Mémoire Collective*. (2ª edição). Paris: Presses Universitaires.
- Haubrich, H. (1992). *International Charter on Geographical Education. Commission on Geographical Education: International Geographical Union*. Alemanha: Paedagogische Hochschule Freiburg.
- Leal, F. (2011). Educação histórica e as contribuições de Jörn Rüsen. In *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, São Paulo, jul. 2011.
- Lee, P. (2006). *Em direção a um conceito de literacia histórica*. Curitiba: Educar.
- Lima, J. A. & Pacheco, J. A. (2006). *Fazer investigação*. Porto: Porto Editora.
- Mantovani, F. (2013). “Literacia histórica” e género: o corpo na revista Capricho. *Revista PerCursos*, 14 (26), 144-157. Acedido julho 5, 2016, em <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724614262013144>.
- Martins, É. R. (2009). *Pensamento geográfico é geografia em pensamento*. Londrina: Mória.
- Moreira, J. M. (2004). *Questionários: Teoria e prática*. Coimbra: Almedina.
- Morgan, D. L. (1997). *Focus group as qualitative research*. Thousand Oaks, California: Sage.
- Nogueira, V. & Carneiro, S. (2009). A Educação Geográfica e a Consciência espacial e cidadã. *Contrapontos*, 8 (1), 85-102, Brasil: Itajaí.
- Piaget, J. (1971). *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Piaget, J. & Inhelder, B. (1973). *A psicologia da criança*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Pillar, A. D. P. (1996). *Desenho e construção de conhecimento na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pina, M. (2015). *O ensino de história na perspectiva de Jörn Rüsen*. Goiás: Universidade Estadual de Goiás.
- Resende, M. M. S.; Vesentini, J. W. (Org.) *et al* (1994). *Geografia e ensino: Textos críticos*. Campinas: Papirus.

- Rios, P. (2007). Salazar vence concurso "Os Grandes Portugueses". *Jornalismo Porto net*. Acedido julho 24, 2006, em <https://jpn.up.pt/2007/03/26/salazar-vence-concurso-os-grandes-portugueses/>.
- Rüsen, J. (2001). *Razão histórica. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora UNB.
- Rüsen, J. (2015). *Teoria da História- uma teoria da história como ciência*. Trad. Estevão de Rezende Martins. Curitiba: Editora UFPR.
- Silva, I. S.; Veloso, A. L. & Keating, J. B. (2014). Focus Group: considerações teóricas e metodológicas. *Revista Lusófona de Educação*, 26 (26), 175-190.
- Silva, L. & Ferreira, C. (2000). *O Cidadão Geograficamente competente: competências da Geografia no ensino básico*, 15º Volume, Lisboa: Edições Colibri.
- Schlögel, K. (2007). *In Space We Read Time - On the History of Civilization and Geopolitics*. Chicago: University of Chicago Pr.
- Schmidt, M. A.; Barca, I. & Martins, E. R. (org.) (2010). Jörn Rüsen e o ensino de história: Consciência histórica, mudança social e ensino da história. *Revista brasileira da história da educação*, 11 (2), 191-197. Acedido julho 5, 2016, em <http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/viewFile/8/10>.
- Schmidt, M. A. & Martins, E. R. (2016). *Jörn Rüsen, contribuições para uma teoria da didática da História*. Curitiba: W. A. Editores.
- Schmidt, M. A., & Garcia, T. B. (2006). *Pesquisas em Educação Histórica: algumas experiências*. Curitiba: Educar.
- Tuckman, B. W. (2000). *Manual de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Documentos legais e normativos

- Câmara, A. C.; Ferreira, C. C.; Silva, L.U.; Alves, M. L. & Brazão, M. M. (1991). *Orientações curriculares 3.º ciclo*. Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.
- Decreto-lei nº 139/2012, de 5 de julho. *Diário da República nº 129 – 1ª Série*.
Ministério da Educação e Ciência.
- M.E. (1991). *Programa de História. Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem*. Ministério da Educação: Ensino Básico 3.º ciclo, [Volume I].

Anexos

Anexo 1 – inquérito de História



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Inquérito por questionário

A importância do estudo da História para a vida quotidiana

Este inquérito insere-se no âmbito da Iniciação à Prática Profissional do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A partir dele, visa-se conhecer a perceção dos alunos relativamente à importância da disciplina de História para a sua vida quotidiana.

Assim, solicita-se que respondas a todas as questões com o maior rigor e veracidade possíveis. A tua colaboração no preenchimento deste questionário é fundamental para a minha investigação.

Todos os dados recolhidos serão apenas utilizados para fins estatísticos e respetivo tratamento de informação, por isso garante-se a confidencialidade e o anonimato dos alunos inquiridos. Agradeço a tua colaboração e tempo dispensado.

Lê com muita atenção as questões que se seguem e responde a todas com a máxima sinceridade possível.

I – Dados pessoais

1. Género:

Feminino

Masculino

2. Idade: _____

3. Ano de escolaridade: _____

4. Número de repetências: _____

II – A disciplina de História

5. Gostas da disciplina de História?

Sim Não

5.1. Porquê?

6. De que forma mais gostas ou gostavas de aprender História, na sala de aula? (coloca um X nas três opções que mais se adequam à tua resposta)

- 1. Através da exposição oral da professora
- 2. Analisando documentos escritos
- 3. Visualizando vídeos e filmes
- 4. Realizando exercícios práticos
- 5. Fazendo trabalhos de grupo
- 6. Outra: _____

III – A História no quotidiano

7. Consideras a disciplina de História importante?

Sim Não

**7.1. Por-
quê?** _____

8. Consideras que esta disciplina pode contribuir para te tornares uma pessoa mais informada e participativa socialmente?

Sim Não

8.1. Se respondeste, SIM à questão anterior, de que forma a disciplina pode contribuir para te tornares uma pessoa mais informada e participativa socialmente?

9. Consideras que a História tem utilidade no teu dia-a-dia?

Sim

Não

9.1. Se respondeste SIM, dá um exemplo concreto da utilidade da História no teu dia-a-dia.

10. De que forma a disciplina de História te pode mudar enquanto pessoa, na tua relação com os outros e na forma como encaras o mundo?

Obrigada pela tua colaboração!
Mariana Lemos Pereira

Anexo 2 – inquérito de Geografia



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Inquérito por questionário

A importância do estudo da Geografia para a vida quotidiana

Este inquérito insere-se no âmbito da Iniciação à Prática Profissional do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A partir dele, visa-se conhecer a perceção dos alunos relativamente à importância da disciplina de Geografia para a sua vida quotidiana.

Assim, solicita-se que respondas a todas as questões com o maior rigor e veracidade possíveis. A tua colaboração no preenchimento deste questionário é fundamental para a minha investigação.

Todos os dados recolhidos serão apenas utilizados para fins estatísticos e respetivo tratamento de informação, por isso garante-se a confidencialidade e o anonimato dos alunos inquiridos. Agradeço a tua colaboração e tempo dispensado.

Lê com muita atenção as questões que se seguem e responde a todas com a máxima sinceridade possível.

I – Dados pessoais

1. Género:

Feminino

Masculino

2. Idade: _____

3. Ano de escolaridade: _____

4. Número de repetências: _____

II – A disciplina de Geografia

5. Gostas da disciplina de Geografia?

Sim

Não

5.1. Porquê?

6. De que forma mais gostas ou gostavas de aprender Geografia, na sala de aula? (coloca um X nas **três opções** que mais se adequam à tua resposta)

- 1. Através da exposição oral da professora
- 2. Analisando documentos escritos
- 3. Visualizando vídeos e filmes
- 4. Realizando exercícios práticos
- 5. Fazendo trabalhos de grupo
- 6. Outra: _____

7. De entre os temas de Geografia (segundo as Metas Curriculares), indica a tua preferência relativamente a cada tema numa escala de 1 a 5 (em que 1 corresponde a *não gosto* e 5 a *gosto muito*) - coloca um X para cada tema, no número que mais se adequa à tua resposta) exemplo: Meio Natural: nível 5 X (gosto muito)

Temas	1	2	3	4	5
A Terra: Estudos e Representações					
Meio Natural					
População e povoamento					
Atividades Económicas					
Contrastes de Desenvolvimento					
Riscos, Ambiente e Sociedade					

III – A Geografia no quotidiano

8. Consideras a disciplina de Geografia importante?

Sim

Não

8.1. Por-

quê? _____

9. Consideras que esta disciplina pode contribuir para te tornares uma pessoa mais informada e participativa socialmente?

Sim

Não

9.1. Se respondeste, SIM à questão anterior, de que forma a disciplina pode contribuir para te tornares uma pessoa mais informada e participativa socialmente?

10. Consideras que a Geografia tem utilidade no teu dia-a-dia?

Sim

Não

10.1 Se respondeste SIM, dá um exemplo concreto da utilidade da Geografia no teu dia-a-dia.

11. De que forma a disciplina de Geografia te pode mudar enquanto pessoa, na tua relação com os outros e na forma como encaras o mundo?

Obrigada pela tua colaboração!
Mariana Lemos Pereira

Anexo 3 - pedido de autorização para os encarregados de educação



Pedido de autorização

No âmbito da Iniciação à Prática Profissional e do estágio que estou a realizar na Escola Secundária Inês de Castro, estou a desenvolver uma investigação cujo tema está relacionado com a “ Importância da História e da Geografia para o quotidiano dos alunos”. Esta investigação pretende conhecer a opinião dos alunos face à importância que estas disciplinas podem assumir no seu dia-a-dia.

Neste sentido, necessito de recolher informação, para posterior análise, através de uma modalidade de recolha de dados muito idêntica à entrevista – “Focus Group”, onde os alunos terão oportunidade para dar a sua opinião sobre o tema em estudo, que deverá ser realizada em tempo letivo e não deverá ultrapassar os 40 minutos.

Desta forma, venho por este meio solicitar a autorização da participação do seu educando, garantindo o anonimato do seu depoimento.

Obrigada pela atenção dispensada!

Professora Estagiária Mariana Pereira.

Autorizo / Não autorizo (riscar o que não interessa)

Anexo 4- desenho de História



Nome _____ Nº _____ Turma _____

A importância da História para o quotidiano

Gostava de partilhar contigo esta história: uma professora de desenho pediu aos seus alunos para fazerem um desenho livre. Perguntou a uma das alunas o que estava a desenhar, ao qual a menina respondeu “Estou a desenhar Deus”. A professora, surpreendida, disse que ninguém sabia como era Deus. A menina respondeu: “Vão ficar a saber agora”.

1. Desenha aquilo que para ti significa a História. A criatividade é o limite!

2. Numa frase, refere o que para ti significa a História.

Anexo 5- desenho de Geografia



Nome _____ Nº _____ Turma _____

A importância da Geografia para o quotidiano

Gostava de partilhar contigo esta história: uma professora de desenho pediu aos seus alunos para fazerem um desenho livre. Perguntou a uma das alunas o que estava a desenhar, ao qual a menina respondeu “Estou a desenhar Deus”. A professora, surpreendida, disse que ninguém sabia como era Deus. A menina respondeu: “Vão ficar a saber agora”.

1. Desenha aquilo que para ti significa a Geografia. A criatividade é o limite!

2. Numa frase, refere o que para ti significa a Geografia.

